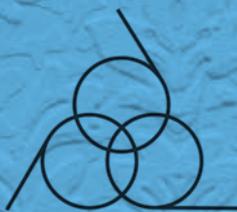




MEMÓRIA VII

2017



Academia de Ciências da Bahia



MEMÓRIA VII

2017



Academia de Ciências da Bahia

2017

© ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

PRESIDENTE DE HONRA

Roberto Figueira Santos

PRESIDENTE

Jailson Bittencourt de Andrade

VICE-PRESIDENTE

Edivaldo M. Boaventura

CONSELHO EDITORIAL

Amilcar Baiardi

Edivaldo M. Boaventura, Coordenador

Tracy Silva Picanço

João Carlos Salles Pires da Silva

Paulo Costa Lima, Vice-Coordenador

Roberto Figueira Santos

Zelinda Margarida de Andrade N. Leão

APOIO TÉCNICO

Táclida Riane Rodrigues de França

DIAGRAMAÇÃO

Ana Clélia Rebouças

ILUSTRAÇÕES

Detalhes de partituras de diversos autores. Seleção de Paulo Costa Lima e Vinicius Amaro

FICHA CATALOGRÁFICA

Academia de Ciências da Bahia: memória 2017. Roberto Figueira Santos (Editor). -

Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2018.

168 p.: il.

ISBN: 978-85-65535-09-0

1. Academia de Ciências da Bahia - História. I. Santos, Roberto Figueira.

CDU - 082

Academia de Ciências da Bahia

Rua Professor Aristides Novis, nº 203, Federação

CEP: 40210-630 - Salvador-BA

Tel. 55 71 31167654

CNPJ 13.729.494/0001-91

www.cienciasbahia.org.br

academiadecienciasdabahia@hotmail.com

DOI 10.5281/zenodo.10614948

Sertania

Sinfonia do Sertão

Ernest Widmer, Opi.138

I. Introdução

Animado e enérgico (♩ = 60)

The musical score is arranged in a standard orchestral format. The instruments listed on the left are: Flauta 1, Flauta 2, Clarinete em Lá, Fagote, Trompa 1, Trompa 2, Trompete em Dó, Trombone 1, Trombone 2, Tuba, Percussão 1, Percussão 2, Percussão 3, Percussão 4, Percussão 5, Percussão 6, Voa, Piano, Violão, Violino I, Violino II, Viola, Cello, and Contrabaixo. The score includes dynamic markings such as *f*, *ff*, *pp*, and *ppp*, and performance instructions like *BLAZZATO*, *STR. WF*, *AGGIUG.*, *PIANO RISPINZO*, *CHICOTE*, and *GRANDE*. A rehearsal mark (8) is located at the bottom left of the page.

Edição gráfica: Herlon Rocha
Edição crítica: Ilza Nogueira



SUMÁRIO

EDITORIAL | 11

1. ATIVIDADES DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA | 15

1.1 Cerimônia de diplomação dos membros admitidos em 2017 | 17

Discurso de abertura | *Roberto Santos* | 23

Discurso de saudação aos novos membros da Academia de Ciências da Bahia | *Eliane Elisa de Souza e Azevêdo* | 28

Discurso de saudação em nome dos novos Membros da Academia de Ciências da Bahia | *Evelina de Carvalho Sá Hoisel* | 34

Discurso de encerramento | *Jailson Bittencourt de Andrade* | 43

1.2 Conferências | 52

Heterogênesse das três formas de pensar e criar: filosofia, ciência e arte | *Pasqualino Romano Magnavita* | 52

O capital humano e a involução econômica da Bahia | *Gustavo Casseb Pessoti* | 56

Juliano Moreira: o protagonismo do psiquiatra baiano nas ciências no Brasil e no mundo | *Ronaldo Ribeiro Jacobina* | 59

1.3 Admissão de novos membros | 62

2. PRÊMIOS | 109

3. PUBLICAÇÕES | 125

4. A FPACBA E O PROGRAMA DE CIDADES HISTÓRICAS – UM DEPOIMENTO | *Mário Mendonça de Oliveira* | 129

5. QUADRO DE MEMBROS DA ACB | 149

Piano Piece

Jamary Oliveira (1984)

The musical score is written for piano and consists of six systems of two staves each. The tempo is marked *Moderato* and the mood is *cantabile*. The score includes various musical notations such as dynamics (*pp*, *ff*, *mf*), articulation (accents, slurs), and performance instructions like *Ped.* and *tempore*. The piece features complex rhythmic patterns and melodic lines, with some sections marked with *B* and *C*. The notation includes treble and bass clefs, time signatures, and various note values and rests.



UM ANO PARA CELEBRAR AS CIÊNCIAS E A PESQUISA

O ANO DE 2017 FOI ESPECIAL para a Academia de Ciências da Bahia (ACB). A instituição passou a ser composta por 75 membros, depois de receber oito acadêmicos titulares e oito membros juniores. Realizada no Salão Nobre da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, a posse dos novos integrantes da ACB foi o grande destaque do ano, com ampla representação da comunidade acadêmica e da sociedade.

Também foi em 2017 que a Ufba e o estado da Bahia comemoraram os 50 anos da criação dos primeiros cursos de pós-graduação. Para marcar essa data, foi criado um grupo de trabalho com acadêmicos das mais diversas áreas do conhecimento.

Coordenado por Roberto Figueira Santos, o grupo formado por Dora Leal Rosa, Robert Verhine e Zelinda Leão mapeou a formação acadêmica e profissional no estado e atuou para expandir a pós-graduação na Bahia. A equipe ainda sistematizou a visão de futuro para o desenvolvimento de pesquisas na academia.

Em paralelo a atuação desse grupo, a ACB deu prosseguimento às suas atividades e promoveu palestras e eventos, recebendo novos pesquisadores e atuando na representação e promoção das ciências. Foram abordados temas em campos distintos, da filosofia à biologia.

Entre as palestras apresentadas, merecem destaque a “Heterogênese das três formas de pensar e criar: filosofia, ciência e

arte”, do arquiteto e professor Pasqualino Romano Magnavita. Além dele, a zoóloga e educadora Rejane Maria Lira da Silva apresentou a pesquisa “Ciência humanitária – uma visão global dos acidentes por animais peçonhentos”.

Palestraram ainda o economista e professor Gustavo Casseb Pessoti. Mestre em análise regional, Pessoti falou sobre “A involução econômica da Bahia”. Já o professor doutor Ronaldo Ribeiro abordou o hospital psiquiátrico Juliano Moreira, na palestra “O protagonismo do psiquiatra baiano nas ciências no Brasil e no mundo”.

Em 2017, vários acadêmicos foram homenageados. O professor Naomar de Almeida Filho recebeu a medalha Nobre Parceria, na embaixada do Canadá. O professor Maurício Barreto foi agraciado com a Comenda Dois de Julho, a mais alta condecoração concedida pela Assembleia Legislativa, além de receber o prêmio Fred. L. Soper, principal reconhecimento da América de atuações em saúde.

Ainda entre os acadêmicos laureados em 2017, o professor João José Reis recebeu o prêmio Machado de Assis, entregue pela Academia Brasileira de Letras. Já o professor Mário Mendonça recebeu o prêmio Arquiteto Diógenes Rebouças, concedido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Bahia.

O presidente da ACB, Jailson de Andrade, recebeu a medalha Ângelo de Cunha Pinto, maior honraria concedida pelo Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cabe destacar também que acadêmico Eduardo Almeida foi empossado como membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências.

Antecipando os debates do ano eleitoral, a ACB contribuiu para a discussão sobre uma política de estado para a ciência, a tecnologia e a inovação. Na prática, foi criado um grupo de trabalho coordenado pelo engenheiro e professor Amilcar Baiardi e composto pelos acadêmicos Irundi Edelweiss e Othon Jambeiro.

Pelo menos quatro eixos foram apresentados por esse grupo como necessários para rever a relação entre as políticas públicas

e as ciências. Os acadêmicos apontaram a necessidade de melhoria na educação em todos os níveis; de enfatizar a Bahia na fronteira da produção do conhecimento; de localizar a bioeconomia e o uso sustentável dos ecossistemas do estado, além de observar o setor industrial pelo viés da agregação de valor à produção e à exportação.

Por fim, em 2017, a ACB buscou interagir melhor com a sociedade e divulgar suas ações. Para isso, criou-se o Comitê de Mídia, formado pelos acadêmicos Othon Jambeiro, Mariluce Moura, Paulo Lima e Nelson Pretto.

Roberto Figueira Santos
Presidente de Honra da ACB

Jailson B. de Andrade
Presidente da ACB

Ponteio op. 35

Piano solo

à José Eduardo Martins

Paulo Costa Lima (1993)

♩ = 132 *Com Fogo*

acelerando nos poucos ...

1 ATIVIDADES DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

1.1 CERIMÔNIA DE DIPLOMAÇÃO DOS MEMBROS ADMITIDOS EM 2017

A SOLENIDADE DE TITULAÇÃO E POSSE de novos membros da Academia de Ciências da Bahia (ACB), realizada na última quarta-feira, 4, no salão nobre da Reitoria da UFBA, reuniu os novos membros escolhidos para titulares das áreas de ciências exatas, agrárias e da terra, ciências da vida, ciências sociais aplicadas, e artes, além de sete membros juniores, que são professores e pesquisadores com até 40 anos. Escolhidos pelo notório saber, os novos acadêmicos participarão dos conselhos editoriais, fiscal e diretor, colaborando com pesquisas, publicações científicas e inovações. Dos 22 membros que tomaram posse, 18 pertencem ao quadro de docentes da UFBA.

O evento foi aberto pelo presidente de honra da ACB, Roberto Figueira Santos, e pelo reitor da UFBA, João Carlos Salles. Apresentações do violonista Mario Ulloa e do Madrigal da Escola de Música da UFBA, fizeram parte da cerimônia. O reitor João Carlos Salles saudou os novos membros acadêmicos, destacando o significado de fazer parte de uma instituição científica que se constrói e cresce com as contribuições coletivas. Durante a sua fala, chamou atenção para a necessidade de defender o projeto de universidade pública, gratuita e de qualidade. “Tudo o que é relativo à produção da ciência está ameaçado, em um momento difícil como esse”, alertou o reitor, que convocou a todos para participarem do Ato de abertura do Congresso de Pesquisa, Ensi-



Roberto Santos: “A ACB está intimamente ligada à UFBA, e a relação entre as duas entidades é fundamental para o desenvolvimento das ciências na Bahia”

no e Extensão da UFBA, que será realizado no próximo dia 16/10, na Reitoria.

O professor e ex-reitor da UFBA Roberto Santos destacou a atuação da ACB, entidade que idealizou e presidiu durante os 7 anos iniciais. “A ACB está intimamente ligada à UFBA, e a relação entre as duas entidades é fundamental para o desenvolvimento das ciências na Bahia”, disse ele, apontando uma série de ações desenvolvidas pela Academia de Ciências, como a edição de livros e realização de palestras, com o propósito de contribuir para produção e difusão do conhecimento científico. Ele recordou a contribuição das primeiras academias de ciências criadas na Bahia e a instalação da própria ACB, no ano de 2010, na sede da Federação das Indústrias do Estado da Bahia.

Roberto Santos apontou as contribuições para a ciência no país, a partir de meados do século XX, com a criação do Conselho



Jailson Bittencourt: “A ciência não está à venda, não pode ser comprada de outros países. A ciência tem que ser conquistada”

Nacional de Pesquisa, das fundações de pesquisa e universidades, que permitiram a formação local de pesquisadores e a criação de programas de pós-graduação. No entanto, considera que as pesquisas científicas e tecnológicas, essenciais para o bem-estar das sociedades modernas, ainda não têm o devido reconhecimento de boa parte dos governantes.

Em saudação aos novos membros da ACB, Eliane Azevedo, professora e também ex-reitora da UFBA, afirmou que os acadêmicos empossados engrandecem a Academia de Ciências da Bahia com o aporte de novos conhecimentos. “A Bahia tem o privilégio de ser a célula mater do ensino superior no país”, disse ela, que destacou a importância da reforma universitária liderada pelo então reitor Roberto Santos e a sua contribuição como professor e pesquisador no Hospital das Clínicas. À frente do projeto de criação da ACB, Roberto Santos agregou pesquisadores re-

nomados – em um total de 53 membros fundadores, e conseguiu, em tempo recorde, o certificado de utilidade pública municipal, estadual e federal da entidade. “O amor pela ciência nunca se enfraqueceu no coração do professor Roberto, mesmo quando exercendo cargos como o de Governador do Estado da Bahia ou Ministro”.

Para a professora Evelina Hoisel, que preside a Academia de Letras da Bahia e fez o discurso em nome dos acadêmicos, o projeto de criação da ACB germinou graças a força agregadora de Roberto Santos e a sua convicção de que não existe desenvolvimento social e econômico sem ciência. “A ACB congrega nomes exponenciais das ciências, muitos deles ligados a UFBA, que tem propiciado a formação de cientistas e pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento”.

“A Academia de Ciências da Bahia tem afirmado a sua contribuição para o nosso Estado como um centro difusor do conhecimento, valorizando o pensamento crítico e inovador, colocando a ciência a serviço da humanidade”, disse a professora. “A ACB tem como princípio agregar profissionais das diversas áreas de conhecimento. É um espaço de pluralidade, diversidade e respeito às múltiplas áreas do saber”.

Na ocasião, ela cobrou o posicionamento da comunidade científica diante do projeto de desmonte das universidades públicas e da ciência que acontece atualmente no Brasil, em um momento desafiador diante de uma crise civilizacional e um mundo em convulsão. Para a Evelina Hoisel, a ciência tem a capacidade de encontrar soluções para os problemas que afetam a sociedade e a universidade é um locus importante para a produção do saber.

O atual presidente da ACB Jailson Bittencourt apontou os extraordinários avanços científicos e tecnológicos, que propiciaram a expansão agrícola e a disponibilidade de mais alimentos, avanços na medicina que permitiram a cura de muitas doenças, e a revolução nas tecnologias da comunicação e difusão da informação. Avanços que resultaram no crescimento do número de

habitantes no planeta e no aumento da expectativa de vida desde o século passado. Ele reafirmou o compromisso da entidade que preside de contribuir para a desenvolvimento social e econômico sustentável, valorizando as ciências em toda a sua plenitude, contemplando as diversas áreas do saber.

“O investimento em ciência e pesquisa deve ser uma política de Estado e não de governo. A pesquisa requer apoio orçamentário, estrutura educacional e investimentos permanentes e a longo prazo”, disse Jailson Bittencourt, que observa que atualmente as mudanças ocorrem de forma rápida e exigem novas concepções das instituições educacionais em todo o mundo. Em sua avaliação, a principal discrepância entre os países desenvolvidos em relação aos países em desenvolvimento está no reconhecimento, por parte dos primeiros, da importância de se investir na produção de conhecimento, enquanto há países que não acreditam que os dispêndios em ciência representam investimentos. “Países em desenvolvimento precisam de ciência. E ciência não está à venda, não pode ser comprada de outros países. A ciência tem que ser conquistada”, finalizou.



DISCURSO DE ABERTURA

Roberto Figueira Santos

“AS PESQUISAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS não alcançaram ainda, no Brasil, nem na Bahia, a devida valorização por parte de expressiva parcela dos nossos conterrâneos. No entanto, a economia das nações passou a depender, cada dia mais, da racionalidade no aproveitamento dos recursos naturais e da agregação de valor às matérias primas disponíveis, mediante o emprego de tecnologias baseadas no conhecimento cientificamente adquirido. Essas atividades, têm se revelado essenciais para o bem-estar das sociedades modernas. São altamente recomendáveis todas e quaisquer iniciativas que estimulem a geração e a divulgação desses conhecimentos.”

Estas mesmas ideias foram por mim expressas no discurso que fiz quando da instalação da Academia de Ciências da Bahia, na sede da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, a 1º de junho de 2010. Estavam, então, presentes, o então Governador Jacques Wagner, do estado da Bahia, o Presidente da Federação das Indústrias do mesmo estado, Dr. José de Freitas Mascarenhas, a Reitora da Universidade Federal da Bahia, Professora Dora Leal, e de numerosas outras autoridades, além de um público muito numeroso. Estamos, atualmente, vivendo o sétimo ano da existência da mesma Academia. Desconhecemos algum roteiro preestabelecido com essa finalidade, que chegasse a facilitar a trajetória por nós adotada, porém estamos satisfeitos com o que realizamos até agora.

Durante séculos, o Brasil importou as maiores parcelas do que a nossa população consumiu. Para a fabricação do que foi localmente produzido, preponderaram processos desenvolvidos em outros países. A escassa investigação cientificamente orientada, durante longo período, resultou do esforço de pesquisadores estrangeiros e de brasileiros formados em países europeus. Ressalvadas algumas poucas exceções, essas pesquisas não se realizaram em entidades dedicadas ao ensino superior e, sim, em órgãos especializados, cujo campo de atuação envolveu ora a saúde pública (para a fabricação de vacinas), ora a agronomia e a veterinária, (visando a saúde vegetal e animal), ora a identificação de nossos recursos naturais (com finalidade econômica). Não existiam, entre nós, entidades comprometidas com a formação de pesquisadores. Em passado remoto, durante mais de trezentos anos decorridos entre a descoberta do Brasil pelos navegadores portugueses e o “status” de país independente, isto é, entre os anos de 1500 a 1808, a Metrópole portuguesa havia negado autorização para que fossem criados quaisquer cursos de nível superior no Brasil. Considerava-se então essa recusa à autorização para a criação de novos cursos superiores, como forma de prestigiar o funcionamento das instituições com essa finalidade situadas em território português, como as eram as Universidades de Coimbra e de Lisboa.

Muito tardiamente, já no meado do século XX, a economia da sociedade brasileira entrou em uma nova fase, caracterizada pela criação de incentivos para a substituição de produtos antes importados de países estrangeiros por similares fabricados no próprio país. Logo se tornou evidente a necessidade do melhor conhecimento das peculiaridades das nossas matérias primas, do nosso mercado, e da nossa mão de obra, o que teria de ser alcançado mediante a formação local de pesquisadores que se encarregassem dessas tarefas. Foi, então, criado o Conselho Nacional de Pesquisas, com a sigla CNPq, depois designado Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Surgi-

ram, em alguns estados da nossa Federação, fundações de apoio à pesquisa científica e tecnológica. As universidades constituíram o campo natural para o preparo dos pesquisadores, o que levava, obrigatoriamente, ao estímulo da realização de pesquisas no ambiente universitário. Foi este o momento propício para a regulamentação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* (cursos de mestrado e de doutorado) e para o aprofundamento, nas universidades, dos dispositivos encarregados das disciplinas referentes aos setores básicos do conhecimento. Ocorreu, então, oportunamente, a reestruturação universitária determinada pelos decretos-leis de números 53/1966 e 252/1967, inspirada pelo Conselho Federal de Educação. Simultaneamente, na rede de universidades federais, teve início a implantação do regime de trabalho docente em dedicação exclusiva, fator da máxima importância para o sucesso na elaboração de pesquisas científicas e tecnológicas. Reconhecidamente, é mais fácil o recrutamento de pessoal de magistério com dedicação exclusiva para as matérias básicas do que para as disciplinas profissionalizantes. Desde então, a produção inovadora em matéria científica e tecnológica foi ampliada e aprimorada, consideravelmente, nas universidades federais. Aos poucos, de grande importador de produtos manufaturados, o Brasil foi se transformando em fabricante e exportador de mercadorias com expressiva agregação de valor às nossas matérias primas. Tudo assim se passou em quase todo o Brasil. Pelas excepcionais condições da sua economia, apenas no Estado de São Paulo, foram elas diferentes, o que muito pouco nos atingiu, no Estado da Bahia.

Fortemente apoiados pelos sucessivos presidentes da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), ao longo dos sete anos de existência desta nossa Academia de Ciências, temos dado cumprimento aos nossos objetivos mediante um vasto programa de palestras e seminários sobre temas de pesquisa científica e tecnológica ao qual, anualmente, temos dado divulgação em volumes impressos pela editora da UFBA sob os títulos: “Me-

mória” para o ano 2010/2011; “Memória II”, para os anos 2011/2012; “Memória III”, para o ano 2013; “Memória IV”, para o ano 2014; “Memória V”, para o ano 2015; e “Memória VI”, para o ano 2016. Ao longo desses anos, a Academia fez também imprimir um volume de palestras intitulado “Ética e Ciência”, preparado por um grupo de acadêmicos especialmente dedicados a estudos relativos a esse tema, (entre eles e elas a ex-Reitora Eliane Azevedo e o atual Reitor João Carlos Sales) que é de tão fundamental importância para os propósitos da nossa Academia. E a mesma Academia fez publicar mais dois outros volumes, um deles tendo o Acadêmico Amilcar Baiardi como organizador, cujo título é “Propensão a inovar do empresariado baiano”; e outro, com o título de “Uma breve história da Ciência”, tendo como autores o mesmo Acadêmico Amilcar Baiardi e mais dois co-autores, respectivamente Alex Vieira dos Santos e Daniel Baiardi. Este último livro trata de um dos períodos mais destacados da história da Ciência.

Ao fim de quase sete anos no exercício da Presidência da Academia de Ciências da Bahia, pareceu-me que já havia desempenhado o papel que me cabia com a finalidade de estimular o desenvolvimento científico e tecnológico na nossa terra. E que passaria a ser excessiva a minha permanência no período de mais um mandato na Presidência da Academia. Havendo procedido a consultas entre os colegas mais envolvidos em decisões desta natureza, incidiu a preferência de grande número dos demais Acadêmicos pela escolha do futuro presidente desta Academia na pessoa do Professor Jailson Bittencourt, que atualmente ocupa o cargo de Secretário Nacional da Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério de Ciência e Tecnologia. O Professor Jailson iniciou já a sua gestão como Presidente da Academia de Ciência e Tecnologia da Bahia, e tem dado mostras relevantes da sua capacidade, além de merecer o aplauso dos colegas acadêmicos pela validade e pela oportunidade das providências por ele desencadeadas.

A nossa Academia é tão intimamente ligada à Universidade

Federal da Bahia, que a articulação entre as duas entidades é de fundamental importância para o bom andamento da produção da Academia de Ciências. A gestão do Professor João Carlos Sales na Reitoria da UFBA, na apreciação das lideranças da Academia, tem sido altamente profícua, confirmando o que já havia ocorrido quando o mesmo Professor João Carlos dirigiu a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da mesma UFBA. Ao enfrentar e superar muitas das dificuldades inerentes à gestão universitária no nosso País no momento histórico que o Brasil atravessa, o Professor João Carlos tem merecido o apoio e a admiração dos seus colegas da Academia de Ciências da Bahia.

Dando cumprimento ao regimento da Academia, no início deste ano procedemos à escolha de cientistas baianos que têm merecido a distinção de pertencer a este órgão, assim como a um número expressivo os jovens com menos de quarenta anos de idade, cuja produção intelectual já os credenciou para serem aceitos na nossa Academia na categoria de “Acadêmicos Juniores”. Os nomes destes estudiosos serão anunciados ao público na presente sessão para que eles sejam imediatamente empossados e assumam a posição para a qual foram escolhidos.

Quero cumprimentar a todos os que estão recebendo a citada distinção, fazendo o destaque em relação ao nome da Professora Evelina Hoisel, que falará em nome de todos os novos acadêmicos e novas acadêmicas, e cuja companhia muito nos honra, de longa data, na centenária Academia de Letras da nossa terra, que é por ela presidida. Desejo, igualmente, expressar os meus votos para que os acadêmicos recém-empossados cresçam, cada hora mais, na sua disposição para servirem à Pátria, honrando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia mediante a dedicação ao trabalho original e eticamente inatacável.

**Professor emérito
da Universidade
Federal da Bahia,
Presidente de honra
da Academia de
Ciências da Bahia*

Roberto Figueira Santos
Bahia, 4 de Outubro de 2017*

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AOS NOVOS MEMBROS DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

*Eliane Elisa de Souza e Azevêdo**

MAGNÍFICO REITOR Prof. João Salles – confrade e anfitrião dessa solenidade

Presidente de Honra da ACB, Prof. Roberto Santos

Presidente da ACB, Prof. Jailson Andrade

As solenidades de posse são marcos históricos na vida das pessoas e das instituições. Nas Academias de Ciência, as posses têm quatrocentos anos de história. Iniciadas em Roma, no início do sec. XVII (1603), sob a denominação de Academia dos Linces, foi a primeira Academia exclusivamente de ciências no mundo.

Após Federico Cesi, seu fundador, a academia se enfraqueceu até o desaparecimento cerca de dois séculos mais tarde (1847), a Academia foi restabelecida com a denominação de Pontifícia Academia dos Novos Linces. No século passado, em 1936, recebeu nova denominação, vindo a chamar-se Academia de Ciências do Vaticano e assim permanecendo na atualidade.

Em 1940, o Papa Pio XII deu à Academia liberdade de pesquisa e de funcionamento, independentemente de crenças, religiões, filiações políticas, etc., solicitando desta o compromisso de alimentar a Santa Sé com os novos conhecimentos da ciência.

Também há quatrocentos anos, em Londres, pesquisadores que se reuniam informalmente fundaram uma Academia a qual, em 1663, foi aprovada pela coroa inglesa recebendo a denominação de “Royal Society of London for Improving Natural Science”

(Sociedade Real para o Desenvolvimento das Ciências Naturais).

Em 1665 a Sociedade Real iniciou a publicação da revista “Philosophical Transactions” que se tornou a primeira revista com perfil científico e conselho editorial, cuja publicação se mantém até o presente.

Atualmente, essas seculares academias de ciências disputam o título de primeira no mundo. A Academia de Ciências do Vaticano defende-se por ter a data de sua fundação cerca de cinquenta anos antes da Sociedade Real. Esta, por sua vez, considera-se a primeira Academia de Ciências a ser criada e a funcionar ininterruptamente há quatrocentos anos.

A disputa pela primazia revela o alto significado das academias de ciências, e, conseqüentemente, a honrosa distinção de ser membro de uma academia de ciências, em qualquer lugar do mundo.

A Academia de Ciências da Bahia que ora acolhe as Senhoras e os Senhores, novos membros titulares e juniores, tem história recente, sem deixar, contudo, de ser partícipe da história universal das academias de ciência. É o conjunto de academias locais que compõe a grande história das academias de ciência no mundo. Os atores somos todos nós, membros das mais recentes, assim como, membros das mais tradicionais academias.

A Academia de Ciências da Bahia teve sua ideia original na mente do Professor Roberto Santos, que, conforme diz corretamente o Confrade Edivaldo Boaventura é “o maior baiano vivo”.

A ideia de criar uma academia de ciências na Bahia surgiu na pessoa de um pesquisador e professor universitário, talvez, não tão bem conhecido por essas qualidades, pelo fato de, também, além de competente pesquisador, o Professor Roberto Santos ter sido reitor, governador, deputado federal, secretário de saúde, ministro da saúde, presidente do Conselho Federal de Educação, presidente do Conselho Nacional de Pesquisa, CNPq, entre outros cargos e funções.

O pesquisador Professor Roberto Santos trouxe consigo, des-

de muito cedo na vida, o dom da pesquisa. Aos onze anos, instalou, no porão de sua residência, um laboratório de química, com o apoio de sua genitora Dona Carmen Figueira Santos que adquiriu reagentes químicos e vidraria especializada. Nesse laboratório, o menino Roberto realizava as experiências descritas nos livros de textos.

“Era esta atividade que me dava o maior prazer” (1993, p. 59, *Vidas Paralelas*, vol. I), assim se referiu, anos depois.

Estava ali, o nascedouro do cientista. Dona Carmen deve ter pressentido a vocação latente. Apoiar um laboratório de química, no porão da própria residência, para satisfazer a curiosidade de um garoto de onze anos, traduz a premonição de um confiante coração de mãe.

Em 1949, aos vinte e três anos, Professor Roberto graduou-se em medicina. Após a graduação, seguiu para os Estados Unidos como Bolsista do American College of Physicians e da Kellogg Foundation.

- Universidade de Cornell, em NY;
- Universidade de Michigan, em Ann Arbor;
- Universidade de Harvard;
- Massachusetts General Hospital,

foram seus centros iniciais de treinamento em pesquisa.

Sobre a boa prática científica o Professor Roberto assim se expressou em 1993:

‘Em ciência, os propósitos de verdade e de precisão acabam virando uma segunda natureza. E quem foge deles em algum momento, pode alcançar sucesso aparente e imediato, para logo se estragar, sem demora e sem caminho de volta’.

Nos anos dourados de dedicação à pesquisa, o Professor Roberto Santos, tão logo retornou dos Estados Unidos, produziu três teses e submeteu-se a dois concursos de títulos e provas no curto tempo de três anos.

Além disso, nos primeiros dez anos de atividades científicas

aqui, na Faculdade de Medicina da UFBA, isso é, entre 1953 e 1963, o Professor Roberto Santos e seu grupo publicaram cinco artigos em revistas internacionais do mais alto nível além de três outras publicações em revistas nacionais.

Ainda hoje, publicar em revistas denominadas de “alto impacto” é privilégio de poucos; imagina-se, àquela época, o significado dessas publicações para o prestígio da pesquisa médica local, em âmbito internacional e nacional.

Professor Roberto Santos: um verdadeiro mestre... Não apenas ensinava e pesquisava, mas abria horizontes fazendo seus alunos enxergarem um futuro por escolher.

A Bahia tem o privilégio de ser a célula mater do ensino superior no Brasil, fato que nos enaltece, mas que também consolida visões com raízes conservadoras e, conseqüentemente, mais resistentes a mudanças. Com competência, equilíbrio e compreensão o Reitor Roberto Santos implantou na UFBA a reforma universitária que possibilitou a criação dos cursos de pós-graduação. Reforma que, aos poucos, também se consolidou em todo o país.

Ao concluir seu mandato de Reitor (1971), a UFBA havia mudado, não apenas em sua estrutura física com a construção de novos prédios para abrigar os novos institutos, mas, principalmente, na forma de pensar, planejar e oferecer o ensino universitário.

Anos mais tarde, após o término do mandato de Governador do Estado da Bahia, o Professor Roberto Santos, em atitude de inquestionável amor ao ensino e à pesquisa, retorna à Universidade, reassume sua posição de Professor.

Tive a honra de acolhê-lo no laboratório de pesquisa no sexto andar do Hospital das Clínicas, como era denominado à época. Esse espaço havia sido cedido por ele a minha pessoa para instalar pesquisas em Genética Médica, quando retornei dos Estados Unidos em 1970.

Difícil traduzir em palavras o sentimento da aluna voltando a compartilhar com seu Professor e Orientador o mesmo espaço de pesquisa vivenciado há cerca de dez anos passados. Preparei-lhe

uma mesa na mesma sala ocupada por mim. Conhecendo sua preferência, coloquei uma máquina de escrever sobre a mesma. E, por não ter poderes para pedir ao sol quer mudasse de lugar, comprei, pela primeira vez, cortinas para as janelas.

Nem todos que presenciaram a nobre atitude de retorno à sala de aula e à pesquisa, após ter sido governador do estado, souberam reconhecer o mérito e as lições de dignidade nela contidos.

Vendo-o em atividade docente, após ter sido governador, parecia-me ver também a concretização do pensamento de Fernando Pessoa:

“Tudo vale a pena, quando alma não é pequena”.

O amor pela ciência nunca se enfraqueceu no coração de Professor Roberto. Até parece que outros cargos ocupados em sua vida ficaram apenas no registro da memória.

Mas, a ciência, não.

Esta chegou, estacionou na mente e fincou raízes no coração. E aí continua crescendo e dando frutos atuais.

A presente solenidade de posse é a maior prova.

Em 2010, aos 84 anos, Professor Roberto Santos idealizou, criou, regulamentou e deu vida plena a Academia de Ciência da Bahia (ACB). Agregou pesquisadores tradicionais e novatos, contou, principalmente, com a colaboração de seu amigo Professor Doutor Edivaldo Machado Boaventura.

Agregando cinquenta e três membros titulares fundadores, a Academia de Ciências da Bahia foi solenemente instalada no auditório da Federação de Indústria do Estado da Bahia, FIEB, em 1º de junho de 2010, com as presenças do Governador do Estado, do Presidente da Assembleia Legislativa e do Presidente da FIEB.

Há sete anos acompanho o Professor Roberto Santos na condução dessa Academia. Sou testemunha de seu entusiasmo, seu empenho em manter a academia viva, em agregar acadêmicos, angariar recursos e, sobretudo batalhar para conseguir, em tempo recorde, o certificado de instituição de utilidade pública a nível municipal, estadual e federal.

Hoje, a Academia de Ciências da Bahia, sob a Presidência do Professor Jailson Bittencourt de Andrade, para alegria de todos os seus membros e, principalmente de seu fundador e Presidente Emérito, dá evidentes sinais de plena continuação de sua vitalidade institucional.

Sob a presidência do Prof. Jailson Andrade a Academia de Ciências da Bahia continua construindo sua história com o mesmo vigor com o qual nasceu. A extraordinária competência do Professor Jailson em administrar seu tempo, desponta como a primeira lição de sua administração. O acúmulo de cargos e atribuições reage sob a “química do seu entusiasmo” fazendo com que as coisas se realizem à semelhança do sereno de um novo amanhecer: nunca tumultua... sempre fertiliza.

Ilustres novos membros da Academia de Ciências da Bahia.

Com grande honra aceitei de nosso Presidente, o Professor Jailson Bittencourt de Andrade, a honrosa missão de saudá-los.

Os Senhores e as Senhoras já se tornaram nossos novos membros titulares e juniores.

Cumprimento-os dando-lhes as boas-vindas.

Digo-lhes que ao ingressarem na Academia a tornam engrandecida, não apenas em número, mas sobretudo no aporte de conhecimentos e no compromisso de colaborar para o crescimento da mesma.

No futuro, essa Academia será o que os seus membros a fizerem ser.

Relembrando que o passado sempre espelha o futuro, os novos confrades e congreiras encontram aqui os melhores exemplos nos dois Presidentes que estão fazendo a história dessa Academia.

As pessoas passam, mas as instituições se eternizam. Ao se eternizarem, carregam consigo os nomes de seus membros, tornando-os imortais, conforme a tradição.

Que fiquemos todos imortais na boa lembrança do que fizemos por essa Academia.

Muito obrigada.

**Eliane Azevedo é Professora emérita da Universidade Federal da Bahia e membro fundadora da Academia de Ciências da Bahia*

DISCURSO DE SAUDAÇÃO EM NOME DOS NOVOS MEMBROS DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel**

PROFESSOR ROBERTO FIGUEIRA SANTOS, Presidente de Honra da Academia de Ciências da Bahia.

Prof. João Carlos Salles, Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Jailson Bittencourt de Andrade – Presidente da Academia de Ciências da Bahia.

Doutor José Vivaldo Mendonça, Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia.

Profa Emérita da UFBA, Eliane Azevedo.

Profa. Georgina Gonçalves, Vice-Reitora da UFRB.

Senhoras e senhores Acadêmicos, caros confrades recepcionados na Academia de Ciências da Bahia.

Caros colegas da Universidade Federal da Bahia, funcionários e estudantes.

Senhoras e senhores,

Estamos hoje neste histórico recinto, o salão nobre do Palácio da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, em uma cerimônia de Diplomação dos Novos Acadêmicos Titulares e Juniores da Academia de Ciências da Bahia, instituição fundada pelo Emérito Professor Roberto Figueira Santos, seu presidente de honra, e tendo o ilustre acadêmico Jailson Bittencourt de Andrade como presidente.

Estar no espaço que nos acolhe neste ritual de diplomação é significativo dos fortes vínculos que unem a Universidade Federal da Bahia, com sua septuagenária história na formação de cientistas e pesquisadores nas diversas áreas e lócus de produção e difusão do conhecimento, e a jovem Academia de Ciências da Bahia, cujo lema é “Ciência a serviço da humanidade”.

Se a Academia de Ciências da Bahia tem apenas sete anos de existência – fundada em 17 de setembro de 2010 e instalada em 1 de junho 2011 - é evidente o sólido lastro sobre o qual constrói seus objetivos e suas estratégias de atuação, tendo se tornado em pouco tempo importante protagonista da ciência na Bahia.

Idealizada pelo pesquisador e professor emérito Roberto Figueira Santos, um dos políticos mais influentes nos últimos anos no Brasil, com um intenso trabalho de promoção do desenvolvimento socioeconômico através da formação e do acesso ao conhecimento científico, a Academia de Ciências da Bahia congrega, desde a sua formação, nomes exponenciais da ciência, professores pesquisadores e cientistas ligados à Universidade Federal da Bahia e a outras instituições do estado, a constituírem hoje o seu quadro de membros titulares fundadores.

O projeto de criação da Academia de Ciências da Bahia germinou e frutificou com o apoio de vários pesquisadores, todos eles imbuídos do desejo de descobrir, inovar e fazer “Ciência a serviço da humanidade”. Afinados a este lema, esta constelação de cientistas de diversas áreas que constituem os quadros da Academia de Ciências da Bahia é mobilizada pela força agregadora do eminente pesquisador e professor Roberto Santos, pela sua convicção de que não há desenvolvimento socioeconômico sem pesquisa científica e tecnológica, pelo seu sonho de ampliar as fronteiras da pesquisa para além das instituições de ensino superior e contribuir para a formação de jovens estudantes, expandindo o ensino da ciência para outros espaços acadêmicos, com metodologias apropriadas e ajustadas aos alunos “da mais tenra idade” (expressão do professor Roberto Santos),

no sentido de valorizar o pensamento criativo e inovador.

A produção do conhecimento para “servir”, como assinado no lema desta instituição, pressupõe um projeto político que encontra seus primeiros traçados na própria atuação de seu idealizador, que se destacou no exercício de importantes cargos políticos e administrativos na Bahia e no Brasil: Reitor da UFBA, governador da Bahia, Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Ministro da Saúde, criador do Museu Didático de Ciências Tecnologia e muitos outros que não é possível enumerar neste momento. Foi no reitorado do professor Roberto Santos que se processou a reforma universitária de 1968 e a UFBA destacou-se, no panorama das demais universidades brasileiras, por ter realizado uma reestruturação discutida democraticamente pela sua comunidade nas suas diversas instâncias e não somente por atender a uma demanda da ditadura militar.

Foi nessa ocasião que foram implantados os institutos centrais, responsáveis pela formação científica básica, preparando profissionalmente os estudantes em articulação com a pesquisa. Foram criados os Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Ciências Humanas, Letras e de Artes. Foi ainda nesta reforma que se implantou o Departamento de Ciência e Tecnologia, - hoje uma pró-reitoria, a de pós-graduação e pesquisa – para formular a política de pesquisa da UFBA e para promover e incentivar o desenvolvimento da pesquisa científica, tecnológica e artística. Saliente-se, ainda, que essa reforma foi concebida em um contexto econômico em desenvolvimento e pode assim suprir a carência de especialistas em vários setores do público e do privado.

Norteadas pelo seu lema e por uma genealogia democrática, a Academia de Ciências da Bahia tem afirmado a sua contribuição para o nosso estado como centro difusor de conhecimento, estabelecendo um profícuo diálogo com líderes da comunidade científica e com instituições públicas e privadas ligadas à ciência,

à tecnologia e à inovação - como a FAPESB (onde funciona a sua sede), a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, a FIOCRUZ, a CIMATEC etc. A identidade de propósitos entre os Acadêmicos tem proporcionado uma intensiva programação nos setores da vida pública e privada. São inúmeras as atividades realizadas nesses anos para difundir a ciência e para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico através da formação e do acesso ao conhecimento científico, princípio gerador das ações da Academia de Ciências da Bahia.

Sinto-me, assim, honrada por tomar posse como membro Titular desta prestigiosa Instituição e por ter sido indicada para falar em nome dos novos acadêmicos pelo seu ilustre Presidente, o professor Jailson Bittencourt de Andrade - caríssimo colega de universidade que muito admiro, vigoroso realizador e disseminador da ciência. O eminente colega Jailson Andrade tem se dedicado à UFBA de modo ímpar, destacando-se a sua contribuição nos diversos setores de ensino, pesquisa, extensão e nos cargos administrativos. Colabora com muita vitalidade para um efetivo diálogo científico a nível nacional e internacional, alargando as fronteiras da Academia de Ciências da Bahia.

Ao receber o convite para proferir esta fala, a sensação inicial foi de alegria e também de espanto, até de inquietação diante de tamanha honraria, principalmente por ter de falar em nome de tantos acadêmicos nesta cerimônia de diplomação, com quatorze titulares e sete juniores. Esta inquietação talvez resulte do meu lugar nesta cerimônia, diante de confrades das áreas das ciências exatas, agrárias e da terra, das ciências da vida e das ciências sociais aplicadas, e eu, uma habitante do entrelugar da ciência e da arte, da poesia e da literatura.

Compreendo essa escolha como uma declarada afirmação da importância do lugar da pesquisa científica das letras e das artes na Academia de Ciências da Bahia. Compreendo também como um caloroso convite à Academia de Letras da Bahia - instituição que no momento tenho a honra de presidir - para fecundas par-

cerias com a Academia de Ciências da Bahia.

Nós, pesquisadores desses monumentos que denominamos de literatura e de artes, transitamos nesse entre-espaço como intérpretes e difusores de produções artísticas materializadas em linguagem, construídas a partir de especificidades bem distintas dos objetos das ciências exatas e da natureza. Arte e literatura impõem seus próprios procedimentos de abordagem, não sendo possível formatá-los em modelos preestabelecidos, pois eles se afirmam como forma de conhecimento do mundo e se refazem a cada olhar investigativo.

Encontro nas ricas lições do filósofo Gaston Bachelard reflexões preciosas para o entendimento das relações entre arte e ciência. Na epistemologia desse pensador da contemporaneidade, os limites entre ciência e poesia não são rígidos e configuram-se como campos suplementares. Se Bachelard define o homem da ciência como o homem diurno, da razão clara e o poeta como o homem noturno, do sonho, do devaneio, para traçar na sua epistemologia a face científica e a face voltada para a poética, essas polaridades regidas pela razão e pela imaginação não são totalmente opostas.

Ciência e poesia renovam continuamente a imagem do mundo, conduzem o homem ao maravilhamento, ao admirar-se, à perplexidade diante do desconhecido e à felicidade da descoberta e da invenção. Ciência e arte abrem-se à vasta pluralidade de sentidos e interpretações possíveis, que conduzem o psiquismo humano à sua tarefa essencial de invenção e criatividade, fazendo do conhecimento uma abertura permanente para o homem aceder à sua humanidade, seja confrontando-se com a realidade objetiva, seja reconhecendo no mundo imaginário uma realidade de outra ordem. Ciência e poesia implicam um esforço de superação como objetivo de vida: a ciência progride pela colaboração da comunidade científica e a poesia pela constelação dos poetas que nos fazem habitar um cosmo, descortinando seu sentido através da beleza e da sensibilidade da imagem poética.

Por sua vez, as concepções de Gaston Bachelard destacam-se no pensamento contemporâneo por anunciar a quebra dos paradigmas clássicos que operavam por meio das dicotomias nitidamente demarcadas. Ao traçar outras possibilidades de metodologias de leitura, de avaliação e de conhecimento, a partir da diluição de fronteiras, Gaston Bachelard e seus seguidores convocam determinadas noções, hoje disseminadas nos vários campos das ciências, expondo a importância dos trânsitos disciplinares, dos diálogos entre distintas formas de saber: interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e tantas outras palavras registram, na sua própria materialidade linguística, esse movimento que faz girar os saberes, entrelaçá-los em uma incessante interlocução. Coloca-se, então, a necessidade metodológica não hierarquizada e transitória de demarcar o ponto de abertura para a multiplicidade, a diversidade, mas também de estabelecer as marcas de reconhecimento das especificidades, das particularidades e da singularidade de cada campo do conhecimento.

É a partir dessa perspectiva pluralista, múltipla, evidenciada neste ritual de recepção dos novos acadêmicos pelo meu lugar de fala, que se constitui a Academia de Ciências da Bahia, adotando como um dos seus princípios primordiais congregar em seus quadros não apenas cientistas empiristas, mas também profissionais das diversas áreas do conhecimento, como os da filosofia e das artes. Ratifica-se assim o gesto inaugural com que Platão fundou a primeira Academia no Ocidente, como uma escola de pensadores que tinha por objetivo discutir questões em diversos campos do saber: filosofia, matemática, astronomia, legislação etc.

Desde então, as academias são um espaço de pluralidade, de diversidade, de respeito ao livre pensamento. Esse espaço de livre pensar e de diálogo entre distintos campos do saber pressupõe uma estrita isenção político partidária, religiosa, ideológica, a preservar a autonomia da instituição como disseminadora de

conhecimento e como uma eloquente voz na defesa dos princípios éticos e da integridade científica que instituem a “Ciência a serviço da humanidade”.

Na diplomação que hoje se realiza temos acadêmicos das ciências exatas, agrárias e da terra, ciências da vida, ciências sociais e aplicadas e das artes. Isso significa o reconhecimento de um trabalho desenvolvido ao longo dos anos, o que muito nos honra, nos distingue e nos indica que valeu a pena ultrapassar os obstáculos.

O reconhecimento, todavia, é também um desafio: pressupõe um compromisso maior com o desenvolvimento e a difusão da ciência na Bahia e no Brasil, até mesmo no mundo. Pressupõe, ademais, o cuidado com suas implicações éticas, sua aplicabilidade nos humanos e nos animais, o seu papel para a inclusão social, além da vigorosa disposição para continuar atuando na busca de soluções para problemas que afetam nossa sociedade, principalmente no contexto político e econômico atual do Brasil. Este contexto exige um posicionamento da comunidade científica diante da tentativa de desmantelamento da pesquisa, imposto pelos substanciais cortes orçamentários destinados à ciência e tecnologia, sabotando e subtraindo o potencial transformador da ciência brasileira e comprometendo o futuro do próprio país.

O projeto de desmonte das universidades brasileiras, da ciência e da pesquisa se acelera no turbilhão da barbárie que devasta o Brasil. Este projeto nos assombra a cada momento e exige de nós um esforço hercúleo para não desistir. Mais do que resistir, convoca-nos a encontrar formas alternativas de responder à violência que é imposta à vida pelos mais variados processos de opressão e exploração de uma macropolítica que privilegia o capital.

Aqui estamos numa afirmação de que nossos projetos continuam vigorosos, pulsantes, que nossas convicções não são efêmeras nem se desmancham no ar ao sopro dos vendavais.

Estamos aqui em um gesto político, democrático, no sentido de dar um sim, numa possante voz afirmativa, à permanência e preservação da ciência e da pesquisa, da universidade brasileira pública e democrática como lócus de produção do saber, à preservação de todos os direitos constitucionais que têm como meta a liberdade para todas as manifestações do pensamento, da ciência, da arte.

Neste momento da história do Brasil e também em escala mundial é desafiadora a tarefa de analisar os complexos cenários e encontrar caminhos com base no conhecimento científico e artístico capazes de “libertar a vida onde ela é prisioneira”. E esta é a missão de uma “Ciência a serviço da humanidade”. Servir não como desejo de dominação, mas como co-pertinência das diferenças, com o objetivo de religar o cósmico e o político através da instituição de uma ordem social justa e igualitária.

Se a Academia de Ciências da Bahia é uma instituição localizada geograficamente na Bahia, a repercussão de seus trabalhos ultrapassa suas fronteiras e respondem também a uma necessidade global. Vivenciamos uma crise civilizacional que não pode ser pensada apenas a nível local. Hoje, diante de tantas catástrofes ambientais e de um mundo em convulsão, não podemos olhar para o planeta ou para outros povos de forma arrogante e com o olhar de superioridade sobre os fenômenos naturais, considerando que a nossa racionalidade e o nosso saber podem tudo dominar.

Essa *hybris* civilizacional, reforçada pelo racionalismo cartesiano ao considerar o homem como “Mestre e senhor da natureza”, e por Francis Bacon ao introduzir a concepção do saber como técnica de manipulação, caracteriza um paradigma de pensamento que, na sua postura arrogante, desenvolveu-se na pressuposição da superioridade do cérebro ocidental em relação a outros povos e do homem em relação aos demais viventes, deixando violentas marcas que podem ser conhecidas e medidas quando estampadas nas catástrofes que hoje presenciamos em

diversos níveis. A postura do cientista jamais deve ser de arrogância e pressupor um saber absoluto.

A tragédia de Édipo Rei é fundamental para nós ao afirmar a humildade relacionando-a ao conhecimento, numa afirmação de que a razão não sabe de tudo. Esta lição foi magistralmente doada a nós pelo gênio de Sófocles, na sua peça Édipo Rei, ainda na Grécia Antiga. Como personagem trágico, Édipo caracteriza-se pelo orgulho, pela desmedida, por presumir que possui um saber completo, um excesso de saber. No desenrolar da tragédia, todavia, ele aprende que sabe muito pouco. É este o grande aprendizado de Édipo tão exuberantemente dramatizado pelo texto literário de Sófocles. Em circunstâncias cada vez mais diferentes, este é também o nosso aprendizado na nossa aventura faústica em busca de conhecimento.

**Evelina Hoisel é
Professora Titular
da Universidade
Federal da Bahia
e Presidente da
Academia de Letras
da Bahia*

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

*Jailson Bittencourt de Andrade**

QUERIDO PROFESSOR ROBERTO FIGUEIRA SANTOS, Presidente de Honra e Fundador da Academia de Ciências da Bahia, que representa um dos maiores legados do Século XX ao Século XXI. A sua obra é extensa e os frutos são doces! Em seu nome, cumprimento todas as pessoas “de boa vontade”!

Caríssimo Professor João Carlos Pires Salles, Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia. Em seu nome, cumprimento todas as Autoridades Universitárias presentes e toda a Comunidade da UFBA: Corpos Técnico, Docente e Discente.

Prezado amigo José Vivaldo Mendonça, Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia. Em seu nome cumprimento todos os membros do Governo Estadual aqui presentes, em especial o também amigo Lázaro Raimundo dos Passos Cunha, Diretor Geral da nossa FAPESB, a “Casa do Cientista” na Bahia.

Caríssimo Professor Edivaldo Boaventura, Vice-Presidente da Academia de Ciências da Bahia, devotado Educador, em seu nome cumprimento todas as Confreiras e Confrades presentes.

Querida Professora Eliane Azevedo, ex-Reitora da Universidade Federal da Bahia, cuja inteligência, dedicação à Ciência e à Ética são altamente reconhecidas. Em seu nome cumprimento todas as jovens Acadêmicas e Acadêmicos que hoje são titulados.

Caríssima Professora Evelina Hoisel, Presidente da Centenária Academia de Letras da Bahia e que hoje torna-se Confreira

na Academia de Ciências da Bahia, em seu nome cumprimento todos Dirigentes e membros de Academias aqui presentes.

Senhoras e Senhores, boa noite!

Certamente, muitos estão se perguntando nesta sessão: qual o papel de uma Academia de Ciências no século XXI?

Academias de Ciências devem ser um espaço para discussão livre sobre ciência e os seus reflexos na Humanidade e no Planeta: a ciência, juntamente com a educação, compõem a base para o desenvolvimento tecnológico e para a inovação, bem como o alicerce para o desenvolvimento social e econômico sustentável.

As Academias devem estar também vigilantes ao princípio que educação, ciência, tecnologia e inovação, devam ser políticas de Estado e não de Governos! Bem como que não há prosperidade e desenvolvimento sustentável sem paz, como não há paz sem desenvolvimento sustentável!

A Ciência requer planejamento e financiamento adequados e de longo prazo!

A Ciência é uma atividade complexa e continuada que requer uma infraestrutura sofisticada, um excelente sistema educacional e apoio orçamentário e social. Fatores estes que estão essencialmente presentes nos países ditos desenvolvidos, mas não necessariamente nos países em desenvolvimento.

A grande discrepância entre os países desenvolvidos e os de renda média são os dispêndios em Pesquisa e Desenvolvimento. Os Países Desenvolvidos, assim o são pois acreditam que a ciência é o caminho para a prosperidade econômica e social sustentável. O caminho para uma vida digna, equânime e sadia. Estes países têm como base que os dispêndios em educação e ciência são investimentos. Como tal, contribuem para o desenvolvimento econômico e para a criação de empregos.

Nas sociedades que têm a sua base no conhecimento, a tecnologia e a inovação são coprodutos da pesquisa científica, especialmente se ela está ligada ao setor industrial!

Países que não acreditam que os dispêndios em ciência são investimentos, contam apenas com as tecnologias existentes e, no máximo, montam produtos tecnológicos importados de outros países.

Países em desenvolvimento não podem ter as suas economias baseadas em produtos primários ou em manufaturados de baixa intensidade tecnológica, que são caracterizados pela baixa produtividade e pelas baixas remunerações aos trabalhadores.

Precisamos deixar no passado, pelo menos um dos consensos do pós-segunda guerra mundial, há longos 70 anos: preferência por políticas industriais horizontais, em que o papel do Estado é confinado à educação, à infraestrutura, bem como para facilitar a inovação.

Aliás, este jovem século XXI ainda tem muito o que aprender com o Século XX! No início do Século XX a população do Planeta era cerca de 1,6 bilhão de habitantes e a expectativa de vida-média era em torno de 40 anos de idade. No início do século XXI a população do planeta era 7 bilhões de habitantes e a expectativa de vida média era maior do que 70 anos. O que ocorreu de tão especial no século XX para que a população tivesse uma expansão fabulosa e a idade média praticamente dobrasse em cem anos?!

Para o bem e para o mal, o século vinte vivenciou três guerras mundiais (duas quentes e uma fria) e observou um avanço científico e tecnológico inacreditáveis para uma janela de tempo tão curta e tão conturbada.

A primeira guerra ocorreu entre 1914 e 1918. Como parte do esforço de guerra alemão para produzir nitrato, com o objetivo de aumentar a produção de explosivos, Fritz Harber, cientista alemão, em 1908, conseguiu preparar amônia a partir de hidrogênio e nitrogênio. Este fato está na origem de toda a expansão agrícola do Século XX que resultou em mais alimentos e consequentemente no grande aumento populacional registrado naquele século.

A mesma mente científica que criou uma das mais belas reações químicas do século passado, foi a mesma que produziu gás

cloro e, pessoalmente, os dispersou sobre as tropas Francesas em Ypres em 22 de abril de 1915. Uma fumaça verde amarelada venceu as tropas francesas produzindo 10 mil mortos e 5 mil feridos.

No Brasil, na segunda metade do século XX, Joana Dobereiner, através dos seus estudos sobre fixação biológica de Nitrogênio em gramíneas, deu contribuição seminal para que o nosso país desenvolvesse o Programa Proálcool e se tornasse um dos maiores produtores de soja do planeta e economizasse bilhões de dólares com a importação de fertilizantes nitrogenados. Não consta que Joana, que era uma cientista adorável, tenha sequer ameaçado uma pessoa!

A segunda guerra mundial (1939-1945) foi encerrada após a explosão de duas bombas atômicas no Japão (Hiroshima e Nagasaki). Resultado de um dos maiores programas científicos, com foco e grande investimento. O Projeto Manhathan. Em vários sentidos foi um “marco” da ciência e tecnologia. Mas para a humanidade, foi o momento em que se descobriu que os “humanos” poderiam se autodestruir completamente!

No legado pacífico da era nuclear podemos destacar o uso em medicina e na preservação de sementes que permitiu avanços significativos na cura de doenças e na ampliação de safras de alimentos.

A terceira guerra mundial foi uma guerra fria que finalizou em 1989, com a queda do “Muro de Berlim”. Desta vez, o maior avanço científico e tecnológico teve um fim pacífico. O Projeto Apolo mudou a visão e a forma da educação, ciência e tecnologia nos Estados Unidos da América e no mundo. Em 20 de julho de 1969 o ser humano pisou na lua. O maior feito científico de grande abrangência, um novo marco: desta vez a ciência demonstrou que poderíamos sair da influência do nosso planeta Terra!

Os legados colaterais deste Programa incluem a possibilidade de melhor conhecimento de outros planetas e a revolução nas comunicações e troca de informações, estas, essenciais para as sociedades 4.0 e 5.0!

A geração jovem que pôde observar a queda do muro de Berlin em 08 de novembro 1989, atualmente tem cerca de 30 anos! Esta geração, em grande parte da Europa e da América não viveu guerras ou regimes ditatoriais. Talvez – repito – talvez, este seja um dos motivos para as tendências de “guinadas à direita” que se observam recentemente nestes continentes! Vale ressaltar que a primeira vez que a minha geração votou para Presidente do Brasil foi em 1989! Democracia ainda é a melhor forma de Governo e exige, pelo menos, três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário atuando de forma harmônica em favor das cidadãs e cidadão e do país.

Voltando ao Século XXI, nos deparamos com a Indústria 4.0 e a Sociedade 5.0. O que estes novos números representam para a humanidade?

A indústria 1.0 data do fim do século 18 com a invenção da máquina a vapor e a “onda mecânica”. Esta o nosso país passou ao largo pois utilizava maciçamente a mão de obra escrava!!! A indústria 2.0 veio com o uso da eletricidade e da produção em massa na segunda metade do século XIX. A Indústria 3.0 chega no século XX com o uso de eletrônicos e automação. A indústria 4.0 é a nossa contemporânea, com o uso intensivo da internet, processamento de grandes volumes de informações e a possível conexão do mundo físico com o mundo virtual.

Na atualidade as mudanças ocorrem de forma acelerada trazendo novos paradigmas e requerendo mudanças de atitudes significativas nos setores governamental, empresarial e, especialmente, no setor acadêmico, requerendo uma reconfiguração ampla, do ensino fundamental à formação de pós-doutores. São, pois, necessárias novas atitudes, novos currículos, novas concepções, e novas formas de instituições educacionais e de instituições de pesquisa científica e tecnológica, onde a criatividade e a coerência intelectual predominem. O Brasil está bastante atrasado nesta “nova onda”!

E a sociedade 5.0? A nossa primeira “organização social” tem

mais de 70 mil anos. Tivemos uma “revolução cognitiva” e nos organizamos como Caçadores Coletores (Sociedade 1.0). Após 60 mil anos, nos tornamos uma sociedade agrária (Sociedade 2.0). Vários eventos influenciaram a nossa organização social. Vale destacar a invenção da escrita e do dinheiro há cinco mil anos, bem como a revolução científica ocorrida no século XVI quando, através das navegações, descobrimos a nossa ignorância sobre o mundo: Existia um “novo mundo” que a literatura então conhecida não o registrava! Chegamos então ao final do Século XVIII na sociedade 3.0, a que foi Sociedade industrial! No Século XX experimentamos a sociedade 4.0 que se estabeleceu após a invenção dos computadores e do acesso amplo à informação.

A Sociedade que emerge no século XXI, denominada sociedade 5.0. A “sociedade super inteligente e hiper conectada e mais idosa”! Se no século XX os avanços da ciência e da medicina permitiram um grande avanço na expectativa de vida média (de 40 anos para cerca de 80 anos), nesta nova sociedade a meta é a extensão da vida!! Até o início deste século acreditávamos que o limite da vida humana era em torno de 115 anos. A forma de produção de energia nas mitocôndrias e a replicação do DNA eram os principais fatores limitantes!!

Hoje, já existem grupos de cientistas que afirmam que a vida “não tem limite”! Que brevemente poderemos ultrapassar a barreira dos 115 anos e assim aumentando progressivamente a nossa existência no planeta. No Japão, por exemplo, a população de jovens com mais de 65 anos – repito – 65 anos, é maior do que 26% e continua crescendo! No Brasil é em torno de 7% e acredita-se que em todo o mundo, em 2050 a população com mais de 60 anos será em torno de 20%.

As necessidades de adaptação e bem-estar são, neste momento, imensuráveis. Envolvem, por exemplo: mobilidade, educação, saúde, moradia, alimentação, etc.. A configuração familiar mudará de uma sociedade com pais, filhos, netos e possivelmente bisnetos para uma sociedade em que conviverão, por muito tem-

po, pais, filhos, netos, bisnetos, tetranetos, etc.. Como será a convivência dos possíveis imortais com os que não terão acesso às novas tecnologias e continuarão a ser “meros mortais”?!?! Só “as ciências” em escala global poderão responder a esta pergunta!!

Nesse sentido, a nossa Academia de Ciências da Bahia tem uma posição ímpar com relação “as ciências”. As Ciências exatas, da terra, biológicas, da saúde, etc., poderão mostrar o caminho, mas só as ciências humanas sociais e sociais aplicadas nos permitirão entender, enquanto a filosofia, a literatura e as artes poderão decodificar o caminho. A nossa Academia, Professor Roberto, é ímpar, pois com a sua inspiração de fundador-mor, acolhe todas as expressões “das ciências”!

Finalizando, o argumento de que ciência não é parte da cultura dos países em desenvolvimento deve ser fortemente rejeitado. Países em desenvolvimento precisam de ciência para ter desenvolvimento econômico e social. Logo, devem apoiar, fortemente, o seu sistema de C&T, bem como o foco em problemas locais, mas com repercussão global.

Os dirigentes e a sociedade dos países em desenvolvimento precisam reconhecer que conhecimento científico não se encontra em prateleiras, que ciência não está à venda e por isto não pode ser importada de outros países. A Ciência não pode ser dada ou comprada. A Ciência tem que ser conquistada!

Muito grato pela atenção, boa noite.

**Jailson Andrade
é Presidente da
Academia de
Ciências da Bahia*

O Voo do Colibri

Para cravo e cordas

Lindemberg Cardoso,

Op.96

Musical score for "O Voo do Colibri" by Lindemberg Cardoso, Op. 96. The score is for Cravo (Harp), Violinos (Violins), Violas, Violoncelos (Violoncellos), and Contrabaixos (Double Basses). The tempo is marked $\text{♩} = 60$ and the time signature is 4/4. The Cravo part is in the upper system. The string parts are in the lower systems. The score includes dynamic markings such as ff and ppp , and performance instructions like "pizz. Bartok (sútil)" and "pizz. normal".

Musical score for "O Voo do Colibri" by Lindemberg Cardoso, Op. 96. The score is for Cravo (Harp) and strings (Violinos, Violas, Violoncelos, and Contrabaixos). The Cravo part is in the upper system. The string parts are in the lower systems. The score includes dynamic markings such as ppp and pp , and performance instructions like "a/pont." and "pizz. normal".

1.2 CONFERÊNCIAS

HETEROGÊNESE DAS TRÊS FORMAS DE PENSAR E CRIAR: FILOSOFIA, CIÊNCIA E ARTE

PENSAR E CRIAR TÊM SIDO UMA QUESTÃO existencial que tem preocupado filósofos, cientistas e artistas renomados, bem como, imensas multidões de anônimos pensadores pelo mundo afora. Este texto, estritamente conceitual, expressa uma vertente do pensamento contemporâneo criado na “revolução cultura” dos anos 60 e 70 do século XX. Trata-se do Pensamento Rizomático que é um novo Plano de Imanência (filosófico), com novo repertório conceitual, adotando a lógica da Diferença e da Multiplicidade, sendo ao mesmo tempo, uma Pragmática, Estratoanálise, Esquizoanálise e Micropolítica. Este pensamento utiliza o conceito Heterogênese evidenciando as três formas de pensar e criar: Filosofia, Ciência e Arte, superando, assim, a oposição ainda existente no pensamento dialético com sua lógica binária e ainda hegemônico no mundo globalizado.

O novo pensamento rizomático argumenta, através da seminal obra “O que é a filosofia?” de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a importância do conceito Heterogênese que as três formas de pensar e criar efetuam, pois, elas se cruzam e se entrelaçam, todavia sem síntese nem identificação e sem prioridade entre



**PASQUALINO
ROMANO
MAGNAVITA**

Professor
Permanente do
Programa de
Pós-Graduação
em Arquitetura
e Urbanismo da
Universidade
Federal da Bahia
– UFBA

Local: Salão
Lazareto,
FAPESB

Data: 27 de abril
de 2017

elas e fazem do pensamento uma Heterogênese. Ao mesmo tempo, a referida obra, caracteriza o objetivo específico de cada uma das três formas de pensar e criar: a Filosofia visa traçar um Plano de Imanência, criar conceitos e adotar uma lógica; a Ciência visa traçar um Plano de Referência, criar funções (funcionais) e adotar a lógica da racionalidade com base na relação Verdadeiro/Falso e a comprovação do que se propõe; a Arte, por sua vez, visa traçar um Plano de Composição, criar novas percepções (perceptos) e afetos, adotando a lógica do Sentido, também denominada lógica da Sensação.

O clímax da Heterogênese ocorre quando o conceito (Filosofia) se torna conceito de função (Ciência) ou conceito de sensação (Arte); quando a função (Ciência) se torna função de conceito (Filosofia) ou função de sensação (Arte); quando a sensação (Arte) se torna sensação de conceito (Filosofia) ou sensação de função (Ciência). Entretanto, vale ressaltar que o pensamento positivista, a partir do século XIX até os nossos dias, frente às inovações científicas e tecnológicas tem exaltado e privilegiado apenas a Ciência em detrimento da Filosofia e da Arte, esquecendo que elas são igualmente necessárias e importantes no desenvolvimento humano.

O texto, acompanhado de um PowerPoint, ilustra com imagens esse cruzamento e entrelaçamento das três formas de pensar e criar, e ao mesmo tempo, associa a esse processo da herogênese, o novo Paradigma Ético, e isso, enquanto atitude política que tem por objetivo a emancipação social das atuais “Sociedades de Controle”. Lembrando que estas, através das tecnologias avançadas dos “espaços de fluxos”, vêm promovendo uma “colonização digital” na modulação e endividamento permanente dos corpos e das mentes de Infinitas multidões de seres humanos pelo mundo afora.

O autor, enquanto arquiteto e urbanista, enfatiza especificamente as questões e problemas urbanos na macropolítica da objetivação e na micropolítica da subjetivação, políticas coexis-



**Professor Pasqualino R.
Magnavita falando ao
público da ACB. Salvador,
27 de abril de 2017**

tentes embora de natureza diferente. Neste sentido, evidencia a exponencial desigualdade social e econômica do atual modo de produção e onde são excluídos três quartos da população mundial. Exemplificando tal fato, são ilustradas enormes áreas urbanas em situação de favelas, tanto em nosso país quanto no exterior, inclusive, apresentando a maior favela existente no atual mundo globalizado, na Índia, abrigando uma população de 19 milhões, portanto, maior do que a do Estado da Bahia.

Por fim, o pensamento rizomático evidencia, não mais as macrorevoluções do século XX, mas, as microrevoluções processadas no dia a dia em nossos “territórios existências autorreferentes”, tanto individuais quanto coletivos, e isso, no âmbito da micropolítica da subjetivação, na luta frente ao controle social existente, todavia, ainda na interface de uma necessária utopia que se torna cada vez mais desejada.

Para tanto, deve-se considerar o importante conceito filosófico Caos (virtual, incorporal), não como Desordem anunciada pelo pensamento dialético em oposição à Ordem, pois, no pensamento rizomático ele é considerado o lugar de criação de todas as formas, conceito este melhor definido pela expressão: “Oceano da dessemelhança”. Caos, conceito este cada vez mais presente nas atuais formas de pensar e criar. Neste sentido o texto conclui sugerindo e recomendando ao leitor em suas experiências empíricas, o enfrentamento do Caos em sua infinitude enquanto lugar da criação, e isso, acompanhando a própria Existência em sua variação contínua sem Princípio nem Fim.

Navegar no Caos é preciso!

O CAPITAL HUMANO E A INVOLUÇÃO ECONÔMICA DA BAHIA

“POR QUE NÃO SE INDUSTRIALIZA a Bahia?” Esse poderia ser o tema de um trabalho final de conclusão de curso de um aluno da faculdade de ciências econômicas da Universidade Federal da Bahia. Mas não é. Trata-se de um questionamento com grande significado histórico para a Bahia. Uma charada e mais do que isso. Um enigma que desafiou os maiores “homens de planejamento econômico” do estado, entre os quais Rômulo de Almeida e Manoel Pinto de Aguiar, a encontrar as possíveis causas da involução econômica da Bahia, em meados do século XX e as alternativas de solução. E a solução a adotar-se era a industrialização.

Passados aproximadamente 80 anos desde a análise das causas do Enigma Baiano, a Bahia se defronta novamente com o problema de involução econômica. De uma aposta promissora no final do século passado, quando o planejamento econômico era a resposta para o atraso de economias periféricas, a realidade, em finais da segunda década do século XXI, mostra uma economia frágil, com problemas estruturais ainda não resolvidos (ou mal) e cuja participação no conjunto da economia brasileira não para de declinar, ano após ano. A economia baiana que em finais dos anos 1990 era a sexta mais importante do país com aproximadamente 5% do PIB do país e aproximadamente 33% do Nordeste, representava apenas 3,8% do PIB brasileiro e menos de 28% da região Nordeste em pleno ano de 2016, sendo ultrapassada por



GUSTAVO CASSEB PESSOTI

Professor Adjunto I da Universidade do Salvador (UNIFACS) e Diretor de Indicadores e Estatísticas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI-SEPLAN/BA)
Local: Salão Lazareto, FAPESB
Data: 22 de setembro de 2017

Santa Catarina e pelo Distrito Federal e passando para o 8º lugar no ranking nacional do produto interno.

Por que involui a economia baiana? Estaria o estado fadado a um novo enigma? Esse artigo tem como objetivo fazer uma análise da situação econômica atual da Bahia, revisitando o famoso enigma baiano do final dos anos 40 do século passado, as causas históricas e atuais do processo de desindustrialização da Bahia e consequente perda de dinâmica econômica do estado. Apenas para antecipar futuras discussões, segundo os dados da SEI (2017), a indústria baiana de transformação que em 2003 representava aproximadamente 16,5% do PIB do estado passou para pouco mais de 8,3% em 2016, configurando e reforçando um quadro claro de anacronismo na matriz produtiva do estado e nos setores mais dinâmicos da economia baiana. Decorrente desta situação, aumentam as participações de setores tradicionais como a administração pública que nessa mesma época passava a representar aproximadamente 1/4 do PIB baiano, além da agricultura de exportação, que a despeito das potencialidades em torno do chamado agronegócio, poucas externalidades têm gerado para a economia baiana atualmente.

A Bahia do século XXI mais se parece com a do século XIX, com a mesma dinâmica exógena e espasmódica do que no século XX (Guerra e Teixeira, 2001). E não há, no planejamento estadual do governo, nenhum grande investimento industrial ou da cadeia de serviços que seja capaz de promover uma modificação na estrutura produtiva do estado. Configura-se, pois, um quadro extremamente preocupante para a Bahia, com seus setores produtivos perdendo competitividade, crescendo menos que a média nacional e gerando menos empregos. Segundo os dados da PNAD contínua do IBGE (2017) a Bahia era a campeã nacional em desemprego com carteira de trabalho, com cerca de 15% de sua população economicamente ativa desempregada, atingindo, somente na Região Metropolitana de Salvador, um incrível percentual de 28% de desemprego aberto (PED, 2017).

Além desta breve introdução, esse artigo foi dividido em mais três seções. Na primeira delas, revisitaremos o Enigma Baiano, sua concepção original, suas causas e as alternativas de solução. A seção seguinte trata da evolução da economia baiana pós enigma, evidenciando as estratégias de desenvolvimento econômico adotadas, bem como as alterações na matriz produtiva do estado delas decorrentes. Finalmente, na última seção passamos a analisar o quadro atual da economia baiana, notadamente marcado por um processo de planejamento que poucas ações conseguiu implementar para promover o crescimento econômico do estado. O resultado, como já antecipado é um quadro de estagnação econômica com perda de dinâmica interna e representatividade nacional, resultando em uma economia que novamente voltou a apresentar claros sinais de involução.

TÁCLIDA FRANÇA/ACB



Professor Edivaldo Boaventura, Vice-Presidente da Academia de Ciências da Bahia, tecendo comentários sobre a palestra de Gustavo C. Pessoti. Salvador, 22 de setembro de 2017

JULIANO MOREIRA: O PROTAGONISMO DO PSIQUIATRA BAIANO NAS CIÊNCIAS NO BRASIL E NO MUNDO



RONALDO RIBEIRO JACOBINA

Professor
Titular do Departamento de Medicina Preventiva e Social e da Pós-Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho – PGSAT da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Local: Salão Lazareto, FAPESB

Data: 09 de novembro de 2017

JULIANO MOREIRA, NATURAL DE Salvador, Bahia, em 6 de janeiro de 1872, entrou para a Faculdade de Medicina da Bahia em 1886, com 14 anos. Diplomado em 1891, com 19 anos, obteve a aprovação com distinção de sua tese inaugural sobre “Etiologia da Sífilis Maligna Precoce”. Como dermatologista, Juliano Moreira foi o primeiro cientista no país, em meados de 1895, a descrever a leishmaniose cutâneo-mucosa, na época chamada de botão endêmico.

Com evidente vocação para o ensino, tornou-se docente, como Assistente da Clínica Psiquiátrica, em 1893, com 21 anos de idade, no segundo ano de formado. Em 1896, aos 23 anos, foi aprovado em concurso de grande repercussão, quando derrotou o preconceito pela sua origem afrodescendente, como Lente Substituto da 12ª Seção, com a tese sobre “Discinesias Arsenicais”.

Juliano Moreira sempre conciliou a docência com sua prática assistencial tanto no Hospital Santa Isabel, quanto no Hospital São João de Deus. Este último receberia seu nome, na década de 30 do século XX, como uma justa homenagem. Introduziu a punção lombar com fins de diagnóstico na Bahia e, sob sua orientação, criou-se o Instituto de Clínicas, conjunto de laboratórios para apoio as várias disciplinas acadêmicas, que funcionavam no Hospital Santa Isabel.

Em 1903, foi levado pelo também baiano J.J. Seabra, ministro

de Rodrigues Alves, ao Rio de Janeiro, então capital da República, para dirigir o Hospital Nacional de Alienados e coordenar a Assistência Psiquiátrica do país. Aboliu as grades e introduziu a laborterapia no hospital. Liderou a psiquiatria brasileira de 1903 a 1930, tornando-se um dos mais respeitados médicos e cientistas brasileiros, com reconhecimento internacional.

Devido ao seu incansável trabalho, por sua conduta ético-profissional e seu vínculo com as diversas áreas do conhecimento, foi eleito membro de diversas organizações tais como a *Anthropologische Gesellschaft* (Sociedade de Antropologia) de Munique; *Société de Médecine de Paris*; *Société Medico-Psychologique de Paris*; *Société Clinique de France*; *Société Clinique de Médecine Mentale*; *Medico-Legal Society* de Nova York; *American Academic of Political and Social Science*; *Sociedade de Neurologia e de Psiquiatria de Buenos Aires*; *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*; *Academia de Letras da Bahia*; *Academia Brasileira de Ciências*, onde foi Presidente.

Em 1928, em Tóquio, recebeu a insígnia da “Ordem do Tesouro Sagrado” entregue pelo Imperador do Japão e destinada aos “consagrados da ciência mundial”. Naquele mesmo ano, a Universidade de Hamburgo, Alemanha, concedeu-lhe a Medalha de Ouro, a mais alta honraria prestada a professor estrangeiro.

A maioria dos estudos sobre esse médico dermatologista, sifilógrafo, sanitarista, tropicalista, psiquiatra, neurologista e historiador da medicina e das ciências em geral, dá ênfase à sua fase carioca (1902-33), destacando o prestígio nacional e internacional. Esta exposição vai destacar que essa multiplicidade de talentos, ele já tinha apresentado em estudos e práticas desenvolvidos na Bahia, como a crítica ao determinismo climático e racial das doenças e o seu papel destacado na *Gazeta Médica da Bahia*, publicação da “Escola Tropicalista”. Ainda na Bahia, participou da fundação da *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia (SMCB)*; e, com Afrânio Peixoto, aluno, colega e amigo de toda a vida, fundaram a *Sociedade de Medicina Legal da Bahia*, na qual foi 1º Secretário.

Em sua etapa carioca, já em 1907, fundou com colegas e discípulos a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, da qual foi presidente. Depois, foi escolhido Presidente Perpétuo.

Juliano Moreira não era uma liderança intelectual só do campo médico, pois, em 03 de maio de 1916, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciências. No ano seguinte, assumiu cargo de Vice-Presidente até 1926, quando foi Presidente. Seu mandato foi até 1929, quando em 30 de abril, tornou-se Presidente Honorário. Em 1925, na visita de Albert Einstein, foi ele enquanto vice-presidente da entidade que recepcionou o físico na sede da Academia e proferiu o discurso de abertura do evento.

O seu encantamento se deu em 1933, pois ele vive nos inúmeros serviços de Saúde Mental denominados de Juliano Moreira. Destaco um em especial, pois, em 2002, a Fameb-Ufba criou para o Formando com maior destaque nas Atividades de Extensão Universitária o Prêmio Professor Juliano Moreira.

Professor Ronaldo R. Jacobina, da UFBA, na conferência sobre Juliano Moreira: O protagonismo do psiquiatra baiano nas ciências no Brasil e no mundo. Salvador, 09 de novembro de 2017



Professor Ronaldo Jacobina e Professor Edivaldo Boaventura discutindo com a plateia após o fim da exposição dialogada. Salvador, 22 de setembro de 2017

1.3 ADMISSÃO DE NOVOS MEMBROS

Membros titulares

ÁLVARO AUGUSTO CRUZ

Graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1979, concluiu mestrado e doutorado na UFBA, pós-doutorado na Universidade Johns Hopkins - EUA e na Organização Mundial da Saúde, em Genebra. Pesquisador 1B do CNPq, Professor Titular da UFBA e membro do corpo docente permanente de dois programas de pós-graduação da FAMEB UFBA (PPgMS e PPgCS), onde orientou ou está orientando 43 alunos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado.

- Coordenador do Núcleo de Excelência em Asma (Edital PRONEX) da UFBA;
- Pesquisador do Serviço de Imunologia do Hospital Universitário - UFBA;
- Um dos investigadores principais do Grupo de Pesquisa SCAALA (Social Change, Asthma and Allergy in Latin America);
- Membro do Comitê Executivo da Aliança Global contra Doenças Respiratórias Crônicas (GARD), da Organização Mundial da Saúde (OMS);
- Membro do Conselho Diretor da Iniciativa Global contra a Asma (GINA);
- Membro do Conselho Diretor da Iniciativa ARIA (Allergic Rhinitis and its Impact on Asthma);



ÁLVARO AUGUSTO CRUZ
Professor Titular de Medicina e Coordenador do Centro de Excelência para Asma da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

- Vice-Presidente do Comitê de Saúde Internacional da American Thoracic Society;
- Vice-Presidente do Comitê de Asma da Organização Mundial de Alergia (WAO);
- Membro do Conselho Editorial do European Respiratory Journal.

Membro do Comitê Assessor em Medicina do CNPq de 2012 a 2015, do Comitê de Avaliação da CAPES – Medicina I de 2003 a 2005, editor associado do Jornal Brasileiro de Pneumologia de 2003 a 2016 e membro do conselho editorial da Allergy entre 2008 e 2012. Iniciou em Salvador o Programa para o Controle da Asma da Bahia (ProAR) em 2002, coordenou o Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde da UFBA de 2003 a 2005, foi Chefe do Serviço de Pneumologia do Hospital Universitário da UFBA de 1992 a 2005 e coordenou as atividades relacionadas a Doenças Respiratórias Crônicas na OMS em Genebra, entre 2006 e 2008.

Em 2009 recebeu prêmio especial da WAO por sua atuação global. Em 2014 presidiu a comissão organizadora da 9a. Reunião Anual da GARD/OMS, pela primeira vez na América Latina. Foi investigador principal ou coinvestigador de vários projetos, incluindo um PRONEX, um Instituto do Milênio e um INCT, que trouxeram para a UFBA recursos superiores a 15 milhões de reais. Formou professores e pesquisadores, que tem tido atuação destacada: Dr. Eduardo Ponte, Professor Adjunto da Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP); Dr. Adelmir Machado, Ex-Diretor do Instituto de Ciências da Saúde da UFBA; Enfa. Carolina Machado, Diretora da Escola de Enfermagem da UFBA e Dra. Luane Marques, Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da USP. Sua atuação tem abrangido atividades de ensino, gestão acadêmica, extensão e pesquisa, na UFBA, bem como atividades em organizações nacionais e internacionais dedicadas à disseminação do conhecimento, redes de colaboração para pes-

quisa, fomento à pesquisa, elaboração de normas, estratégias e diretrizes para a transformação do conhecimento em melhores práticas.

As suas atividades geraram 228 publicações em periódicos indexados com conselho editorial, 28 (IH) com mais de 30 citações, 8 com número de citações superiores a 100 e uma com 1695 citações na Web of Science. A sua rede de colaboradores inclui 258 pesquisadores de 63 países.

ANA MARIA FERNANDES



ANA MARIA FERNANDES

Professora
Associada IV da
Faculdade de
Arquitetura e
Urbanismo da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

ARQUITETA E URBANISTA pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (1978) e doutora pelo Institut d'Urbanisme de Paris, Université de Paris Val-de-Marne (1985), realizou pós-doutorado junto à Graduate School of Architecture, Planning and Preservation da Columbia University (1996-1997) e à École d'Architecture Paris-Malaquais (2004).

Desde 1985 está vinculada à Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, onde atualmente é professora associada 4. Entre 1991 e 1995, coordenou a pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e, entre 1999 e 2003, foi diretora da Faculdade.

Presidiu a ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional para o biênio 2005-2007 e, na condição de sua representante, integrou como membro titular o Conselho Nacional das Cidades entre 2006 e 2008.

Pesquisadora 1A do CNPq, foi ali representante de área (2009-2012) e coordenou o comitê de Ciências Sociais Aplicadas (2012). Consultora ad hoc de diversas agências, participou do Conselho Curador da FAPESB (2005-2011) como membro titular, representando as instituições federais de ensino. Já integrou diversos conselhos e atualmente é membro titular do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural de Salvador.

Em termos de intercâmbios internacionais, coordenou proje-

to do Programa CAPES-FIPSE (2010-2014), fez parte de projetos CAPES-COFECUB e atualmente coordena o Programa Attilio de intercâmbio entre a França e o Brasil, bem como projeto de ensino e pesquisa com a Bartlett School. Foi professora visitante no Institut d'Urbanisme de Paris e na Eötvös Loránd University (Budapeste).

Coordena o Grupo de Pesquisa Lugar Comum, criado em 2010, em torno do qual agregam-se professores, pesquisadores e estudantes de diversas origens institucionais, particularmente na Bahia, tendo se tornado um espaço de referência para as questões de planejamento, urbanismo e direito à cidade.

Já orientou cerca de 100 estudantes em programas de iniciação científica e programas de outra natureza, assim como 50 estudantes aproximadamente já defenderam com sucesso, sob sua direção, suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, algumas delas nacionalmente premiadas. Orientações de pós-doutorado aproximam-se de uma dezena.

Suas principais áreas de trabalho são a teoria e história da cidade e do urbanismo, processos urbanos contemporâneos e interação universidade-sociedade, sempre enfocados a partir da teoria crítica.

Os Seminários de História da Cidade e do Urbanismo, bianuais e circulando sobre o território nacional, hoje caminhando para sua 15ª edição, foram criados por ela em conjunto com o professor Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes, também da FAUFBa, em 1990. Publicações nesse campo são diversas, com destaque para a que resultou de extenso trabalho de recuperação documental, disponibilização para acesso ao público e análise do Acervo do EPUCS – Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (1942-1948).

A política urbana, o urbanismo e as formas de estruturação da cidade contemporânea também têm se constituído em objeto privilegiado de pesquisa, podendo as formulações do urbanismo corporativo e do urbanismo como potência do comum serem en-

tendidas como tensionamentos produtivos dos processos analisados. A série de seminários urbBAs, Urbanismo na Bahia, desde 2011, trazem também à tona esse conjunto de questionamentos.

Por fim, a experiência prática de desenvolvimento de planos de bairro na interface universidade-comunidade vem possibilitando uma reflexão sobre a porosidade do urbanismo, a visibilização de comunidades urbanas subjugadas e a expansão de processos democráticos na elaboração de projetos e planos para a cidade.

CARLOS ALFREDO LOPES DE CARVALHO

FORMADO EM ENGENHARIA AGRONÔMICA pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também concluiu os Cursos de Especialização em Educação Superior (Faculdade de Educação) e de Mestrado em Ciências Agrárias (Escola de Agronomia), é Doutor em Ciências na área de concentração em Entomologia pela Universidade de São Paulo (1999). Ingressou como Docente da Escola de Agronomia da UFBA em 1986, onde também atuou como Editor Chefe do Periódico Científico *Magistra* e Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias. Desde 2006 é Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde exerceu a função de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e atuou como Membro dos Conselhos Universitário, Acadêmico e do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, além de Coordenar o Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias. Também foi Membro Pesquisador do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia, de Comitês de Assessoramento e Consultoria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, bem como de diversas Câmaras na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Atualmente é Membro do Comitê Estadual de Sanidade Apícola e Meliponícola, da Câmara Setorial de Apicultura e Meliponicultura do Estado da Bahia, da Câmara de Ciências Agrárias e



**CARLOS
ALFREDO
LOPES DE
CARVALHO**

Docente da
Universidade
Federal do
Recôncavo da
Bahia (UFRB)

Veterinárias da FAPESB, da Câmara Técnica Científica da Confederação Brasileira de Apicultura, da Rede Baiana de Polinizadores, Líder do Grupo de Pesquisa Insecta e Bolsista PQ do CNPq. Mantém parcerias com pesquisadores de instituições nacionais e estrangeiras na área de Entomologia Agrícola, Manejo de Abelhas, Saúde das Abelhas, Bionomia e Bioecologia de Abelhas, Flora Apícola e Meliponícola, Polinização Entomófila, Palinologia Aplicada aos Estudos Entomológicos, Caracterização Físico, Química, Microbiológica e Sensorial dos Produtos das Colônias de Abelhas, incluindo estudos com bioativos e geração de produtos. Os recursos humanos formados, ao nível de iniciação científica e tecnológica (incluindo Trabalho de Conclusão de Curso), Mestrado (Acadêmico e Profissional) e Doutorado, assim como Supervisões de Pós-Doutorado, seguem as mesmas temáticas de investigação, disciplinar e interdisciplinar, nas áreas de Agronomia, Biologia, Botânica, Química, Zoologia e Zootecnia.

Também coordenou e colaborou na organização de diversas atividades de difusão da ciência, tecnologia e inovação, dentre as quais se destacam a Coordenação Local da Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (2010), a Coordenação Geral da Reunião de Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura no Recôncavo da Bahia (2011), a Presidente da Semana Entomológica da Bahia (2012), a Coordenação do Encontro Anual de Apicultores e Meliponicultores do Território do Recôncavo (2008 a 2017); do Curso Anual sobre Criação de Abelhas sem Ferrão - Meliponicultura (2003 a 2012); e do Seminário Nacional dos Coordenadores de Cursos de Pós-Graduação *Stricto sensu* da Área de Ciências Agrárias I (2005). Dentre as participações como Membro de Comissão Técnica/Organizadora de eventos se destaca: 200 Congresso Brasileiro de Apicultura (2014); Congresso Baiano de Apicultura e Meliponicultura (2000; 2002; 2005; 2013); III Conferência Nacional sobre Defesa Agropecuária (2012); I Congresso Nordestino de Apicultura e Meliponicultura (2009); e o XXI Congresso Brasileiro de Entomologia (2006).

EVELINA DE CARVALHO SÁ HOISEL

NASCEU EM SALVADOR, Bahia, filha de João Gonçalves de Carvalho Sá e de Hylde the Costa de Carvalho Sá. O Curso de Graduação em Letras Neolatinas – Licenciatura (1969) e o de Bacharelado (1970) – foram realizados na Universidade Federal da Bahia, tendo sido aluna da professora e escritora Judith Grossmann, cujas aulas despertaram o seu interesse pela área de Teoria da Literatura. O Mestrado em Letras foi realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1979), sob a orientação do escritor e professor Silviano Santiago. O Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada foi cursado na Universidade de São Paulo (1996), sob a orientação do professor João Alexandre Barbosa. Desde 1971, vem atuando nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação do Instituto de Letras – inicialmente, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, posteriormente no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – e da Escola de Teatro – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. É professora titular da UFBA, junto ao Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras/ILUFBA, desde o ano 2000. Desenvolveu as seguintes atividades administrativas: Coordenadora do Curso de Mestrado em Letras (1984 a 1986; 1986 a 1988); Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (2006-2008); por dois mandatos consecutivos, foi Diretora do Instituto de Letras (1996 a 2000; 2000 a 2004). Durante



**EVELINA DE
CARVALHO SÁ
HOISEL**

Professora
Titular do
Departamento
de Fundamentos
para o Estudo
das Letras da
Universidade
Federal da
Bahia (ILUFBA)
e Presidente da
Academia de
Letras da Bahia
(ABL)

muitos anos, foi editora e coeditora da revista Estudos Linguísticos e Literários, da Pós-Graduação em Letras/ UFBA. É membro do Conselho Editorial da EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia - e de várias revistas acadêmicas, de instituições locais e nacionais.

Foi também Presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC (1998 a 2000), responsável pela realização do VII Congresso Internacional da ABRALIC – Terras e gentes – que trouxe a Salvador personalidades como Stuart Hall, Silvano Santiago, Gayatri Spivak, Paul Gilroy, Robert Young, dentre outros nomes de importantes teóricos e críticos da contemporaneidade. Foi também Vice-Presidente do Seminário Internacional de Estudos Nemesianos (1996 a 2000), órgão cultural envolvendo a Universidade dos Açores/PT, a Universidade de Lisboa/PT e a Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras. Foi membro do Comitê de Assessoramento e Avaliação da Câmara de Linguagens e Artes da FAPESB (2009 a 2012) e é consultora ad hoc da CAPES e do CNPq. As atividades de pesquisa são desenvolvidas junto ao projeto “O escritor e seus múltiplos: migrações” (CNPq). Como pesquisadora do CNPq – PQ 1D e professora orientadora dos Cursos de Pós-Graduação orientou mais de uma centena de estudantes e profissionais em nível de iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Desde 2005, ocupa a cadeira 34 da Academia de Letras da Bahia e, em 2014, foi eleita Presidente desta Instituição para o biênio 2015-2017, sendo reconduzida para o biênio 2017-2019.

Dentre as principais publicações, destacam-se: Supercaos: os estilhaços da cultura em PanAmérica e Nações Unidas.1ª ed. 1980; 2ª. ed. 2014; Grande sertão: veredas – uma escritura biográfica. 2006. Vitorino Nemésio e intelectuais portugueses no Brasil (Org.) 2007. Poesia e memória: a poética de Myriam Fraga. (Org.) 2011; Visitações à obra literária de Judith Grossmann. (Org.) 2014; Jorge Amado: Baía de Todos-os-Santos guias de ruas e mistérios (Org.) 2016.

JORGE MAURÍCIO DAVID

BACHAREL EM QUÍMICA pelo Instituto de Química da UNESP, campus Araraquara. Desde a graduação esteve envolvido com pesquisa científica na área de análise de compostos orgânicos. Depois de graduado ingressou no curso de pós-graduação do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, foi titulado Mestre e Doutor em Química Orgânica tendo sido orientado pelo Prof. Massayoshi Yoshida; defendeu Tese na área de Química de Produtos Naturais. Ingressou no Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia, em 1991, inicialmente como pesquisador recém-doutor pelo CNPq, em seguida foi professor visitante e efetivado em 1994, com lotação no Departamento de Química Orgânica. Atualmente, é professor titular da UFBA e pesquisador de produtividade do CNPq, nível 1C.

Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de Illinois em Chicago no Departamento de Química Medicinal. Desde o ingresso na UFBA está credenciado no Programa de Pós-graduação em Química. Desenvolve pesquisa em Química de Produtos Naturais, atuando em temas relacionados ao isolamento, determinação estrutural e detecção de novas substâncias isoladas plantas brasileiras, preparação de derivados químicos, síntese de compostos com potencial atividade biológica e produção de metabólitos por cultivo de células vegetais *in vitro*. Orientador de cerca de vinte mestres e doutores tendo publicado 130 artigos em



JORGE MAURICIO DAVID

Professor titular do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

periódicos indexados, coautor de cinco patentes e cinco capítulos de livro. Atuou na parte administrativa da Universidade como Chefe de Departamento e Coordenador de Curso de pós-graduação em Química. Participa como membro das redes de pesquisa Instituto do Milênio do Semiárido, PRONEX e INCT de Energia e Ambiente além de ter coordenado diversos projetos de pesquisa com financiamento do CNPq, CAPES e FAPESB. Como resultado de sua atuação recebeu em 2008 o Prêmio Professor Antônio Spínola Costa, outorgado a cada biênio, pela Regional SBQ-BA e entregue durante o Encontro de Química da Bahia.

Foi tesoureiro da Regional-Bahia da Sociedade Brasileira de Química (SBQ), membro de corpo Editorial de Acta Amazônica, periódico editado pelo Instituto de Pesquisas do Amazonas e, atualmente é Editor de Química Nova, periódico tradicional da área de Química publicado pela SBQ. Colaborou no comitê de assessoramento da FAPESB, área de ciências naturais e matemática e também colabora no assessoramento a várias fundações estaduais de amparo à pesquisa e de periódicos nacionais e internacionais.

JOSÉ MARIA LANDIM DOMINGUEZ

NASCEU EM 12 DE FEVEREIRO de 1956 em Salvador, Bahia. Concluiu sua graduação em Geologia pela Universidade Federal da Bahia em 1979. Durante a graduação se interessou de imediato pelo estudo dos processos superficiais terrestres, com ênfase no transporte e deposição dos sedimentos costeiros e marinhos. Deste interesse surgiu a motivação para realizar o mestrado em Geologia, também pela UFBA, concluído em 1983. No mestrado se interessou pelo estudo de deltas e variações do nível do mar. Este tema foi expandido quando da realização do doutorado na Rosenstiel School of Marine and Atmospheric Sciences da Universidade de Miami (EUA) concluído em 1987, quando aprofundou seu treinamento nas ciências do mar. As suas atividades docentes tiveram início ainda em 1980, durante o mestrado, como professor colaborador do Departamento de Sedimentologia do Instituto de Geociências da UFBA.

Desde a conclusão do doutorado, tem se dedicado à pesquisa e ao ensino de graduação e pós-graduação na área das geociências (Geologia e Oceanografia) e à gestão universitária. É professor titular em Geologia Costeira e Sedimentar do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia desde o ano de 2000 e Pesquisador 1A – CNPq, nos últimos 10 anos. Já participou de comitês de assessoramento de diversos órgãos de fomento à pesquisa (Capes, CNPq, Fapesb etc). Ao longo de sua carreira



**JOSÉ MARIA
LANDIM
DOMINGUEZ**

Professor Titular
em Geologia
Costeira e
Sedimentar
do Instituto de
Geociências da
Universidade
Federal da
Bahia – UFBA

coordenou, publicou e orientou respectivamente, dezenas de projetos, trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias de graduação. Suas áreas de atuação principais são: Geologia e Geofísica Marinha, Geologia Costeira e Oceanografia. Seus atuais interesses de pesquisa são: Origem e Evolução da Zona Costeira e Plataforma Continental, Variações do Níveis do Mar, Dinâmica Costeira, Sedimentação Marinha, Erosão Costeira e Sedimentação Deltáica.

LILIANE ELZE FALCÃO LINS KUSTERER

GRADUOU-SE EM ODONTOLOGIA pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1993. Especializou-se em Técnica Operatória em Cirurgia Experimental e Metodologia da Pesquisa pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP,1998). Concluiu mestrado em odontologia com concentração em Estomatologia pela UFBA (2001), doutorado em Patologia Humana pelo Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz/Fundação Oswaldo Cruz-BA (2004), pós-doutorado em Medicina e Saúde Humana pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2007) e livre docência em Bioética pela Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA (2011). Possui título de especialista em Estomatologia (Conselho Federal de Odontologia, 2003) e em Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial (UFBA, 2005).

É docente dos Programas de Pós-graduação em Medicina e Saúde, Ambiente e Trabalho da FMB-UFBA. Foi bolsista da União Européia em 2011, participando da Escola de Verão de Bioética da GLEUBE (Globalising European Bioethics Education) em Istanbul. É líder de dois grupos de pesquisa registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Suas áreas de interesse em pesquisa são Estomatologia (qualidade de vida e doenças crônicas) e Bioética (ética em pesquisa, humanização em saúde e qualidade de vida). Concernentes às referidas áreas de pesquisa, coordena projetos financiados pela FAPESB, CNPq e Minis-



**LILIANE ELZE
FALCÃO LINS
KUSTERER**

Professora
Adjunto IV do
Departamento
de Medicina
Preventiva
e Social da
Faculdade de
Medicina da
Universidade
Federal da
Bahia (FMB/
UFBA)

tério da Saúde. Seus projetos em estomatologia e Bioética possuem cooperação internacional com a Associação Internacional Schweitzer Lambaréné, sediada na França e de pesquisadores do Maxillofacial Center for Education and Research, West Virginia e University of Texas, Houston. Atualmente desenvolve outras atividades relacionadas à pesquisa: Pesquisadora e estomatologista do Ambulatório de Transplante de Fígado na UFBA, sendo membro da Comissão de Odontologia da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos.

É preceptora e tutora do Programa de Residência Multiprofissional, na área de Odontologia Hospitalar do Complexo Hospital Universitário Professor Edgard Santos, UFBA. Possui experiência como editora chefe e editora associada de periódicos científicos. Publicou ao longo de sua via acadêmica 53 trabalhos em periódicos científicos especializados indexados e um livro. Foi Professora Titular da EBMSp de 2005 até maio de 2017, sendo atualmente Pesquisadora Visitante desta instituição sem recebimento de proventos dessa função. Ingressou como docente na UFBA em 2011. Atualmente é Professora Adjunto IV do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) da UFBA, em Regime de Dedicção Exclusiva.

Exerce a função de vice-coordenadora do Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Bahia. Em 2015, passou para o grau de Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial (2015). É Membro fundador e atual coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Educação Transdisciplinar em Bioética (NETBIO) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, membro da Associação Internacional Schweitzer Lambaréné (AISL), França-Gabão. Coordenadora do Convênio Internacional AISL-UFBA.

LUÍS CLÁUDIO LEMOS CORREIA

A CARREIRA CIENTÍFICA do Prof. Luís Cláudio Correia é caracterizada por três pilares: destacada produção científica, reconhecido papel na formação de cientistas na área de saúde e promoção do pensamento científico para a sociedade.

Como pesquisador, sua carreira foi semeada em meados da década de 90, na cidade de Baltimore, onde realizou seu Research Fellowship na Universidade de Johns Hopkins, teve formação na Johns Hopkins School of Public Medicine e desenvolveu linha de pesquisa em aterosclerose no Serviço de Cardiologia, sob mentoria do baiano João Augusto Costa Lima, membro da Academia de Ciências da Bahia. Retornando ao Brasil, iniciou atividades assistenciais como cardiologista, em paralelo com a criação de sua linha de pesquisa em Síndromes Coronarianas Agudas, defendendo Tese de Doutorado em 2003. Desde então, lidera este grupo de pesquisa, gerando publicações de impacto, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Tem 104 artigos em periódicos internacionais e nacionais. No contexto desta linha de pesquisa obteve o título de Livre-Docente em 2010 pela Universidade Federal da Bahia.

Seus trabalhos científicos possuem uma tendência crítica e inovadora em relação a conceitos vigentes, analisando o comportamento cognitivo de médicos em suas decisões e propondo novos modelos probabilísticos. Esta tendência culminou com a



**LUÍS CLÁUDIO
LEMOS
CORREIA**

Professor
Adjunto da
Escola Bahiana
de Medicina e
Saúde Pública
(EBMSP)

recente criação de nova linha de pesquisa denominada Medicina Baseada em Evidências e Cognição Médica. Complementando as atividades nestas duas linhas de pesquisa, Luís desenvolve parcerias científicas internacionais com a Universidade de Johns Hopkins (Baltimore, EUA) e Universidade de Ulm (Baden-Wurtemberg, Alemanha), é pesquisador Nível 2 do CNPQ e Coordenador de Pesquisa do Hospital São Rafael (Salvador, Bahia) desde 2015.

Como professor, sua casa é a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública desde 2005, com forte atuação na graduação e pós-graduação. É grande seu reconhecimento pelo papel de formador de cientistas e de profissionais baseados em evidências (consumidores críticos de ciência). Neste contexto, Luís prega que uma formação científica baseada no valor da incerteza e na capacidade de gerar perguntas científicas úteis. Diferencia um pesquisador (produtor de artigos) de um cientista (produtor de perguntas úteis, reconhecendo a limitação de suas respostas). Combate firmemente a tendência “publish or perish” da produção industrializada de artigos inúteis.

Mas sua atuação como professor vai além dos muros acadêmicos, caracterizando o terceiro pilar de sua contribuição científica: a Medicina Baseada em Evidências. É nesta vertente que Luís traz sua maior contribuição para a sociedade, tendo como missão popularizar o pensamento científico. Neste contexto, tornou-se uma referência nacional para médicos e profissionais de saúde por suas conferências, cursos e principalmente seus textos no Blog Medicina Baseada em Evidências, criado em 2010 e hoje com 1,8 milhão de acessos. Este espaço virtual tem forte caráter filosófico e científico, abordando conceitos de veracidade, relevância de evidências e princípios norteadores do pensamento clínico-científico. No diálogo com a sociedade, vale destacar seus artigos publicados no Jornal A Tarde e na Folha de São Paulo.

Foi diante deste contexto que Luís Correia aceitou que o gentil convite de seu professor Bernardo Castro-Galvão para concorrer a uma cadeira na Academia Ciências da Bahia.

MANOEL ABÍLIO DE QUEIROZ

DEPOIS DE SUA FORMAÇÃO acadêmica (graduação – Universidade Federal Rural de Pernambuco, mestrado – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz/Universidade do Estado de São Paulo e doutorado – Universidade de Cambridge, Inglaterra), o trabalho desenvolvido por Manoel Queiroz teve como pilar básico a formação de novos talentos com base no melhoramento de plantas para o Semiárido brasileiro. Ele verificou que essa deveria ser a prioridade principal nessa região. Assim, se aproximou da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) onde fez concurso. Ministrou a disciplina de Melhoramento de Plantas e uma pequena fração que se dedicou à pesquisa, primeiramente na Iniciação Científica e depois alguns seguiram a pós-graduação ao nível de Mestrado e depois de Doutorado. Esses alunos foram para Universidades do Sudeste (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ/USP, Universidade Federal de Viçosa, MG - UFV, Universidade Estadual do Norte Fluminense, em Campos dos Goytacazes – UENF, Universidade Estadual Paulista em Jaboticabal, SP – FCAV). Foram os primeiros alunos formados dentro dessa estratégia. Mais importante, os alunos começaram a ingressar em diferentes Universidades (Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS; Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, RN - UFERSA; Universidade da Federal da Bahia – UFBA; Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, além



**MANOEL
ABÍLIO DE
QUEIROZ**

Professor Titular
da Universidade
do Estado da
Bahia (UNEB)

de algumas Unidades da Embrapa (Semiárido, Tabuleiros Costeiros e Agroindústria Tropical). Os egressos desse exercício estão formando novos talentos dentro de suas organizações, sendo que alguns deles levaram a ideia dos Recursos Genéticos Vegetais para a UEFS e essa discussão também chegou à Universidade Federal do Recôncavo Baiano, UFRB e resultou na aprovação do curso de Pós-Graduação – Recursos Genéticos Vegetais na UEFS (Mestrado e Doutorado) e o curso de Mestrado na UFRB. Uma iniciativa vitoriosa.

Escolheu a família botânica das cucurbitáceas para fundamentar sua pesquisa inicialmente na Embrapa Semiárido e depois na UNEB, considerando uma família muito negligenciada no Brasil. Estudou a variabilidade genética existente na agricultura tradicional no Nordeste brasileiro. Aproximou-se também de cursos de pós-graduação, primeiro na UFERSA (Mestrado/Doutorado) onde ministrou a disciplina de Recursos Genéticos Vegetais e foram formados alguns mestres e doutores e, depois do curso de Mestrado/Doutorado em Recursos Genéticos Vegetais na UEFS onde também já foram formados mestres e doutores, todos trabalhando com os recursos genéticos vegetais onde foram desenvolvidas dissertações e teses e consolidando o Banco Ativo de Germoplasma de Cucurbitáceas para o Nordeste brasileiro, localizado na Embrapa Semiárido em Petrolina-PE e na UNEB em Juazeiro-BA.

Todas essas vertentes resultaram na formação de um bom número de talentos que estão em plena atividade nas diversas Instituições no Nordeste brasileiro, inclusive algumas no Semiárido e foi formada a Rede de Recursos Genéticos Vegetais do Nordeste (RGV NE) que já fez quatro Simpósios na Bahia (RGV Bahia) e depois dois Simpósios como Região Nordeste, sendo um Cruz das Almas, Bahia (2013), outro em Fortaleza, Ceará (2015) e o terceiro, em Aracaju (outubro de 2017).

Foi bolsista de produtividade 2 do CNPq e agraciado com o prêmio Marcilio de Souza Dias (Associação Brasileira de Horticul-

tura-ABH) e com o prêmio Frederico Menezes Veiga da Embrapa e pertence à Diretoria de Redes Regionais da Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos – SBRG.

Na área de administração de pesquisa foi Chefe Adjunto de Pesquisa da Embrapa Semiárido de 1975 a 1980, Diretor Presidente do Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) de 1987 a 1990 e Chefe Geral da Embrapa Semiárido entre 1995 e 1999.

MANOEL GOMES DE MENDONÇA NETO



**MANOEL
GOMES DE
MENDONÇA
NETO**

Professor
Adjunto da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

GRADUADO EM ENGENHARIA Elétrica pela UFBA, é mestre em Engenharia de Computação pela UNICAMP e Doutor em Ciência da Computação pela Universidade de Maryland (EUA). Sua área de atuação é em engenharia de software, onde busca estudar métodos e ferramentas para melhor desenvolver e manter sistemas de software de grande porte. Durante sua carreira, ele já foi Cientista Visitante do Centro de Estudos Avançados do Laboratório da IBM, em Toronto no Canadá (1994-1997), Pesquisador Doutor da Universidade de Maryland e do Centro Fraunhofer para Engenharia de Software Experimental também em Maryland (1997-2000), Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Redes e Computação da UNIFACS (2005-2008), Membro da Câmara Técnica de Computação da FAPESB (2005-2008), Pesquisador do CNPq (2001-2010), e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Computação da UFBA (2010-2012).

Em 2012, com o apoio da Sociedade Fraunhofer e do Instituto Fraunhofer para Engenharia de Software Experimental (IESE), da Alemanha, ele fundou o Centro de Projetos Fraunhofer (FPC) para Engenharia de Software e Sistemas na UFBA. Neste período começou a atuar também como gerente de estratégias de P&D em tecnologias de informação no Campus Integrado de Manufatura e Tecnologia (CIMATEC) do SENAI e da FIEB. Durante o Biênio 2015-2016, licenciou-se de suas atividades acadêmicas para atu-

ar como Secretário de Ciência Tecnologia e Inovação do estado da Bahia. Professor Mendonça foi um dos criadores do Mestrado Profissional em Redes de Computadores da UNIFACS (2001), e do Programa Multi-institucional em Ciência da Computação da UFBA-UEFS-UNIFACS (2007), respectivamente o primeiro mestrado e primeiro doutorado em computação do estado da Bahia. Em 2010, ele orientou o aluno Glauco Carneiro na primeira tese de doutorado em computação defendida no estado. Professor Mendonça é membro sênior do IEEE e da Association for Computing Machinery (ACM), as duas principais sociedades científicas de computação, e é membro pleno da Sociedade Brasileira de Computação (SBC), tendo sido Coordenador da sua Comissão Especial para Engenharia de Software (CEES) no período 2008-2009.

Foi premiado várias vezes por seus artigos, ferramentas computacionais e trabalhos de orientação, cabendo mencionar os prêmios de melhor artigo no International Symposium on Empirical Software Engineering, em 2002, em Nara no Japão, e o melhor proposta de Doutorado, de seu aluno Mario Farias, na International Conference on Enterprise Information Systems, em 2016, em Roma na Itália. Durante sua carreira, ele publicou mais de 150 artigos científicos, orientou 30 dissertações de mestrado, 10 teses de doutorado, e coordenou vários projetos de P&D de grande porte, incluindo o desenvolvimento do sistema nacional de coleta e análise de dados de qualidade de combustíveis do país (2001-2004), o sistema de controle da fila nacional de transplantes (2013-2017), e o RESCUER, um sistema de crowdsourcing para controle de crises e emergências, envolvendo nove instituições de pesquisa do Brasil e da Europa. Em 2016, Prof. Mendonça foi o Pesquisador Homenageado da Comissão Especial para Engenharia de Software da SBC, principal prêmio científico nacional na sua área de atuação.

MARILUCE DE SOUZA MOURA



MARILUCE DE SOUZA MOURA

Professora
Titular e
Assessora de
divulgação
científica da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

JORNALISTA DETERMINADA a construir novas vias para divulgar ciência à sociedade, Mariluce contribui para a formação de novos jornalistas científicos e forma equipes de alta qualificação nesse campo, desde 1988. É atualmente professora titular da UFBA e assessora especial da Universidade para comunicação e divulgação científica.

Nasceu em Salvador em 3 de novembro de 1950 – foi a quarta criança entre as 11 que seus pais, Regina Nilza Moura e Laert de Souza Moura, determinadamente entregaram ao mundo. Fez ginásio e colegial no Colégio de Aplicação da UFBA, formou-se em jornalismo pela Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA e tornou-se mestra e doutora em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vem prometendo há anos publicar sua tese de doutorado, O encontro anunciado: a mídia na construção das imagens da tecnociência brasileira, o que seria razoável, uma vez que trata de tema que a apaixona, ou seja, o momento especial no ano 2000 em que a maior parte dos grandes veículos de comunicação do país descobre que o Brasil produz ciência de ponta, como gente grande.

Iniciou sua profissão de fé na narrativa do contemporâneo, que em princípio o jornalismo é, no Jornal da Bahia, em 1969 – mesmo ano em que entrara na universidade. Trabalhou nos anos seguintes em alguns dos mais importantes jornais e revistas do

país, principalmente na editoria de economia, antes de se entregar ao jornalismo científico, graças a um convite de trabalho do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em janeiro de 1988. Ajudou a formar bons profissionais no cotidiano das redações.

As andanças que retomou em 1983 (antes, saíra da Bahia em 1976) a levaram ao Rio, Brasília e, enfim, São Paulo. Ali permaneceu de 1989 a 2016, deixou pelo caminho um doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), empenhou-se para ver os três filhos formados na USP, viu nascer seus cinco (por enquanto) maravilhosos netos, e criou, em 1999, um veículo que julga realmente relevante: a revista Pesquisa FAPESP. Foi sua diretora até dezembro de 2014. Reformulara 10 anos antes, na gestão de Crodowaldo Pavan, a Revista Brasileira de Tecnologia (RBT), do CNPq, infelizmente morta por asfixia no governo Collor. Montara em São Paulo uma nova redação para a publicação, atendendo a proposta da direção do Conselho, e foi editora-chefe da publicação. Entendeu que seu desaparecimento deixou um vácuo em divulgação científica no país que viria a ser preenchido, em larga medida, com a Pesquisa Fapesp.

Mariluce retornou à Bahia em 2016 para retomar seu direito de ser professora da UFBA, arrancado 40 anos antes pela ditadura civil-militar que dominou o Brasil de 1964 a 1985. Dois anos antes, mesmo de longe, criara a revista Bahiaciência, com a intenção de dar notícia, no próprio estado e no país, da produção científica relevante de núcleos de pesquisa de universidades baianas e de frentes de inovação tecnológica pouco conhecidas bancadas por empresas na Bahia, como as de energia eólica. Suas iniciativas em divulgação científica incluem o projeto Ciência na rua, em desenvolvimento. Mariluce é também escritora, embora até o momento tenha publicado só um romance.

RONALDO LOPES OLIVEIRA



RONALDO LOPES OLIVEIRA

Professor
Adjunto e
Coordenador
de Ensino de
Pós-Graduação
na Pró-Reitoria
de Ensino de
Pós-Graduação
da Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

VEM REALIZANDO suas atividades científicas focadas no aproveitamento de subprodutos da agroindústria, típicos da Bahia e do Nordeste, na alimentação de animais ruminantes como caprinos, ovinos e bovinos de corte. O objetivo é dar melhor destino a resíduos, agregando-os valor, e, ao mesmo tempo, buscar formas de que estas novas dietas contribuam para a melhoria da qualidade da carne dos animais, de modo que se tornem mais saudáveis para quem as consome. Tem apresentado suas pesquisas anualmente em congressos no exterior e no Brasil e seus artigos têm sido publicados em revistas de alto impacto em nível mundial, tais como o *Molecules*, *Journal of Animal Science*, *Animal Feed Science and Technology*, *Journal of Animal Science and Biotechnology*, *Meat Science*, *Journal of the Science of Food and Agriculture* e *Animal*, estratificadas como A1 no Qualis e com os maiores impactos de sua área.

Os resultados mais destacáveis dizem respeito a estudos em que pôde indicar níveis de inclusão dos subprodutos como o resíduo da extração do óleo de dendê, de licuri, de amendoim e de girassol nas dietas dos animais e, ao mesmo tempo, indicar quais níveis promoveram melhor resultado para a saúde cardiovascular dos consumidores de tais carnes. É autor do livro “Bovinocultura de Corte: Desafios e Tecnologias”, que está na 2ª edição, com tiragem de 3 mil exemplares. Na UFBA, o pesquisador foi respon-

sável pela criação do Doutorado em Ciência Animal nos Trópicos, do Curso de Graduação em Zootecnia, da Especialização em Produção de Bovinos e do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia (aberto com Mestrado e Doutorado, conceito 4). Membro da Associação Brasileira de Zootecnistas desde 2000, presidiu seu congresso brasileiro (o Zootec) em 2004 e foi homenageado como Zootecnista do Ano por esta entidade em 2010.

Em 1996 se filiou à Sociedade Brasileira de Zootecnia, entidade científica criada em 1951, foi seu presidente entre 2009 e 2011 e presidiu sua Reunião Anual em 2010 em Salvador, com mais de três mil participantes. Como orientador formou 57 estudantes em iniciação científica, 26 mestres, 14 doutores e 18 pós-doutores. Egressos dos diferentes níveis supracitados estão inseridos em Programas de Pós-Graduação da UFBA, UFMT, UFPA, UFPR, UFRB, UFG, UnB e UFPI. Além de outros egressos que atuam em cursos técnicos e de graduação em Universidades e Institutos Federais. Há sete anos atua como Coordenador de Ensino de Pós-Graduação na Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação da UFBA, há dez atua como Editor-Chefe da Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal e é consultor ad hoc de mais de uma dezena de importantes revistas em nível nacional e internacional. É membro do Comitê Assessor da área de Zootecnia no CNPq desde julho de 2016.

SONIA LUCIA RANGEL



SONIA LUCIA RANGEL

Professora
Permanente nos
Programas de
Pós-Graduação
da Escola de
Teatro (PPGAC)
e da Escola
de Belas Artes
(PPGAV) da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

ARTISTA CÊNICA E VISUAL, é pesquisadora de Processos Criativos na Arte, Mestre em Artes Visuais (1995) e Doutora em Artes Cênicas (2002), ambos os títulos pela UFBA. Atua como Professor Permanente nos Programas de Pós-Graduação da Escola de Teatro/ PPGAC e da Escola de Belas Artes/ PPGAV da UFBA. Com vários artigos e livros já publicados, é pesquisadora com vínculos no diretório do CNPQ a três grupos de pesquisa: GIPE-CIT - Grupo de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade, na linha de Poéticas e Processos de Encenação; DRAMATIS - Dramaturgia: mídias, teoria, crítica e criação, na linha de processos de criação e trans-criação em dramaturgia; e PÉ NA CENA - Poéticas de Atuação e Encenação.

Criou, coordena e mantém ativo o GRUPO DE TEATRO OS IMAGINÁRIOS, várias vezes premiado, vinculado à Escola de Teatro, com o qual vem pesquisando, orientando e publicando tanto em forma de espetáculos, como de exposições, artigos e livros, dissertações e teses, focando, a partir do estudo sobre Imaginário e Processos de Criação, temas da arte contemporânea em diálogo transdisciplinar com Artes Visuais, Dramaturgia, Criação e Cena com Atores em Teatro de Imagem, de Objetos e de Formas Animadas. Possui obras em acervos públicos e privados no Brasil e no exterior.

WILSON ARAÚJO LOPES

GRADUADO EM FARMÁCIA Bioquímica pela Universidade Federal da Bahia, é Mestre em Química de Produtos Naturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientado pelo Prof. Ângelo da Cunha Pinto, e Doutor em Química pela UFBA, orientado pelo Professor Jailson Bittencourt de Andrade.

É Professor Titular do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química da UFBA, foi Secretário Regional da Sociedade Brasileira de Química, Chefe do Departamento de Química Orgânica, Diretor do Instituto de Química e Pró-Reitor de Planejamento e Administração da UFBA no Reitorado do Professor Heonir Rocha.

Desenvolve pesquisa na área de Síntese Orgânica, Química Ambiental e de Alimentos. É professor credenciado do Programa de Pós-graduação em Química e do Programa de Pós-graduação em Energia e Ambiente da UFBA. Orienta alunos de pós-graduação, é coautor de um capítulo de livro, publicou artigos em periódicos indexados e foi agraciado com “Prêmio Antônio Celso Spínola Costa – Destaque em Química”, honraria concedida pela SBQ BAHIA.



WILSON ARAÚJO LOPES
Professor
Titular do
Departamento
de Química
Orgânica do
Instituto de
Química da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

CAMILA ALEXANDRINA FIGUEIREDO



**CAMILA
ALEXANDRINA
FIGUEIREDO**

Coordenadora e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Imunologia e Professora Permanente da Pós-graduação em Processos Interativos do Órgãos e Sistemas no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (ICS/UFBA)

NASCEU NA CIDADE DE João Pessoa, na Paraíba, em 04 de maio de 1979. É filha de Antônio Matos de Figueiredo e Ana Cleide Figueiredo, seus grandes e principais incentivadores. Em 1998, ingressou no curso de graduação de farmácia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e foi bolsista do antigo Programa Especial e Treinamento (PET), hoje, Programa de Ensino Tutorial da CAPES durante toda a graduação. Trabalhou com imunoparasitologia durante as atividades de iniciação científica no Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF-UFPB) sob orientação da Professora Dra. Filomena Perrella Balestieri que lhe deu base para o exame de seleção, em 2001, do Programa de Pós-Graduação em Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sendo aprovada no curso de mestrado sob orientação da Professora Dra. Mary Luci de Souza Queiroz. Durante seu primeiro ano de mestrado, foi convidada por sua orientadora para fazer doutorado direto, sendo uma das primeiras alunas a mudar de nível para doutorado após abertura desta possibilidade pela CAPES. Durante o doutoramento, participou ativamente de vários projetos em andamento no laboratório relacionados à busca de drogas com potencial imunomodulador *in vitro* e *in vivo*. No último ano de seu doutoramento, surgiu a oportunidade de fazer um estágio sanduiche na U.T. Southwestern Medical Center at

Dallas, supervisionada pela Dra. Rita Perlingeiro. Durante este estágio, teve a oportunidade de participar de pesquisa relacionada à identificação de marcador específico para células-tronco mesenquimais, levando a resultados inéditos publicados na revista *Blood* em 2007 (SSEA-4 identifies mesenchymal stem cells from bone marrow), artigo que, até hoje, é o mais citado dentre todas as suas produções (501 citações no Google Acadêmico®). Enquanto finalizava seus estudos do doutorado e fazia seu estágio sanduiche na U.T. Southwestern, seu esposo, Márcio Fontana, já havia defendido seu doutorado (UNICAMP) e já havia conseguido uma posição inicialmente como Professor Visitante da UEFS e, em seguida, como professor adjunto da Escola Politécnica/UFBA. Assim, definiu morada em Salvador e iniciou sua busca por oportunidades na Bahia.

Em fevereiro de 2005, foi aprovada no concurso para professor substituto do Departamento de Biointeração do Instituto de Ciências das Saúde da UFBA e já iniciou a orientação de alunos de iniciação científica em colaboração com o Laboratório de Alergia e Acarologia – UFBA em projetos relacionados à modulação imunológica em alergias por antígenos parasitários.

Em julho de 2005, teve a oportunidade de começar a trabalhar com Professora Neuza M. Alcântara Neves, Professor Lain Carlos Pontes de Carvalho (in memoriam), Professor Álvaro Cruz e Professor Maurício Barreto numa oportunidade que surgiu, com bolsa de pós-doutorado da Wellcome Trust. Durante este que foi seu primeiro pós-doutoramento nos Laboratórios de Patologia e Biointervenção (LPBI-FIOCRUZ) e de Alergia e Acarologia (ICS-UFBA) iniciou seus estudos envolvendo a relação entre infecções parasitárias e alergias sob a supervisão da Dra. Neuza M. A. Neves (ICS-UFBA). Foi exatamente neste momento que se iniciava um dos maiores estudos populacionais em asma do Brasil e ela teve a oportunidade de participar desde sua implementação uma vez pós-doutorado do Laboratório de Alergia e Acarologia, o SCAALA, Social Changes Asthma e Allergy in Latin America,

coordenado pelo Professor Maurício Barreto e fomentado pela renomada Wellcome Trust (UK) da qual foi bolsista por 2 anos.

A partir daí, muito trabalho e muita recompensa, o SCAALA foi uma das coortes em asma mais bem sucedidas do mundo em termos de geração de novos conhecimentos em asma e alergias na América Latina com mais de 60 publicações em periódicos científicos e um grande impacto na formação de recursos humanos na área. Dentro deste cenário, o maior interesse científico de Camila era entender como fatores ambientais ligados a falta de higiene estavam associados com asma e atopia em nossa população e quais os mecanismos imunológicos por trás desta relação. Assim, várias publicações ocorreram neste contexto específico, incluindo revistas de alto impacto, dentre elas, *The Journal of Allergy and Clinical Immunology* e *Environmental and Health Perspectives*. Nestes trabalhos houve a oportunidade de testar a Hipótese da Higiene que atribui a epidemia de doenças alérgicas ocorrida nas últimas décadas à questão da higiene no contexto de melhoria de condições de vida, incluindo, saneamento, advento da vacinação, etc. Teoricamente, estes eventos são importantes para o desenvolvimento imunológico e hoje se sabe que a diminuição do contato humano com microrganismos induz uma “desregulação” imunológica o que gera doenças imunomediadas, tais como, asma e alergias. Assim, foram descritos fatores ambientais e infecções, especialmente, por helmintos, que estão relacionados a indução desta regulação do sistema imune.

Em fevereiro de 2007, Camila Figueiredo ingressou como professora adjunta da UFBA, após um concurso público no Departamento de Bio-regulação do ICS. Iniciou uma trajetória para consolidação da linha de pesquisa em Imunoepidemiologia no ICS/UFBA. Para tanto, vinculou-se ao Programa de Pós-graduação em Imunologia, onde orientou seus primeiros estudantes de mestrado e doutorado. A partir daí, várias oportunidades de financiamento surgiram e conseguiu aprovar alguns projetos como coordenadora, entretanto, 5 anos depois de seu ingresso na

UFBA, se atirou em um novo desafio de mais um pós-doutorado, agora em uma área totalmente diferente do que estava trabalhando na Johns Hopkins University, sob a supervisão da Dr. Kathleen Barnes. Neste pós-doutorado, trabalhou para entender se haveria algum mecanismo genético por trás das observações imunoepidemiológicas no SCAALA onde altos níveis de regulação imunológica (mensurada através da produção da citocina regulatória IL-10) estavam associadas com fatores ambientais ligados a sujeira, infecções por helmintos e asma/alergias, o que resultou em uma outra publicação no melhor jornal em imunologia, o *The Journal of Allergy and Clinical Immunology*.

Em 2012, em seu retorno dos Estados Unidos, coincidiu com a ocasião em que o SCAALA havia sido convidado para participar do EPIGEN Brasil, consórcio nacional fomentado pelo MCT para estudar a origem ancestral da população brasileira. E a partir daí, com os dados genéticos complexos gerados através do consórcio EPIGEN Brasil, seguiu, com o SCAALA, descrevendo as principais variantes genéticas ligadas a asma e alergia no Brasil, identificando rotas moleculares que ajude a compreender tais condições visando possíveis intervenções terapêuticas futuras. Conseguiu aprovar novos projetos e em 2013 foi contemplada com bolsa de produtividade do CNPq. Em 2014, foi indicada como Membro Afiliado da Academia Brasileira de Ciências.

Dessa forma, vem consolidando a sua carreira científica nos últimos anos (2011-2017), um total de 38 publicações foram geradas em periódicos de grande importância para as Ciências Biológicas e da Saúde (incluindo publicações no *Journal of Allergy and Clinical Immunology*, na *Blood* e no *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*). A lista completa de publicações pode ser acessada no link CV-Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4758550783703417>. Uma das evidências da qualidade dos trabalhos produzidos é o número de citações que estas produções estão alcançando (mais de 1000 citações). Importante também citar o estabelecimento de colaborações

nacionais e internacionais ao longo destes anos. Ademais, sua experiência na formação de recursos humanos é expressiva e de grande relevância para o Estado da bahia. Orientou 18 mestrados e 12 de doutorados (sendo 3 com estágio sanduiche no exterior), além de várias orientações de iniciação científica e de 4 superviões de pós-doutorado (todos os alunos bolsistas CAPES, CNPq ou FAPESB), garantindo assim a formação de recursos humanos especializados nestas linhas inéditas para nossa região, Universidade e nosso programa de pós-graduação.



CAMILA INDIANI OLIVEIRA

OS PAIS DE Camila Indiani de Oliveira são professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), das áreas de Economia e Letras. Sempre trabalharam fora e no meio acadêmico. Ela tem um irmão mais novo e ambos estudaram no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRJ. Ela gostava de geografia, história e de ciências em geral. Dos 14 aos 16 anos, estudou na Grã-Bretanha, em função dos estágios de pós-doutoramento dos seus pais. Ao voltar para o Brasil, escolheu cursar biologia e passou para a Universidade de São Paulo (USP). A mudança do Rio para São Paulo, saindo da casa dos pais, foi uma mudança importante, além do início da faculdade e o contato com o mundo da biologia. Camila observa que embora sua graduação tenha sido voltada para a zoologia, botânica e ecologia, foi fazendo a iniciação científica (IC) na parasitologia, com a professora Célia Garcia como orientadora, que descobriu seu interesse pelos micro-organismos.

Daí para frente, os colegas do departamento de Parasitologia, os professores e, sobretudo, seu orientador do doutorado em Ciências (Biologia da Relação Patógeno-Hospedeiro), Hernando del Portillo, foram fundamentais na sua formação. Durante o doutorado, realizado também na USP, Portillo insistiu e incentivou que Camila fizesse o modelo sanduíche, com parte do doutorado, no caso dela, feito nos EUA. “Meu orientador lá, Moriya Tsuji, e os inúmeros amigos que adquiri contribuíram para

CAMILA INDIANI OLIVEIRA

Professora Permanente dos cursos de Pós-Graduação em Patologia (UFBA-FIOCRUZ) e em Ciências da Saúde (UFBA) e Professora Adjunta da Fundação Bahiana Para o Desenvolvimento das Ciências

que eu pudesse conhecer a ciência feita no mundo desenvolvido e me decidisse pela carreira acadêmica.”

Camila realmente gosta muito de trabalhar com ciência, pela possibilidade de descobrir, de confirmar, de conversar sobre ideias novas o tempo todo e de estar tanto com os jovens quanto com os mais velhos. “Acho que um bom cientista tem que ter paciência, organização e interesse, muito interesse”. Ela trabalha com leishmaniose, uma doença grave transmitida pela picada de um inseto. É uma doença comum em áreas rurais, onde ainda há florestas, habitat do transmissor.”

A leishmania é um parasita que fica instalado dentro das células, se alimentando e crescendo. A leishmaniose é uma doença crônica cujo tratamento é bem desagradável, pois o paciente tem que tomar muitas injeções e, em função do medicamento, muitas vezes fica ainda mais debilitado. “O que eu venho pesquisando é uma maneira de gerar vacinas contra a doença e, mais recentemente, novas moléculas que possam combater a leishmania, o parasita que causa a leishmaniose. Outra coisa que eu pesquiso é como o parasita é reconhecido pelo nosso corpo ou como as células do sistema imune reagem na infecção. Essa parte eu gosto muito, porque descubro como o parasita se relaciona com as nossas células.”

Camila atualmente é pesquisadora do Instituto Gonçalo Moniz/Fiocruz, professora do curso de pós-graduação em Patologia e em Ciências da Saúde e da Fundação Bahiana Para o Desenvolvimento das Ciências. Em 2011 foi indicada membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências e em 2017 assumiu o cargo de Vice-Diretora de Pesquisa do IGM-FIOCRUZ.

GISELE OLÍMPIO DA ROCHA

É NATURAL DE MARINGÁ-PR, cidade que cursou Química-Licenciatura na Universidade Estadual de Maringá, UEM (1995-1998). Fez doutorado em Química no Instituto de Química de Araraquara-SP, na Universidade Estadual Paulista, UNESP (1999-2003), período que fez doutorado sanduíche na Division of Environmental Health and Risk Management, School of Geography, The University of Birmingham, em Birmingham, Reino Unido em 2002. Após, realizou estágio de pós-doutoramento em Energia e Ambiente no Centro Interdisciplinar em Energia e Ambiente (CIEnAm) na Universidade Federal da Bahia (2004-2006). Durante sua vida acadêmica foi bolsista das seguintes entidades financiadoras: CNPq, CAPES, FAPESB, FAPESP e IIE-WWF. No final de 2006 assumiu o cargo de Professora Adjunto no Campus Anísio Teixeira, Universidade Federal da Bahia, em Vitória da Conquista-BA, em que desenvolveu atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão entre 2006-2008. Em 2009 assumiu o cargo de Professora Adjunto no Departamento de Química Analítica, Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia, em Salvador-BA. Recentemente finalizou um período sabático no Department of Atmospheric & Oceanic Sciences, University of California, Los Angeles, UCLA, nos Estados Unidos (2015-2016). Foi membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências para o quinquênio 2011-2015 e é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível II desde 2009.



**GISELE
OLÍMPIO DA
ROCHA**

Professora
Associada II
do Instituto
de Química da
Universidade
Federal da
Bahia (UFBA)

Durante seu período sabático, foi bolsista do Programa Ciências sem Fronteiras do CNPq e da Fundação Lemann. É Professor Associado II do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia e tem experiência na área de Química Atmosférica, Química Ambiental, Química Analítica e Química de Alimentos. É coordenadora do grupo de pesquisa GEIA – Grupo de Estudos Interdisciplinares do Ambiente, atuando principalmente no estudo de compostos orgânicos e inorgânicos na atmosfera gerados por processos naturais ou antrópicos e com espécies reativas de oxigênio presentes no material particulado atmosférico, e os seus possíveis efeitos deletérios no ambiente e em sistemas biológicos.

Já orientou diversos projetos de iniciação científica, cinco dissertações de mestrado, nove teses de doutorado e duas supervisões de pós-doutorado, além de ter publicado mais de 40 artigos científicos indexados em revistas nacionais e internacionais e três capítulos de livros e também ter participado de diversas conferências internacionais nos Estados Unidos e Europa. É editora associada dos Anais da Academia Brasileira de Ciências e revisora de diversos periódicos indexados nacionais e internacionais.

LEONARDO SENA GOMES TEIXEIRA

POSSUI GRADUAÇÃO EM Bacharelado em Química pela Universidade Federal da Bahia (1995), mestrado em Química pela Universidade Federal da Bahia (1997) e doutorado em Química pela Universidade Federal da Bahia (2000). É professor associado do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia, atuando em cursos de graduação e pós-graduação. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D e foi Membro Afiliado da Academia Brasileira de Ciência (2012-2016). Atuou como vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Química da UFBA (2014-2015) e, atualmente, é coordenador do Programa de Recursos Humanos em Petróleo e Meio Ambiente da Universidade Federal da Bahia (PEMA/UFBA) - PRH/ANP 52. Os indicadores de pesquisa, até 2017, mostram mais de 100 trabalhos publicados em periódicos indexados, além de capítulos de livro publicados e patentes depositadas.

Em relação à formação de recursos humanos, até 2017, orientou mais de 20 estudantes de doutorado, 20 estudantes de mestrado e mais de 50 projetos de estudantes de graduação no âmbito da iniciação científica. Suas ações de pesquisa, ensino e extensão são realizadas através do Grupo de Investigação, Desenvolvimento e Inovações Analíticas (IDEIA), criado em 2009 sob sua liderança, que lida com a química analítica voltada para o desenvolvimento de métodos analíticos empregando técnicas



**LEONARDO
SENA GOMES
TEIXEIRA**

Professor
Associado do
Instituto de
Química da
Universidade
Federal da Bahia
e Coordenador
do Programa
de Recursos
Humanos em
Petróleo e Meio
Ambiente da
Universidade
Federal da
Bahia (PEMA/
UFBA) - PRH/
ANP 52

espectrométricas e aplicação, principalmente, em amostras ambientais, de combustíveis e alimentos. Destaca-se, também, a participação em redes de pesquisa, a exemplo do Instituto Nacional de Energia e Ambiente (INCT E&A), em que atualmente é o vice coordenador e o Núcleo de Pesquisa em Química Analítica da Bahia: Química para a Segurança e Agregação de Valor a Alimentos. A inserção internacional do acadêmico pode ser notada não só pelas publicações, mas também pelos projetos de cooperação internacional aprovados por agências de fomento como a CAPES e FAPESB, onde possibilita-se o intercâmbio de professores e estudantes.

LILIAN LEFOL NANI GUARIEIRO

POSSUI GRADUAÇÃO EM QUÍMICA pelo Centro Universitário de Lavras (2003), Mestrado em Química Orgânica e Especialização em Química do Petróleo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006), Doutorado em Química Analítica pela Universidade Federal da Bahia (2010), Doutorado Sanduíche na Virginia Polytechnic Institute and State University em Blacksburg, VA-EUA e Pós-Doutorado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Energia e Ambiente (2011). É membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências para o quinquênio 2014-2018. Atualmente é Professor Adjunto do SENAI CIMATEC, Salvador-BA onde atua como Coordenadora do Programa de Formação de Recursos Humanos da ANP (PRH55 ANP/MCTI), Coordenadora do Laboratório de Pesquisa Aplicada em Química (LIPAQ), Membro do Corpo Docente do CONSU e do CONSEPE do Centro Universitário SENAI Bahia (SENAI CIMATEC) e Membro permanente dos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Gestão e Tecnologia (GETEC) e PPG em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial (MCTI). Os Programas de Pós-Graduação do SENAI CIMATEC, GETEC e MCTI, são da área interdisciplinar e por esse motivo possui alunos nas mais diversas áreas do conhecimento em temas de gestão, energia, química, automotiva, materiais, entre outros.

Já foram concluídas as orientações de 18 IC, 13 trabalhos de conclusão de Especialização, sete mestrados e dois doutorados.



**LILIAN
LEFOL NANI
GUARIEIRO**

Coordenadora do Programa de Formação de Recursos Humanos da ANP (PRH55 ANP/MCTI) e Professora Adjunta do SENAI CIMATEC (Salvador, BA)

Estão em andamento oito orientações de mestrado e três de doutorado. Coordena desde 2011 o Grupo de Pesquisa e desenvolvimento em mobilidade Veicular (CNPq) que visa atender de forma interdisciplinar as linhas: 1) Metodologias de amostragem e análise de compostos orgânicos e inorgânicos oriundos da queima de combustíveis e derivados; 2) Modelagem e construção de equipamentos que auxiliem a amostragem das emissões veiculares e análise da qualidade de combustíveis e derivados; 3) Emissões veiculares oriundas da queima de combustíveis fósseis e alternativos; 4) Durabilidade dos componentes veiculares; 5) Avaliação da qualidade de combustíveis de derivados; e 6) Análise de emissões internas de veículos. Atua na equipe de grandes projetos de pesquisa, muitos deles que visam a colaboração entre seus membros para o estabelecimento de redes de cooperação para a disseminação do conhecimento e tecnologia.

Atualmente, é pesquisadora do INCT de Energia e Ambiente e vem atuando no desenvolvimento de pesquisas com fomento de origem EMBRAPPII no SENAI CIMATEC. Já recebeu os prêmios: (2007) Best of Biorenewables (ACS), (2009 e 2011) Prêmio PUBLIC-FAPEX, (2010) Prêmio Inventor UFBA, (2012) Medalha RVq, (2012) Prêmio Ciência Tecnologia e Inovação em Biodiesel, (2013) Inova SENAI e (2014) Prêmio PubliTec. Possui publicações nos jornais indexados: *Energy & Fuels*, *Fuel*, *Atmospheric Environment*, *Physica A*, *Latin American Applied Research*, *Microchemical Journal*, *Monitoring and Assessment*, *Journal of the Brazilian Chemical Society*, *Química Nova*, *Revista Virtual de Química (RVq)*, *Revista Gestão Industrial*. Seu artigo mais citado possui mais de 900 citações (Biodiesel: an overview. *Journal of the Brazilian Chemical Society* v. 16, n.6B, p. 1313-1330, 2005). Atua como revisora das Revistas: *Journal Brazilian Chemistry Society*, *Revista Virtual de Química*, *Applied Energy*, *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, *International Journal of Environmental Analytical Chemistry* e *Electronic Journal of Biotechnology*. Desde 2013 faz parte do corpo editorial da RVq.

MIRCO SOLÉ KIENLE

NATURAL DE BARCELONA, Catalunha, Mirco morou nesta cidade até os 18 anos, completando o segundo grau no colégio alemão de Barcelona. Em outubro de 1992 ingressou no curso de ciências biológicas da Eberhardt Karls Universität Tübingen, Alemanha. Em 1998 aceitou um convite do Professor Wolf Engels, que na época coordenava um projeto de cooperação CNPq – BMBF sobre a Biodiversidade da Mata com Araucárias do Rio Grande do Sul. Realizou pesquisas de campo com anfíbios no Centro de Pesquisas e Conservação “Pró-Mata” da PUC-RS e em 2000 defendeu o mestrado. Deu continuidade às suas pesquisas no Brasil num projeto de doutorado intitulado “Anfíbios no ecossistema Mata com Araucária: Funções como predador e presa”. Defendeu a tese de doutorado na Universidade de Tubinga em 2005.

Após o doutorado lecionou um ano na Universidade de Tubinga como Professor assistente, ministrando disciplinas sobre anfíbios, biologia marinha e zoologia de vertebrados. Se mudou de volta ao Brasil em 2005 para coordenar o Laboratório de Pesquisas Biológicas na PUC-RS e atuar como representante do Centro Brasil da Universidade de Tubinga no Rio Grande do Sul. Em 2006 recebeu um e-mail de um colega informando que a Universidade Estadual de Santa Cruz procurava um Professor especialista em herpetologia e poucas semanas depois já estava atuando como Professor visitante nesta Universidade do Sul da Bahia.



**MIRCO SOLÉ
KIENLE**

Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Professor Visitante da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Foi contratado na Universidade Estadual de Santa Cruz como Professor estatutário em Agosto de 2008. Atua em dois programas de pós-graduação na UESC (Zoologia e Ecologia e Conservação da Biodiversidade) e em um na UFES (Biologia Animal). Orientou 32 alunos de mestrado e nove de doutorado. Também supervisionou quatro pós-doutorados da Espanha, Hungria, Suíça e Brasil. Atua como editor associado de sete revistas científicas e atualmente é bolsista de produtividade do CNPq da área “Ecologia e Limnologia” nível 1D. Desde criança queria ser “pesquisador de sapos” e é o que faz até hoje.

Afirma que mora e trabalha no lugar do mundo com a maior diversidade de anfíbios. Isso se deve por um lado ao fato da Mata Atlântica do Sul da Bahia ter sofrido menos que o restante do bioma com o desmatamento, mas também ao fato do Sul da Bahia representar um refúgio pleistocênico de flora e fauna: enquanto o resto do Brasil e do mundo ficou mais frio e seco durante os últimos picos glaciais, o Sul da Bahia continuou apresentando um clima tropical e isso foi providencial para os anfíbios que, por serem ectotérmicos e habitarem tanto o ambiente terrestre como o aquático, precisam de umidade e temperaturas amenas. E é exatamente essa estabilidade que agora, numa era marcada pelas mudanças climáticas, pode se tornar a maior ameaça para os anfíbios do Sul da Bahia, pois muitos deles já vivem muito perto da temperatura máxima que conseguem tolerar e como adaptações a temperaturas mais altas nunca foi o “motor da evolução” das espécies desta região, agora um aumento de poucos graus já pode representar a extinção das mesmas.

THIAGO ALBUQUERQUE DE ASSIS

REALIZOU O SEU MESTRADO e doutorado pela Universidade Federal da Bahia e Universidad Politécnica de Madrid (Espanha), respectivamente. É professor e pesquisador do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia onde é membro dos Grupos de Física de Superfícies e Materiais (GSUMA) e de Física Estatística e Sistemas Complexos (FESC).

No GSUMA, trabalha ativamente na área de Emissão Eletrônica por campo onde contribui para o desenvolvimento de uma teoria em uma perspectiva de emissores em largas áreas para aplicações tecnológicas em micro e nano-eletrônica de vácuo. Os seus trabalhos nesta área de pesquisa têm tido reconhecimento internacional, uma vez que foi agraciado com uma bolsa concedida pela Royal Society (UK) [Ref: NI160031 - Fundo Newton] atuando como coordenador da pesquisa. O projeto intitulado “Improved understanding of field enhancement factors as used in field emission” é executado em colaboração com Dr. Richard G. Forbes, da Universidade de Surrey (UK), reconhecido internacionalmente por ter reformulado a teoria de emissão eletrônica de Fowler-Nordheim. Dr. De Assis tem mais de 20 artigos publicados em periódicos de circulação internacional, destacando-se as suas recentes publicações no Scientific Reports da Nature Publishing Group e na sessão “Letters” nos periódicos Nanotechnology e Journal of Physics: Condensed Matter. Tem participado ativamente da prin-



**THIAGO
ALBUQUERQUE
DE ASSIS**

Professor e
Pesquisador
do Instituto
de Física da
Universidade
Federal da
Bahia

cipal conferência anual no tema, International Vacuum Nanoelectronics Conference (IVNC), apresentando recentemente trabalhos científicos em Vancouver (Canadá) e Regensburg (Alemanha).

No FESC, possui expertise em temas relacionados a fenômenos de crescimento de interfaces em condições fora do equilíbrio termodinâmico, tendo trabalhado ativamente com o entendimento da escala dinâmica superficial no crescimento de filmes finos usando técnicas de Monte-Carlo cinético. Tem colaborado com os principais grupos brasileiros da área, entre eles o grupo de Ciência de Superfícies e Filmes Finos da Universidade Federal Fluminense, onde realizou seu estágio pós-doutoral (2014/2015). Tem proferido palestras internacionais sobre o tema, destacando-se a contribuição no workshop “Non-equilibrium dynamics of thin films - solids, liquids and bioactive materials” realizado no Centre Européen de Calcul Atomique et Moléculaire em Lausanne (Suíça). É autor de vários artigos no tema, destacando-se os publicados no prestigioso periódico *Physical Review E* da American Physical Society.

Dr. De Assis é revisor de diversos periódicos internacionais, entre eles o *Scientific Reports* da Nature. Foi coordenador de Fomento FAPESB (diretoria científica) no período 2015/2016. É orientador principal de teses de doutorado, sendo professor do quadro de docentes permanentes do programa de pós-graduação em Física do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia.

As Três Mulheres

Para flauta, clarinete em Bb, bandolim e piano

Alexandre Espinheira

Piano

12/8 J. ~ 120
duração : ~ 30"

Xangô
repetir 2 ou 3x, pausar 1 ou 2 compassos
retornar o processo. Só tocar um fragmento por vez.

3/4 J. ~ 56
duração : ~ 1'

Obá
escolher um fragmento, repetir entre 3 e 5x,
pausar 1 ou 2 compassos, passar a um próximo
fragmento.

12/8 J. ~ 96
duração : ~ 1'

Oxum
escolher um fragmento, repetir entre 3 e
5x, pausar 1 ou 2 compassos, passar a
um próximo fragmento.

2/4 J. ~ 116
duração : ~ 1'

Iansã
escolher um fragmento, repetir entre 3 e 5x,
pausar 1 ou 2 compassos, passar a um próximo
fragmento.



2 PRÊMIOS

PROFESSOR MAURÍCIO LIMA BARRETO
RECEBE A COMENDA 2 DE JULHO DA
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

A COMENDA 2 DE JULHO, dedicada a cidadãos baianos que prestam serviços relevantes ao Estado da Bahia, foi concedida pela Assembléia Legislativa da Bahia em 2017 ao médico sanitário e Ph.D. em Epidemiologia Maurício Lima Barreto, em reconhecimento ao seu trabalho em prol da saúde pública e do avanço do conhecimento científico.

Natural de Itapicuru, Bahia, Maurício Lima Barreto é atualmente Pesquisador Sênior do Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFBA, tendo se notabilizado na pesquisa de doenças tropicais, com a publicação de mais de 400 artigos em várias e conceituadas revistas científicas de circulação internacional. É também Membro Fundador da ACB.

A sessão especial da Assembléia contou com a presença de seus familiares, amigos e cientistas do estado da Bahia. Estiveram presentes, entre outros, o ex-Governador da Bahia Roberto Santos, Presidente de Honra e fundador da Academia de Ciências da Bahia; o Reitor da UFBA, João Carlos Salles Pires da Silva; o Presidente da Academia de Ciências da Bahia, Jailson Bittencourt de Andrade e a Diretora da Fiocruz, Marilda de Souza Gonçalves.

Maurício Lima Barreto ocupou a tribuna, logo após ser condecorado, para falar da honra e gratidão por estar recebendo a Comenda 2 de Julho. O discurso de saudação proferido pelo homenageado é reproduzido a seguir.

DISCURSO NA CERIMÔNIA DE RECEBIMENTO DA COMENDA 2 DE JULHO

Maurício Lima Barreto

Saudação à mesa.

É com muita emoção que recebo esta Comenda, em especial pelos muitos significados.

Tenho muito a agradecer a muitos pela oportunidade de receber esta honraria.

Agradeço a Colenda Assembleia Legislativa do Estado da Bahia;

Agradeço ao deputado Aderbal Caldas que, com certeza, ao me homenagear, homenageia aos filhos e filhas da região e, em especial, de Itapicuru, que com esforço e rompendo as barreiras das expectativas ao saírem ou ao continuarem na região traçaram os seus próprios caminhos. Agradeço por lembrar minha condição de “médico sanitarista”, pois, apesar de hoje ser mais identificado como pesquisador ou professor, iniciei minha carreira profissional como Sanitarista da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, nos idos de 1978.

Agradeço ao meu pai, Oswaldo Barreto, e à minha mãe, Maria Valdete – Detinha, que com imenso esforço e sacrifício pessoal traçaram e cumpriram a meta de educar os seus 7 filhos.

Agradeço aos meus 6 irmãos, Alberico, Pedro, Oswaldo, Eduardo, Danilo e José Augusto, pela vivência, pelo suporte e pela partilha do cotidiano.

Agradeço à minha família mais ampliada, tios e primos, em

especial àqueles que ficaram em Itapicuru.

Agradeço a Estela, minha companheira, por 30 anos minha inspiradora, com a qual compartilho esta jornada pessoal e acadêmica. Aos meus filhos Pedro, Ana Luisa e Marina que, com suas vivências, muito têm me ensinado a viver.

Às instituições onde me formei, trabalho ou participo e das pessoas que delas fazem parte professores, pesquisadores, colegas, amigos.

Na minha formação primária, em Itapicuru, nas escolas Reunidas Dr. João Pondé e depois, em Salvador, nas Escolas de D. Rosa Fontes e D. Alvine Garcez. No meu Ginásio, iniciado no Ginásio dos Servidores Públicos e continuado no Colégio Severino Vieira, onde completei o curso colegial.

À minha formação universitária na Universidade Federal da Bahia, minha “Alma Mater”. No curso de Medicina de 1971-77 e, em seguida, no curso de Mestrado de Saúde Coletiva (1979-82). Instituição onde por 33 anos consecutivos fui professor e hoje aposentado continuo como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva; e agora também atuando no Instituto Gonçalo Muniz da FIOCRUZ.

À Escola de Hygiene e Medicina Tropical da Universidade de Londres, onde fiz o meu doutorado, concluído em 1987, porém onde mantive intensa colaboração científica e onde, em 2012, fui eleito pelo seu Senado para o prestigioso Heath Clark Lectureship, e, em 2014, seu Honorary Professor.

Às Academias de Ciências a que pertenço e através das quais amplio as minhas conexões com este mundo complexo que é o mundo da Ciências. À Academia Brasileira de Ciências, para a qual fui eleito em 2003; à Academia Mundial de Ciências (The World Academy of Sciences-TWAS), para a qual fui eleito em 2013; e à Academia de Ciências da Bahia, criada pela inspiração do Professor Roberto Santos, e da qual fui um dos seus membros fundadores.

Ao receber esta Comenda, tenho a honra de me alinhar ao lado de 52 outros cidadãos ou cidadãs que antes de mim a receberam. Dentre estes, destaco 3 nomes pela convivência próxima e pela admiração pessoal:

Prof. Luiz Henrique Tavares, aquele que melhor interpretou a história da Bahia;

Prof. Roberto Santos, que em muitos momentos, direta ou indiretamente, influenciou na minha carreira de pesquisador;

Deputado Dr. Jorge Solla, colega, ex-Secretário de Saúde e Deputado Federal, por sua permanente luta por um SUS para todos os brasileiros.

A Comenda celebra um dos momentos mais importantes fatos da nossa história - a Independência da Bahia, no 2 de julho de 1823.

Como epidemiologista, sanitarista, pesquisador e filho de Itapicuru, nascido no decorrer da década de 1950 e que, aos 8 anos, migrou para Salvador da Bahia (como chamávamos naquela época), gostaria de aproveitar esta oportunidade para tecer alguns comentários sobre alguns dos sentidos da palavra liberdade, tão bela de evocar, a qual, porém, para muitos, infelizmente, ainda continua desprovida de sentido.

Desde a mais longínqua antiguidade, filósofos fundantes da nossa forma contemporânea de pensar buscam entender e dar sentido a esta palavra. Porém, será nas lutas emancipatórias dos povos que ela, em definitivo, entra na esfera política, associada a ideia da autodeterminação dos povos. Mas somente ganhará sentido mais completo quando passa a imiscuir-se com os ideais de inclusão, justiça e direitos sociais.

Assim, a Declaração de Independência dos Estados Unidos, de 1776, reza que todos os homens têm direito natural à “vida, à liberdade e à busca da felicidade”. Porém, esta declaração de liberdade foi perturbada desde o início pela presença da escravidão. Entendiam que os escravos não tinham direitos que qualquer homem branco fosse obrigado a reconhecer.

Na Revolução Francesa destaca-se o brado por Liberté, Igualité, Fraternité. Porém, o banho de sangue que se seguiu, conhecido como o reino do terror, esmaeceu as suas ideias de liberdade.

No decorrer do século XIX até dias atuais, vários movimentos políticos se associaram à ideia de liberdade, porém, com versões muito discrepantes sobre a forma de entendê-la e alcançá-la e, especialmente, aos demais elementos que agregava ou não a esta noção.

Aqui tentarei percorrer brevemente as ideias que associam a discussão sobre a liberdade aos esforços que nós, sanitaristas e epidemiologistas, vêm conduzindo, pelo menos desde o século XIX, no sentido de demonstrar de que se valores como justiça, inclusão e paz são elementos essenciais para se construir uma sociedade, e o são também para a constituição de uma sociedade saudável.

A saúde para muitos é entendida como uma questão restrita a fatores biológicos, para outros, entre os quais me incluo, um fenômeno complexo e com múltiplas determinações, que tem suas bases na forma em que vivemos e nos organizamos. Estas duas vertentes explicativas têm, por muito tempo, construído argumentos e competido em fornecer explicações plausíveis sobre as condições de saúde das populações humanas. A relevância deste debate é porque ele definirá a forma como as sociedades entendem e se organizam para solucionar seus problemas de saúde.

O primeiro argumento, fundado no desenvolvimento das ciências biomédicas e em suas explicações dos mecanismos de doenças e das alternativas para a sua correção. Ela fundamenta as tecnologias de prevenção, diagnóstico, cura e reabilitação disponíveis ou em desenvolvimento, base do que hoje entendemos ser um “moderno” sistema de saúde.

Com relação a segunda explicação, existem acumuladas evidências de que alterações no contexto econômico, social, político, ambiental, cultural ou comportamental afetam as condições de saúde dos indivíduos e das populações.

Os serviços de saúde, tal como hoje organizados, têm importante papel na cura e reabilitação de muitos dos processos patológicos que sofrem os indivíduos. O Programa de Saúde da Família é um exemplo de como a atenção à saúde, quando conduzida de forma inclusiva, pode ser um redutor das inequidades de acesso e, por consequência, um disseminador dos benefícios do sistema de saúde.

Entretanto, uma grande quantidade de recursos da saúde é muito focada em ações de limitado alcance e não inclusivas; não contribuindo, assim, para a redução das desigualdades.

Em reforço à tese de determinação social, mesmo em países desenvolvidos, apesar dos avanços observados nos sistemas e níveis de saúde, diferenças importantes persistem nas condições de saúde quando suas populações são estratificadas por áreas geográficas, grupos sociais ou étnicos. Um exemplo frequente citado desta situação é os EUA. O país que mais gasta com saúde no mundo, sendo, mesmo assim, o que mais apresenta desigualdades sociais e em saúde entre os países desenvolvidos.

Uma outra forma de mostrar a importância das relações entre saúde e o contexto em que as sociedades humanas vivem é a observação de que períodos de crise são frequentemente acompanhados de agravamento das condições de saúde das populações destes países. Por exemplo, eventos como a desintegração da União Soviética ou a crise financeira de 2008, que levaram muitos países europeus à recessão econômica e a implementar políticas de austeridade, foram seguidos pelo agravamento das condições de saúde de suas respectivas populações.

As desigualdades em saúde existem como problema global, que aflige as populações dos países mais pobres, mas também dos países mais ricos, e cuja persistência torna-se um dos mais sérios problemas no campo da saúde e desafiante para todos que buscam soluções. O interesse pela questão das desigualdades em saúde tem crescido tanto no ponto de vista acadêmico, como pela sua introdução, enquanto limitada, em políticas pú-

blicas direcionadas para melhoria da saúde das populações.

A sociedade humana, composta pelos mais de sete bilhões de indivíduos que habitam o planeta, apresenta claras clivagens em uma série de importantes aspectos. Espacialmente, ela está distribuída em continentes e nações com diferentes características demográficas e geográficas. Observam-se diferenças nos níveis de desenvolvimento e de riqueza, além de diferenças fenotípicas e culturais que formarão um conjunto diversificado de etnias (entre nós brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas) e gêneros (homens, mulheres e transgênicos) e diversos outros grupos e classes sociais. Muitas destas clivagens são frutos de processos adaptativos, geográficos e climáticos, outras de fenômenos eventuais e outras de processos históricos, sociais, econômicos e culturais complexos. Algumas delas, que poderiam ser apenas diferenças, por exemplo, homens e mulheres, transformam-se em desigualdades e com muita frequência em iniquidades, na medida em que definem relações essencialmente de poder e de acesso e posse aos bens, serviços e riqueza, fruto do trabalho coletivo e acumulado através de gerações, sejam desigualmente distribuídos.

Estas desigualdades, com frequência, transferem-se para o campo da saúde, tornando-se visível seja nas desiguais condições de saúde dos diferentes grupos, seja nos níveis de riscos à saúde que estes grupos estão expostos, seja no acesso diferenciado aos recursos disponíveis no sistema de saúde. Não por acaso, grande parte das desigualdades observadas no campo da saúde estão diretamente relacionadas com desigualdades observadas em outros planos da vida social. As desigualdades na saúde geram desiguais possibilidades de usufruir dos avanços científicos e tecnológicos ocorridos nesta área, bem como diferentes chances de exposição aos fatores que determinam a saúde e a doença e, por fim, as diferentes chances de adoecimento e morte. Da mesma forma que as desigualdades sociais, as desigualdades em saúde têm persistido em todos os países

independente do grau de desenvolvimento alcançado.

No aspecto político é importante chamar atenção para a importante discussão entre desigualdades e iniquidades. A existência das desigualdades e sua magnitude não imediatamente explicitam imperativos morais e geram ações políticas em uma sociedade. Em algumas sociedades, relativamente pequenos níveis de desigualdades em saúde têm gerado fortes ações políticas para reduzi-las, enquanto outras com amplos níveis de desigualdade têm tido escassas motivações para amenizá-las.

A construção de um mundo mais equânime tem sido aspiração de diferentes movimentos políticos, os quais entendem que a redução das desigualdades nas diversas esferas da vida humana é essencial e garantia para a existência e sustentabilidade da sociedade humana. As desigualdades em saúde desnudam uma das facetas das desigualdades prevalentes entre os seres humanos, os efeitos cruéis e danosos sobre a própria existência, refletidos nas imensas diferenças na carga de doenças e sofrimentos e, por fim, na expectativa de vida.

As evidências sobre a importância dos determinantes sociais na explicação das desigualdades observadas na saúde são sólidas. Entretanto, embora haja claros posicionamentos acadêmicos e políticos que favorecem a implementação de ações sobre os determinantes das desigualdades em saúde, políticas para amenizar estas desigualdades têm sido escassamente implementadas como parte das políticas públicas dos governos nacionais. As dificuldades e barreiras para esta falta de motivação política são várias.

As intervenções sobre os determinantes sociais em saúde exigem ações coordenadas sobre vários aspectos da vida das sociedades, o que em termos governamentais implica em ações multissetoriais, as quais, mesmo quando desejadas, são sempre difíceis de coordenar e implementar no ponto de vista político e técnico. A experiência mais avançada para superar este dilema tem surgido em alguns países europeus, nos quais o desenvolvi-

mento mais recente da ação política no campo das desigualdades em saúde tem sido a criação e implementação do conceito de “saúde em todas as políticas”. Esta estratégia visa incluir considerações sobre a saúde na formulação de políticas sempre inclusivas em diferentes setores, tais como trabalho, agricultura e uso da terra, habitação, segurança pública, educação, transporte, proteção social etc.

Nos países pobres e em desenvolvimento, onde as desigualdades em saúde são de maior magnitude, existem escassos exemplos de que esta questão tenha entrado entre as prioridades das políticas públicas. Entretanto, em alguns destes países a implementação, nas últimas duas décadas, de políticas redistributivas como transferência de renda e microcréditos, políticas que, enquanto não direcionadas à saúde, têm trazido efeitos positivos no que concerne aos níveis e as desigualdades em saúde.

Se voltarmos à nossa Independência, ao nosso 2 de julho, que fez parte do clamor libertário das colônias com relação aos seus colonizadores e que com este nobre uniu em torno de um mesmo propósito pobres e ricos, brancos e pretos, senhores e escravos. Porém e infelizmente pouco modificou os mecanismos de acesso ao poder e, principalmente, a distribuição das riquezas desta mesma colônia.

De acordo com o historiador João José Reis, no período da independência, um informante francês da coroa portuguesa, no Brasil, escreveu: “Finalmente, todos os brasileiros, e sobretudo os brancos, não percebem suficientemente que é tempo de se fechar a porta para os debates políticos, às discussões constitucionais? Se se continuar a falar dos direitos dos homens, de igualdade, terminar-se-á por pronunciar a palavra fatal: liberdade, palavra terrível e que tem muita força em um país de escravos do que em qualquer outra parte. Então, toda a revolução acabará no Brasil com o levante dos escravos, que, quebrando suas algemas, incendiarão as cidades, os campos, as plantações, incendiarão as cidades, os campos e as plantações, massacrando os brancos

e fazendo deste magnífico império uma deplorável replica da brilhante colônia de São Domingos”.

Não será por menos que a independência do Brasil e da Bahia, apesar de sua imensa relevância histórica, distanciam-se dos ideários maiores do que entendemos por liberdade, dentre outras razões pela manutenção da escravidão, a qual somente será abolida mais de meio século após. Por outro lado, isto nos ensina que os marcos históricos são importantes, porém, a liberdade é um processo permanente de conquistas.

Neste quadro é que se estabeleceu no Brasil umas das mais desiguais sociedades do mundo. Até a década de 1990 o Brasil estava possivelmente entre os cinco países mais desiguais do mundo. Seu índice de Gini, que mede a distribuição de riqueza de um país e que varia de 1 a 100 atingia níveis ao redor de 60. As diferenças regionais são imensas, principalmente entre o Nordeste e o resto do país. Isto tinha e tem reflexos no campo da saúde. Por exemplo, em 2010, a expectativa de vida em Santa Catarina chegava a 76,7 anos e a da Bahia, melhor, em 72 anos. Em Itapicuru era de 67,6 anos, significando 9 anos abaixo da média do estado de Santa Catarina e 4,5 anos abaixo da média do estado da Bahia.

Apesar disto, devemos celebrar o fato de que nos últimos 20 anos o país sofreu profundas transformações sociais e na saúde que, se não superaram os efeitos da sua colonização, trouxeram reduções importantes nos seus padrões de pobreza e desigualdade. O programa Bolsa Família, por exemplo, além de seus efeitos na redução da pobreza e extrema pobreza, mostra também efeitos importante na redução da mortalidade infantil

No campo da saúde, estes avanços são também significativos. O SUS, apesar de suas deficiências, estrutura-se como um vigoroso sistema de saúde que conduz o sistema de saúde brasileiro em direção contrária aos argumentos privatistas e neoliberais. Alguns dos seus programas, como o PSF, mostra-se como um programa inclusivo, ao assimilar ao sistema de saúde as re-

giões mais pobres e os grupos menos privilegiados da sociedade. Também tem mostrado contribuir de forma importante na melhoria das condições de saúde da população. Por exemplo, entre 1990 e 2010, a mortalidade infantil no Brasil cai de 45 para 17/100 nascidos vivos, na Bahia de 71 para 21 por 100 nascidos vivos e, também, em Itapicuru de 111 para 35 por 100 nascidos vivos. No mesmo período, a expectativa de vida aumenta no Brasil de 65 para 74 anos, na Bahia de 60 para 72 anos e em Itapicuru de 53 para 68 anos.

A defesa dos sanitaristas e epidemiologistas do país é de que estes avanços sejam intensificados na certeza de que nesta direção, em mais algumas décadas, poderíamos chegar a condições de saúde que nos aproximaria dos países hoje desenvolvidos. Não é por menos que preocupam a estes profissionais as atuais medidas do Governo vigente no sentido de retornar a políticas centradas em contenção de gastos e austeridade em lugar de enfatizar a inclusão e a redução da pobreza e das desigualdades. A possibilidade de redução de gastos para a saúde e para as políticas sociais pode ter efeitos danosos e reverter as tendências consistentes de melhoria dos padrões de saúde da nossa população.

Como sanitarista e epidemiologista, cidadão de Itapicuru da Bahia e agora de posse desta Comenda, que com muita honra recebo, aproveito a oportunidade que me é dada neste momento para, com a devida humildade e respeito, conclamar esta casa do povo da Bahia a continuar no firme propósito de seguir na construção de uma sociedade efetivamente Liberta, ou seja, econômica e socialmente inclusiva, pois estes são os ideais partilhados por todos aqueles que, como eu, buscam a construção de uma sociedade justa e pacífica e, portanto, saudável.

Muitíssimo obrigado!

FAPESB SEDIA ENTREGA DE MEDALHA E CONFERÊNCIA SOBRE O TEMA “A COOPERAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA CANADÁ-BRASIL”

A FAPESB TEVE A HONRA de sediar, no dia 30 de novembro, a entrega de medalha “Nobre Parceria” entre Canadá e Brasil ao Professor Doutor Naomar Monteiro de Almeida Filho. O evento realizado pela Academia de Ciências da Bahia aconteceu no salão Lazareto e além do Doutor Naomar, contou com as ilustres presenças do Embaixador do Canadá Riccardo Savone e do Professor Doutor Ronaldo Lopes de Oliveira, membro e representante da Academia de Ciências da Bahia na ocasião.

Neste ano de 2017 celebra-se o sesquicentenário da Confederação Canadense e o Embaixador Savone selecionou 50 amigos do Canadá que tiveram papel fundamental para o avanço das relações entre os dois países. Assim, não se poderia deixar de homenagear o Professor Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, pela sua forte atuação e empenho no avanço das relações acadêmicas e interpessoais com o Canadá com uma medalha de “Nobre Parceria”.

“O compromisso entre o Canadá e o Brasil continua dinâmico e diversificado em ciência, tecnologia e inovação. Estabelecer uma cooperação entre dois países não é uma tarefa fácil, leva tempo e esforço considerável para identificar as pessoas certas”, disse Riccardo Savone pouco antes da entrega da medalha ao Professor Naomar.

Ao receber o prêmio, o homenageado, que possui vasta ex-

*Fonte: ASCOM
Fapesb*



Embaixador do Canadá Riccardo Savone entrega a medalha “Nobre Parceria” ao Professor Doutor Naomar Monteiro de Almeida Filho

periência acadêmica em solo canadense, agradeceu a presença de todos e exaltou a cultura do Canadá, ressaltando como esta é acolhedora. Citou uma missão feita pela instituição a qual trabalhava que teve participação da Fapesb e como tal projeto deu a oportunidade de estreitar relações com outras instituições. Por fim, tratou sobre desejo de dar continuidade à virtuosa relação entre Brasil e Canadá.

A última fala do evento veio do Doutor Ronaldo Oliveira, que abordou a presença do Canadá na discussão sobre o processo de internacionalização do ensino superior, lembrou os 50 anos da pós-graduação no estado da Bahia e para encerrar, agradeceu a presença de todos os convidados.

Angola

Escrita para o ICE

Paulo Rios

*Transposed Score

(clarinet and sax. see in 20)

♩ ~ 38

lyric-clumsy; wild-affected;
yells and flights here and there...

~ 8'

Musical score for Flute, Clarinet in Bb, Soprano Sax, and Bassoon. The score is in 3/4 time and features a key signature of one flat. The Flute part begins with a dynamic of *mf* and *p*, followed by *mp*, *f*, *p*, *mf*, and *f*. The Clarinet in Bb, Soprano Sax, and Bassoon parts begin with *p* and *pp*, followed by *p*, *mp*, *p*, *pp*, and *mf* *s. dim.*. A tempo marking of *♩ ~ 38* is present at the top. A rehearsal mark *♩ ~ 57* is located above the Flute staff. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and dynamic markings.

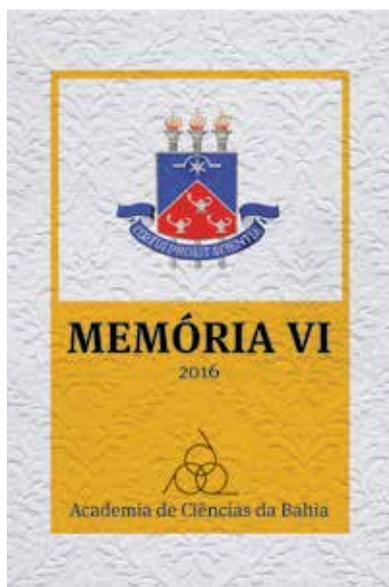
Musical score for Flute, Bb Clarinet, Soprano Sax, and Bassoon. The score is in 3/4 time and features a key signature of one flat. The Flute part begins with a dynamic of *mp*, followed by *mf*, *ff*, and *f*. The Bb Clarinet, Soprano Sax, and Bassoon parts begin with *sub p*, followed by *pp*, *f*, and *sub mp*. A tempo marking of *♩ ~ 38* is present at the top. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and dynamic markings. Performance instructions include *rit.* and *poco accel.*



3 PUBLICAÇÕES



MEMÓRIA VI



Conselho Editorial
da Academia de
Ciência da Bahia
04 de outubro
de 2017

O PRESIDENTE DA ACADEMIA de Ciências da Bahia (ACB), Professor Dr. Jailson Bittencourt de Andrade, promoveu o lançamento do livro Memória VI no dia 04 de outubro, às 18:00h, no Salão Nobre do Palácio da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, UFBA. A obra, que visa documentar as atividades da ACB durante o ano de 2017, tem como editores os acadêmicos Edivaldo Boaventura e Eliane Azevedo, e traz os eventos que a instituição efetuou em prol da divulgação científica em nosso estado durante o ano de 2017. Em destaque, as palestras com acadêmicos baianos, de outros estados e países. Os sete anos de funcionamento simbolicamente retratados na memória VI demonstram as possibilidades de convivência interdisciplinar.

As instituições interessadas em obter exemplar gratuito poderão solicitá-lo diretamente à ACB pelo telefone (71) 3116-7654 ou pelo e-mail secretaria.acbahia@gmail.com.

Boreal II

Para flauta e eletrônica em tempo real

Guilherme Bertissolo

Lento, contemplativo

The musical score is written for flute and electronics. It consists of five staves of music. The first staff features a series of notes with 'x' marks above them, labeled 'key clicks'. Below this staff, there are performance instructions: 'Eletrônica: explosão' and 'Aguardar decay' above a line, and 'pp' and 'f possible' below a line, with a 'wind tone' label and arrow pointing to a specific section. The second staff includes fingering diagrams for D[♭] and D[♮], and dynamic markings: *p*, *sub. f*, *sf*, *p*, *sf*, *p*, *sf*, *p*, and *f possible*. It also has 'ord. senza vibrato', 'slow' to 'fast' tempo markings, and a 'whistle' section. The third staff has fingering diagrams for D[♮] and D[♭], and dynamic markings: *p*, *ff*, *n*, *f*, *n*, *f*, and *f*. It includes 'pizz.', 'ord.', 'exaggerated vibrato', and 'senza vibrato' markings. The fourth staff has 'pizz.', 'ord.', 'ft.', 'ord.', 'ft.', 'ord.', and dynamic markings: *p*, *ff*, and a '7' marking. The fifth staff has 'pizz.', 'ord.', 'ft.', 'ord.', and dynamic markings: *p*, *ff*, and '7' and '3' markings.

4 A FPAÇBA E O PROGRAMA DE CIDADES HISTÓRICAS – UM DEPOIMENTO

VOCAÇÃO DO NOSSO ESTADO

*Mário Mendonça de Oliveira**

PODERIA PARECER TEMERIDADE deitar falação sobre o PCH – Programa de Cidades Históricas (inicialmente denominado de Programa de Cidades Históricas do Nordeste), depois que a minha colega Márcia Sant’Ana se debruçou sobre o assunto e, principalmente, na presença da minha querida colega Sandra Corrêa, que escreveu dissertação sobre o argumento. Eu mesmo fiquei a matutar (porque matuto sou e com muita honra!), se deveria participar desta mesa redonda. Depois, cheguei à conclusão de que não seria pretensioso, da minha parte conversar sobre o tema, devido a alguns motivos fundamentais. Um deles porque já me convocaram para falar do assunto, em São Paulo. Depois, porque o Criador vem me agraciando com uma vida mais longa do que esperava eu, e assim conheci, pessoalmente, e convivi com os protagonistas do famoso PCH, alguns deles vivos, mas outros tantos que “já passaram para o outro lado”, como dizia o meu mestre e amigo Américo Simas. Todavia, além destes fatos, existe outro que considero mais importante para me atrever a dar depoimento sobre o assunto: fui o diretor da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, conhecida vulgarmente como “Fundação Pelourinho”, no profícuo e esclarecido Governo do professor Roberto Santos. Esta instituição, diziam meus amigos do PCH, foi a maior captadora de recursos do referido programa (Quadro 1) e o que se acreditava, de ouvir dizer, ficou comprovado

** Mário Mendonça de Oliveira é ononono crédito do autor*

no trabalho da Sandra Corrêa, com muita evidência, ao apresentar quadro comparativo das movimentações financeiras acontecidas, nos diversos estados agraciados, enquanto existiu o dito programa (CORRÊA, 2012, p. 226).

Na realidade, a Bahia teve esta fortuna em virtude do seu imenso patrimônio cultural material e imaterial, pois, como costumavam dizer, o Brasil recebeu os primeiros sacramentos nas terras baianas, batizado que foi na pia da Velha Sé Primacial, vergonhosamente destruída, em cujas paredes ecoaram os sermões de Vieira, sendo crismado na igreja do colégio dos inacianos, hoje nossa Catedral Basílica. Por outro lado, foi dos primeiros estados a criarem legislação de proteção para o seu patrimônio cultural e uma organização governamental encarregada de gerir, em nível estadual, estas ações de preservação, juntamente com o seu Conselho de Cultura, como sugerido por ilustres consultores da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) que aqui estiveram. Isto também facilitou o seu enquadramento no Programa das Cidades Históricas e a aprovação de seus projetos.

A INSTITUIÇÃO CAPTADORA DE RECURSOS DO PCH, NA BAHIA – FPACBA

No final da década de 1960, como já acenado, alguns consultores da UNESCO visitaram a Cidade do Salvador e alguns pontos do estado da Bahia. Destacaríamos o nome de Michel Parent, cujo relatório das suas andanças pelo Brasil foi extremamente lisonjeiro em relação à importância do Centro Histórico de Salvador, no qual afirma textualmente a sua admiração pela velha Capital dizendo: Mas é sobretudo a arquitetura urbana implantada na época colonial que faz ainda de Salvador (Bahia) uma das mais surpreendentes cidades de arte do mundo (PARENT, 1968, p.16). No seu relatório destacamos um tópico que se intitula: A destruição em andamento do mais precioso conjunto arquitetural brasi-

leiro (PARENT, p. 50). Pobre homem! Deve estar revirando-se no túmulo, pois, quando nos restava um fio de esperança de tempos melhores para o nosso patrimônio, a destruição recrudesciu, mas desta vez “por atacado”, com o aval de autoridades destinadas a protegê-lo!

QUADRO 1

FPACBA – OBRAS EXECUTADAS OU EM EXECUÇÃO NA ÉPOCA: Financiamento PCH

(Valores em Cr. \$ 1.000,00)

QUADRO DEMONSTRATIVO DOS INVESTIMENTOS

Restaurações	Gestão Vivaldo da Costa			Gestão Mário M. de Oliveira				Total
				ANOS			PREVISÃO	
	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	
BA-001 Escola Profissionalizante 1	383	3305	132					3820
BA-002 Agência BANE/Instituto Mauá	180	199						379
BA-003 Escola profissionalizante 2ª	637	790	3.721					5148
BA-004 Posto Médico do Maciel		349	182					531
BA-005 Sede da RRR	333	104	754					1191
BA-006 Sede da CCR	1049	1429	2307	2082				6867
BA-007 Posto Policial do Maciel	408	1.149						1557
BA-008 Restaurante/Bar/Atelier		671	343	1891				2905
BA-009 Escola Profissionalizante 3ª		629	593	3272				4494
BA-010 Centro Operário da Bahia			1225		127			1352
BA-011 Museu Afro-brasileiro			8613	4415	5279	3631		21938
BA-012 Convento dos Humildes			3174	6153	5573	4654		19554

(Continua)

QUADRO 1 (Continuação)

FPACBA – OBRAS EXECUTADAS OU EM EXECUÇÃO NA ÉPOCA: Financiamento PCH

(Valores em Cr. \$ 1.000,00)

QUADRO DEMONSTRATIVO DOS INVESTIMENTOS								
Restaurações	Gestão Vivaldo da Costa			Gestão Mário M. de Oliveira				Total
				ANOS			PREVISÃO	
	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	
BA-013 Igreja do Rosário				4858	4775	2400		12033
BA-014 Fórum de Nazaré				4219	1676			5895
BA-015 Museu da Independência				1431	589			2020
BA-016 Biblioteca Pública				1444	863			2307
BA-017 Quinta do Tanque					8947	6308	3600	18855
BA-018 Solar Ferrão					7542	8119	4890	20551
BA-019								
BA-020 Cabana do Pai Tomás					574	2974	792	4340
BA-021								
BA-022								
BA-023 Igreja do Carmo de Cachoeira						1968	180	2148
BA-024 Escola Profissionalizante 4ª						10091	1685	11776
BA-025 Creche do Maciel						10934	9000	19934
BA-026 Catedral Basílica						2430	8000	10.430
TOTAL	2990	8625	19819	30990	35945	53509	28147	180025
Conversão em dólares	488,16	1265,03	2420,79	2877,44	2524,23	3223,43	1031,03	13830,11

A visita de Michel Parent, terminada em janeiro de 1967, trouxe como resultado imediato a criação da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, quando Governador do Estado o doutor Luiz Viana Filho e seu secretário de Educação e Cultura, o professor Luiz Navarro de Brito, através da Lei Estadual n. 2.464, regulamentada pelo Decreto n. 20.530 do ano subsequente (Fig.1). O Professor Vivaldo da Costa Lima, da UFBA, foi nomeado Secretário Executivo e, posteriormente, Diretor Executivo, para ajustar-se à mudança de regimento da fundação em tela. A instalação, em sede definitiva, da nova instituição, no Largo do Pelourinho, 12, Praça José de Alencar, só será feita em dezembro de 1970. Alguns convênios são assinados para obter financiamentos (SEPLANTEC, Fundação Calouste Gulbenkian e outras instituições) e para prestar assessoria técnica a outros estados, como o de Sergipe, de maneira especial, para as cidades de Laranjeiras e São Cristóvão.



ACERVO DO AUTOR

Fig. 1 – Ex-governador Luiz Viana Filho, fundador da FPAC – BA e o Governador Roberto Santos, na gestão do qual a instituição completou 10 anos

Em linhas gerais, tinha sido feita a lição de casa, sugerida por Parent e, do ponto de vista operacional, estávamos preparados para fazer jus aos financiamentos do Programa de Cidades Históricas, que será implementado em 1973. Só tenho, contudo, conhecimento mais detalhado dos acontecimentos após a nomeação da qual fui objeto, através do decreto n. 10.207, de 16 de dezembro de 1975, para ocupar a Diretoria Executiva da Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, não sem certa relutância, porque os meus planos de vida só estavam na Universidade, a qual sempre me tenho dedicado. Tal somente aconteceu no Governo do Professor Roberto Santos, que levou para a administração do estado seus companheiros da UFBA, sem qualquer indicação política. Bons tempos aqueles!

Sem querer entrar no mérito das motivações subjacentes, ou explícitas, ao empreendimento do Programa de Cidades Históricas, isto é, se estava ou não a serviço da ditadura, se servia à aproximação ou não com a classe dos “intelectuais”, se estava motivado pelas raízes nordestinas do ministro Reis Velloso, e assim por diante. O que importa, para uma mente pragmática com a minha, é que devemos ao Programa de Cidades Históricas, em todo o Brasil, a salvaguarda de grande número de monumentos e o resgate de parte ponderável de nossa memória. Não nos esqueçamos que o nosso Decreto-lei nº 25, que regulamentou a defesa do nosso patrimônio, ultimamente tão vilipendiado, foi produto da ditadura Vargas, mas ninguém pode negar o quanto foi útil à preservação da nossa memória. Será que temos que demonizar o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que tantos serviços prestou à causa da conservação dos testemunhos da nossa história, porque veio também de um período de exceção?

O PROGRAMA DE CIDADES HISTÓRICAS

Em vista disto, parece-me que posso dar testemunho da importância do sistema de financiamento proposto pela SEPLAN-PR,

através do PCH, de maneira particular para o estado da Bahia, maior captador dos seus recursos, como destacado.

Antes de dar uma ideia geral do resultado dos edifícios restaurados, através do Programa de Cidades Históricas, na Bahia, vamos mostrar algumas das dificuldades que tivemos e os pontos de estrangulamento existentes na sua aplicação. Um deles foi o fato do financiamento ser concedido, prioritariamente, para os edifícios do poder público e aqueles pertencentes à Igreja. Isto dificultou, sobremaneira, o desenvolvimento de programas habitacionais, no Centro Histórico de Salvador, que era para mim considerado prioritário. Tais programas evitariam aquilo que é definido com um termo da moda como gentrificação, e que apelidávamos de expulsão dos menos afortunados da área do Pelourinho. Realmente, um pouco de convivência com as comunidades do núcleo antigo da Cidade do Salvador, induzia-nos, imediatamente, a decidir pela implementação de um programa de moradia, tanto nas áreas dos mais remediados (área de Santo Antônio), como daquelas habitadas pelos de pouco ou nenhum cabedal (área do Maciel), com prioridade evidente para estes últimos.

Aliás, o nosso Michel Parent enfatizava o assunto, como destaca muito bem a Sandra Corrêa, na sua dissertação:

Parent chama a atenção para os conjuntos arquitetônicos abandonados pela elite e tomados pela população pobre, que os habita em condições insalubres, já que os edifícios se encontram em más condições de conservação e superlotados, tais como ocorre em Salvador e São Luís. Ressalta, no entanto, que a expulsão dessa população faria com que o patrimônio perdesse boa parte de seu significado e que seria, no mínimo, injusto e mesmo intolerável que essas comunidades fossem alijadas pelo pretexto de que o mundo finalmente teria reconhecido o valor desses bens culturais. Assim,

sugere que o turismo seja uma parte da revitalização desses bairros, na medida em que, os turistas poderiam participar da vida local e assim melhor compreendê-la, contribuindo para um melhor entendimento entre os povos – um dos objetivos da UNESCO (CORRÊA, 2012, p. 92).

Este aspecto torna-se fundamental pela necessidade de conservar, no Centro Histórico, uma paisagem humana autêntica, capaz de agradar ao visitante culto, e não ao turismo de massa, predatório e corruptor dos costumes locais. Assim procedendo estávamos de acordo, primeiramente, com a nossa consciência social, e depois com documentos como o Compromisso de Amsterdã, elaborado em um Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu, datado de 1975, que, em um dos seus trechos, assim rezava: A reabilitação dos bairros antigos deve ser concebida e realizada, tanto quanto possível, sem modificações importantes da composição social dos habitantes, e de maneira tal, que todas as camadas da sociedade se beneficiem de uma operação financiada por fundos públicos. (IPHAN, 2004, p.199).

Neste momento foi fundamental, para as nossas diretrizes de trabalho, o documento elaborado na 19ª Reunião da UNESCO, conhecido de todos nós como “O documento de Nairóbi”, em virtude de ter acontecido nesta cidade africana.

Outro problema ocorrido, que dificultou as intervenções apoiadas pelo PCH, foi a relutância de alguns gestores em aceitar investimentos parciais que salvassem da ruína um edifício. A palavra de ordem era fazer edifícios para inaugurar com um monte de autoridades. Finalmente, à custa de muita argumentação, conseguimos algum sucesso na igreja do Carmo de Cachoeira, restaurando o seu telhado, retirando e guardando o seu belíssimo forro pintado e estabilizando as suas paredes. Tempos depois, o forro foi restaurado, pois não se perdeu, e colocado no seu devido lugar, salvando-se da destruição provocada pela chuva e pelas

peças de madeira apodrecidas, que se precipitavam do telhado¹.

O mesmo aconteceu em imóvel do Maciel, de propriedade da FPAC – BA, que tendo sido estabilizado e coberto, foi posteriormente adaptado para receber parte das 45 famílias que se amontoavam no Solar do Ferrão, dando-lhes melhores condições de conforto e de higiene, sem removê-las do local em que tinham relação de vivência.

Naqueles tempos, os que se dedicavam à preservação do patrimônio construído, dentre os quais me encontrava e sempre me encontrei, vivíamos momentos de enlevo com o paradigmático Plano de Bolonha, elaborado por Pier Luigi Cervelatti e sua equipe, a quem tive a fortuna de conhecer e dele receber um exemplar do trabalho publicado sobre o argumento, que guardo com muito carinho até hoje.

Neste trabalho pudemos observar o cuidado com que foi tratado o problema da moradia no Centro Histórico de Bolonha. Isto aconteceu, justamente, na minha estada em Florença para frequentar o Istituto di Restauro della Università degli studi di Firenze, na busca de mais me aproximar das coisas da restauração, no qual tive o prazer de conhecer Francesco Gurrieri e Dezzi Bardeschi, naqueles tempos jovens professores, hoje ícones do restauro monumental. Mas, vamos deixar de lado as memórias de vida e voltar ao assunto da habitação no nosso Centro Histórico.

O PLANO DIRETOR DO PELOURINHO (PLANDIP)

Para ação de maior envergadura, seria necessário colimar eventual plano diretor do Pelourinho e adjacências, com o plano diretor da Cidade do Salvador, já que um centro histórico não poderia ser pensado desvinculado deste. Porém, para efetuar esta tarefa, não encontramos abrigo no Plano de Cidades Históricas, não obstante os documentos oficiais falarem sempre de planejamento.

Esta situação foi contornada, dentro do próprio Governo da Bahia, já que os titulares dos órgãos estatais, sendo dos quadros

¹ *Atribui-se a autoria do forro a Antônio Simões Ribeiro ou José Joaquim da Rocha ou pelo menos a algum seguidor da escola destes mestres, pelas características de sua pintura ilusionista.*

da UFBA, como foi dito, tinham percepção mais sincronizada e nível cultural que lhes aguçava a sensibilidade de entendimento e da cultura preservacionista.

Em articulação com a CONDER, dirigida pelo Professor Osmar Sepúlveda, conseguimos montar o PLANDIP (Plano Diretor do Pelourinho), tutelado pela CONDER e pela FPACBA, colocando-se o Professor Antônio Heliodório Lima Sampaio, da nossa Faculdade de Arquitetura da UFBA, para pilotar o projeto, não porque fosse meu amigo, mas pela sua competência (mesmo que ainda bem jovem) e seriedade e, principalmente, por ter participado do PLANDURB (Plano Diretor de Urbanismo) e ter todas as condições de dialogar com seus dirigentes. Em virtude do afastamento do Professor Heliodório, para fazer a sua pós-graduação, foi substituído pelo Professor Roberto Cortizo Justo, também da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA).

Pensando em futuros desdobramentos da nossa pretendida política habitacional, demos início a um programa de desapropriação de alguns imóveis, principalmente aqueles sem uso, sem esperar que futuras intervenções de melhorias no local viessem elevar o seu preço às estratosferas, como é comum onde impera a famigerada especulação imobiliária.

Estas aquisições estavam direcionadas, prioritariamente, para certos quarteirões, que abrigariam os nossos projetos pilotos de unidades habitacionais. Quero deixar claro que, dos 24 imóveis adquiridos, alguns eram de grandes dimensões, como o Solar do Ferrão. Também procuramos pagar o preço justo de cada imóvel, para não prejudicar os seus proprietários, principalmente as ordens religiosas donatárias de alguns. Os recursos para estas desapropriações foram, exclusivamente, do estado da Bahia, e nenhuma delas foi contestada em juízo.

A nossa política de habitação foi ditada pelas diretrizes apontadas no PLANDIP, e foram projetados dois quarteirões habitacionais, denominados de 2-M e 10-M, sob a responsabilidade da arquiteta Etelvina Rebouças, nossa fiel e dedicada colaboradora

época, não financiavam obras em imóveis usados.

Com a mudança de administração, aqueles sonhos desceram pelo ralo, mas, felizmente, nunca se consegue tirar a um homem o direito de pensar e de sonhar. Os programas de habitação foram esquecidos, o PLANDIP colocado em algum arquivo morto, se é que não teve destino pior.

Ouçó agora as lamúrias das pessoas mais informadas, lamentando a inexistência de projetos habitacionais para o nosso Centro Histórico e de uma população identificada pela vivência com o local, onde quase não brincam crianças, nem os mais velhos falam dos seus achaques nas esquinas. Algumas ações tímidas são tomadas, mas não temos mais uma Programa de Cidades Históricas que permita socorrer, eficientemente, a nossa memória construída moribunda e, da maneira como andam as coisas, tão cedo não teremos!

O CABEDAL RESTAURADO QUE NOS DEIXOU O PCH

O quadro que apresentamos anteriormente reúne e identifica os principais empreendimentos de edifícios no Estado da Bahia, todos eles financiados, na maior parcela, pelo Programa de Cidades Históricas, o que representou uma captação de quase 14.000.000 de dólares, fazendo-se a devida conversão. Esta operação faz-se necessária em virtude da nossa moeda ter sofrido tantas mutações e desvalorizações até os dias atuais.

Mostramos, na sequência, imagens dos principais edifícios restaurados em Salvador e em algumas cidades do Recôncavo (*Figuras 4 à 7*), cujos critérios de intervenção sempre se revestiram de caráter minimalista, sem pirotecnias restaurativas, que deformam e descaracterizam os edifícios, sob o pretexto de marcar a moderna intervenção.

Ora, convenhamos, é desejável a demonstração discreta do que adicionamos de novo, por necessidade operacional ou técnica, a um velho edifício, para a sua reabilitação, mas esta men-

**Fig. 4 –
Convento dos
Humildes, em
Santo Amaro
da Purificação,
edifício
incendiado e
transformado
em ruína, após
restaurado**



ELIAS JOSÉ DE A. MACHADO



Fig. 5 – Solar Estrela, imponente casa nobre de Cachoeira salvo da ruína



Fig. 6 – Catedral Basílica, antiga igreja do colégio dos inacianos, no Terreiro de Jesus, junto à velha Faculdade de medicina, também objeto de restauração

Fig. 7 – Solar Ferrão, Rua Gregório de Matos, Pelourinho, restaurado para ser a sede da Fundação do Pelourinho. Com a extinção da Fundação passou a ser um Museu



sagem deve ser passada de maneira discreta e não feita “aos berros”, como tem acontecido amiúde, desfigurando e eliminando o caráter do edifício original e dos seus espaços, que são parte integrante da sua memória e da memória da cidade. É neste momento que sentimos a falta da virtude da humildade dos profissionais, que nos ensinou o mestre Camilo Boito, nas suas eloquentes reflexões, quando estamos diante de um velho monumento. Usar linguagem modernista exacerbada para destacar a contribuição da contemporaneidade é “falar alto” na presença dos antigos, o que é, no mínimo, uma falta de educação doméstica! Isto não quer dizer, entretanto, que aceitamos o “falso histórico” ou o pastiche na reintegração das lacunas no edifício ou no casario de uma cidade.

Para os que têm pouca intimidade com o argumento da intervenção no tecido urbano antigo, de valor cultural, de uma cidade, pedimos vênica para ilustrar a nossa reflexão com uma eloquente imagem (*Fig. 8*).

Salvo, também, da aniquilação foi a Quinta do Tanque ou Quinta dos Padres, herdade jesuítica famosa, onde, por algum

ACERVO DO AUTOR



Fig. 8 –
Despropósito
interventivo
no Centro
Antigo de
Salvador, na
parte posterior
da Igreja da
Barroquinha,
defronte
da sede do
IPHAN

tempo, diz a crônica, viveu o padre Antônio Vieira. Não obstante ter perdido o seu portentoso “tanque”, reserva hídrica a um tempo navegável por pequenos barcos, ainda é um edifício imponente e elegante (Figs. 9 e 10). Uma das alas foi inteiramente consumida por incêndio e o restante não tardaria a desaparecer, ocupada que foi por carpintarias arbitrárias, sem qualquer segurança. Melhor seria ter continuado como gafaria, destino que lhe impôs o rancoroso Pombal, com a expulsão dos jesuítas.

Os recursos para a reabilitação do ilustre monumento foram

FOTOS ACERVO DO AUTOR

**Fig. 9 –
Reconstrução
da ala
destruída por
incêndio**

**Fig. 10 –
Imagem atual
do edifício,
ocupado de
maneira
inadequada,
pelo Arquivo
Público do
Estado da Bahia**



do Governo do estado, no governo do Professor Roberto Santos, e do PCH. O projeto do Professor Paulo Azevedo e a execução da FPAC – BA. A ideia original, lembro-me bem, era ser ocupado pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Para terminar, desejo mostrar um exemplo daqueles bons tempos, em que não se demoliam edifícios como solução para enfrentar o problema do seu arruinamento. Ele tem tudo a ver com o exemplo mais recente, que iremos apresentar na mesa redonda do dia 1º de dezembro de 2017, do nosso ARQUIMEMÓRIA 5, só que, naqueles tempos, era tudo ousadia e intuição, já que a cultura do apoio científico da restauração nem estava ensaiando os primeiros passos entre nós! (*Figs. 11 e 12*).

Fig. 11 – Imóveis de nº 47, 49 e 51, da Rua Gregório de Matos, em estado de ruína, em processo de reaprumo das fachadas

Fig. 12 – Imóveis 47, 49 e 51, após reaprumo das fachadas e restauração



FOTOS: ACERVO DO AUTOR

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Sandra Rafaela Magalhães. *O Programa de Cidades Históricas (PCH): Por uma política integrada de preservação do Patrimônio Cultural – 1973/1979. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, Dissertação de Mestrado, 2012.

IPHAN. *Cartas patrimoniais*. Isabelle Cury (Org). Brasília: Edições do Patrimônio, 3ed, 2004.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de; SILVA, Maria da Conceição da Costa e; MOREIRA, Vicente Deocleciano; CAMPOS, Carlos Alberto Reis; MAZZA Jr, Raymundo; SILVA, Cândido Costa e. *Dez anos de Fundação*. Salvador: FPAC – BA, 1977.

PARENT. Michel. *Brésil: protection et mise en valeur du patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et écono.*

Mandinga ou Gitanas Nº2

(... quando a esquina é o melhor golpe...)

Dedicado ao maigo Vitor Rios

Vinicius Amaro (2014)

Lento, mas livre

The musical score is arranged in three systems, each with staves for Bandolim, Bouzouki, and Band.
 - **System 1:** Bandolim and Bouzouki parts. Bandolim starts with a *f* dynamic, followed by a *mf* section marked '2X'. Bouzouki has a *p < f > pp* dynamic range. Both instruments feature 'caxixi' effects and a '(perc.)' section.
 - **System 2:** Band and Bouzouki parts. Bandolim has a *mf* section marked '2X'. Bouzouki has a *sfz* section followed by *p* and *f* dynamics. Both instruments use '(c/ vareta)' techniques. A boxed section for Bandolim includes *mf* (2^o vez: *pp*) and *ff* (2^o vez: *mp*) dynamics, with a '(c/ palheta)' instruction.
 - **System 3:** Band and Bouzouki parts. Bandolim has a *p* section followed by *f* and *pp* dynamics, with a boxed section marked 'nX' (with a note: 'sendo necessária mais duas repetições após o termino do último módulo executado pelo bouzouki') and a duration of '~1:30". Bouzouki has a *pp* section followed by *f* and *p* dynamics, with a boxed section marked '2X' and another marked '8X'.

5

QUADRO DE
MEMBROS DA ACB

E-MAIL, ENDEREÇO E TELEFONE
DOS MEMBROS DA ACB

ALDINA MARIA PRADO BARRAL
aldinabarral@gmail.com; abarral@bahia.fiocruz.br
Laboratório de Imunoparasitologia
Rua Waldemar Falcão, 121 - Candeal
CEP: 40296-710 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3176-2279 / 2259

AMILCAR BAIARDI
amilcar.baiardi@gmail.com; amilcar.baiardi@ucsal.br;
amilcarbairdi@uol.com.br Av. Paulo VI, 2272. aptº 904,
Itaigara.
CEP: 41.810-001. Salvador, BA – Brasil
(71) 3358-2419 / 99977-3579 / (75) 3425-1038

ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA
alfredo@matta.pro.br; alfredomatta@gmail.com
Av. Sete De Setembro, 1914, Ap 401 – Salvador, BA
Departamento de Educação - UNEB, Campus I
Estrada das Barreiras, Cabula
CEP: 41.150-000 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3117-2405

ÁLVARO AUGUSTO SOUZA DA CRUZ FILHO

cruz.proar@gmail.com

ProAR - Núcleo de Excelência em Asma da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Centro de Saúde Carlos Gomes, 270, 7º andar

Salvador, BA - Brasil

(71) 3334-4643

ALEX VIEIRA DOS SANTOS

alexvieiradossantos@uol.com.br

Rua Minas Gerais, 383, Ap. 205, Ed. Seven Residence

CEP: 41830-020 - Salvador, BA - Brasil

(71) 99136-6566

ANA MARIA FERNANDES

anaf@ufba.br

Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (AUFBA)

Rua Caetano Moura, 121, Federação

CEP: 40210-905 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3283-5902

ANTÔNIO CELSO SPÍNOLA COSTA

pgquim@ufba.br

Rua Barão de Geremoabo, 147 - Campus Universitário de Ondina

CEP: 40170-290 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3235-2890 / 3336-9394 / 9989-2502

ANTÔNIO FERREIRA DA SILVA

afsilva@ufba.br; ferreira.fis@gmail.com

Rua Barão de Geremoabo, 147 - Campus Universitário de Ondina

CEP: 40170-290 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3235-2890/ 99989-2502

ARMÊNIO GUIMARÃES

armenioguimaraes17@gmail.com

Rua Guadalajara, nº 841/101, Morro do Gato, Ondina

CEP: 40140-460, Salvador, BA - Brasil

(71) 9959-4705

AROLDO MISI

aroldo.misi@gmail.com

Alameda das Algarobas, 143 Caminho das Árvores

CEP: 41820-500 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-8542 / 98759-8303

BERNARDO GALVÃO CASTRO FILHO

bgalvao@bahiana.edu.br; bgalvao@bahia.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz -

BA Laboratório Avançado de Saúde Pública

Rua Waldemar Falcão, 121 Candeal

CEP: 40296-710 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3276-8281 / 98831-3922

CAIO MÁRIO CASTRO DE CASTILHO

caio@ufba.br

Rua Calazans Neto, 727, Itapuã

CEP: 41620 830 - Salvador, BA - Brasil

(71) 99724-6202

CAMILA ALEXANDRINA VIANA DE FIGUEIRÊDO

cavfigueiredo@gmail.com / camilavf@ufba.br

Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia

(ICS/UFBA)

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do canela

CEP. 40.110-100 - Salvador, BA - Brasil

(71) 32838948 / 32838921

CAMILA INDIANI DE OLIVEIRA

camila@bahia.fiocruz.br

Instituto Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz (IGM/
FIOCRUZ)

R. Waldemar Falcão, 121, Candeal

CEP.: 40.296-70 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3176-2261 / Fax (71) 3176-2279

CARLOS ALFREDO LOPES DE CARVALHO

calfredo@ufrb.edu.br

Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Rua A, 489, Inocoop

CEP.: 44.380-000 - Cruz das Almas, BA – Brasil

(75) 3621-2885

CELSO CASTRO

cc@celsocastro.adv.br

Av. Tancredo Neves, 1632, Ed STC-Sul, salas 110-117

Caminho das Árvores

CEP: 41820-020 Salvador, BA - Brasil

(71) 3272-9999 (escritório)

CHARBEL NIÑO EL-HANI

charbel.elhani@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Biologia

Departamento de Biologia Geral Rua Barão do Geremoabo, 147,

Campus Universitário de Ondina

CEP: 40170-290 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6568 Fax: (71) 3283-6511

CRISTIANA NASCIMENTO CARVALHO
nascimentocarvalho@hotmail.com
Rua Prof Aristides Novis, 105, ap 1201-B, Federação
CEP: 40025-010 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-5582 / 99984-8648

DANTE AUGUSTO GALEFFI
dgaleffi@uol.com.br
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação
Departamento de Educação II Av. Reitor Miguel Calmon, s/n
Vale do Canela
CEP: 40110-100 - Salvador, BA - Brasil
(71) 99278-6460

DORA LEAL ROSA
doralr@ufba.br
Av Miguel Navarro Y Canizares, 400. Ed Serra Atlântica,
aptº 503, Pituba
CEP: 41810 215 - Salvador, BA - Brasil
71-3358-0567/ 99962-2463

DOMINGO HAROLDO R. C. REINHARDT
domingo.reinhardt@embrapa.br
EMBRAPA - Rua Embrapa - s/n Cx.Postal 007
CEP: 44380-000 - Cruz das Almas, BA - Brasil
(75) 3312-8027 (Embrapa) / 99905-3164 (celular)

EDGAR MARCELINO DE CARVALHO FILHO
edgar@ufba.br
Av. Santa Luzia, 149 - Edf. Bosque Itália, Aptº 601,
Horto Florestal
CEP: 40.295-050 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3245-5493 / (71) 3237-7353

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

edivaldoboaventura@gmail.com

Rua Dr. José Carlos, 99, Ed. Parque das Mangueiras, Ap. 801 -
Acupe de Brotas

CEP: 40.290-040 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3276-1242 (residência) / 98818-6199

EDNILDO ANDRADE TORRES

ednildo@ufba.br; ednildotorres@gmail.com

Condomínio Jardim Piatã, Qd 06, Lt 19 - Piatã

CEP: 41650-200 - Salvador, BA - Brasil

(71) 9887-65137 / Res. 3367-0240 / UFBA (71) 3283-9808

EDUARDO ALMEIDA

esa@rise.com.br

Rua Sócrates Guanaes Gomes, 215, Ed. France Tower, ap 1502,
Candeal

CEP: 40296-720 - Salvador, BA - Brasil

(71) 99977-8834 / 3116-7600

ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVÊDO

eedsea@uol.com.br

Av. Euclides da Cunha, 16 Ed. Serra da Graça, Ap. 102

CEP: 40150.122 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3247-9439 / (75) 99972-5420

ENALDO SILVA VERGASTA

vergasta@ufba.br; evergasta@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Matemática

Departamento de Matemática Av. Ademar de Barros, s/n

Ondina

CEP: 40170-110 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3367-0085 / 3283-6258 / 99972-7973

EVELINA DE CARVALHO SÁ HOISEL
hoisel@ufba.br
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA)
R. Barão de Jeremoabo, 147, Ondina
CEP: 40170-115 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3321-4301

FERLANDO LIMA SANTOS
ferlando@ufrb.edu.br
Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB)
Av. Carlos Amaral, 1015, Cajueiro
CEP: 44.574-490 - Santo Antônio de Jesus, BA – Brasil
(75) 3632-1869

FERNANDO CARDOSO PEDRÃO
fernandopedrao@gmail.com
Rua Renato de Menezes Berenguer, 177, ap 1303, Pituba
CEP: 41830-315 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3651-2501 (res) / 3273-8528 (unifacs)

GISELE OLÍMPIO DA ROCHA
giseleolimpiorocha@gmail.com / giseleor@ufba.br
Rua Ari Barroso, 143, Chame-Chame
CEP: 40.157-300 - Salvador, BA – Brasil
(71) 98484-6000

GUILHERME DE SOUSA RIBEIRO
guilherme.ribeiro@bahia.fiocruz.br / gsribeiro@gmail.com
Instituto Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz (IFM/
FIOCRUZ)
R. Waldemar Falcão, 121, Candeal
CEP: 40.296-710 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3334-4570

IRACY SILVA PICANÇO

iracy@ufba.br

Condomínio Jardim Piatã, Qd 06, Lt 19 - Piatã

CEP: 41650-200 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3367-4333 / 99967-0134 / 3367-2103

IRUNDI EDELWEISS

irundi.edel@gmail.com

Rua Edistio Pondé, 342 - Stiep

Cep: 41770-395 - Salvador, BA - Brasil

(71) 98876-7411 / 33431200

IURI MUNIZ PEPE

mpepe@ufba.br; lapo.if@gmail.com

Rua Rodrigo Argolo, 57 Ap. 501 Rio Vermelho

CEP: 41940-220 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6619

JAILSON B. DE ANDRADE

jailsong@ufba.br

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Química

Departamento de Química Geral e Inorgânica. Campus

Universitário de Ondina

CEP: 40170-290 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3237-5524/ 99985-8015

JAMARY OLIVEIRA

jamary@ufba.br

Lot. Colina da Fonte - Itapuã. Rua Tadeu Santos, 2 QF.

CEP: 41640-390 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3249-7753

JOÃO CARLOS SALLES PIRES DA SILVA
jcsalles@ufba.br
Rua Padre Camilo Torrend, 145, ap. 202, Federação
CEP: 40.210-650 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-7072 (reitoria UFBA)

JOÃO JOSÉ REIS
jjreis@ufba.br
Universidade Federal da Bahia Rua Aristides Novis, 197
Federação
CEP: 40210-630 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3235-5785

JORGE MAURÍCIO DAVID
jmdavid@ufba.br
Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (IQ/
UFBA)
R. Barão de Jeremoabo, 147, Ondina
CEP: 40.170-280 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-6864

JOSÉ ADEODATO DE SOUZA NETO
adeodato@hotmail.com.br
Av Princesa Isabel, 756, Ap. 606, Barra
CEP: 40140-000 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3235-3128

JOSÉ CARLOS BARRETO DE SANTANA
zecarlos@uefs.br
Rua São Jorge, 63 - Brasília
CEP: 44088708 - Feira de Santana, BA - Brasil
(75) 3616-4307 / (75) 98806-4317

JOSÉ MARIA LANDIM DOMINGUEZ

landim.jmd@gmail.com

Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia
(IGEO/ UFBA)

Rua Barão de Jeremoago, s/n, Ondina

CEP: 40.170-115 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-8605

JUAREZ MARIALVA TITO MARTINS PARAÍSO

juarezparaiso@terra.com.br

Rua Desembargador Castelo Branco, 06, Dois de Julho

CEP: 60040-040 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3012-0345 / 99988-6970

LEONARDO SENA GOMES TEIXEIRA

lsgt@ufba.br

Departamento de Química Analítica do Instituto de Química da
Universidade Federal da Bahia (IQ/UFBA)

R. Barão de Jeremoabo, 147, Ondina

CEP: 40.170-115 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6830

LILIAN LEFOL NANI GUARIEIRO

lilianguarieiro@gmail.com; lilian.guarieiro@fieb.org.br

Av. Orlando Gomes, 1845, Piatã

CEP: 41.650-010 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3879-5265

LILIANE ELZE FALCÃO LINS KUSTERER

liliane.lins@ufba.br

Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia

(FAMED/UFBA) - Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela

CEP: 40.110-100 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3036-2860

LUCIANO PAGANUCCI DE QUEIROZ
lqueiroz@uefs.br
Rua Topázio , 61, Brasília
CEP: 70640-540 - Feira de Santana, BA - Brasil
(75) 3161-8000 / 31618019

LUÍS CLÁUDIO LEMOS CORREIA
luisclcorreia@gmail.com
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP)
Av. Dom João VI, 275 – Brotas
CEP: 40.290-000 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3263-3584

LUIZ ANTONIO RODRIGUES DE FREITAS
freitas.luizar@gmail.com
Instituto Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz
(IGM/FIOCRUZ)
R. Waldemar Falcão, 121, Candeal
CEP. 40.297-710 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3353-9674 / 3176-2216

MANOEL ABÍLIO DE QUEIROZ
manoelabiliomaq@gmail.com
Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais da Universidade
Estadual da Bahia (DTCS/UNEB)
Av. Edgard Chastinet Guimarães, s/n, São Geraldo
CEP: 48.905-680 - Juazeiro, BA – Salvador
(87) 3861-3200

MANOEL BARRAL NETTO

mbarral@bahia.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz

Laboratório de Imunoregulação - LIM1

Rua Waldemar Falcão, 121 Candeal

CEP: 40296-710 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3176-2259 / 3176-2279

MANOEL GOMES DE MENDONÇA NETO

manoel.g.mendonca@gmail.com

Rua Sócrates Guanaes Gomes, 107, Candeal

CEP: 40.296-720 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6309

MANUEL VICENTE RIBEIRO VEIGA JÚNIOR

mveiga@ufba.br; mvrvj@yahoo.com.br

Rua Pituba 1039, Residencial Itapuã Lt. 02 Qd. 1-B (casa),

Alphaville I

CEP: 41.701-025 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3367-9770 / 98716-9948

MARIA DAS GRAÇAS ANDRADE KORN

korn@ufba.br

Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (IQ/
UFBA)

R. Barão de Jeremoabo, 147, Ondina,

CEP: 40.170-115 – Salvador, BA – Brasil

(71) 3283-6856

MARIA VIRGÍNIA GORDILHO MARTINS

vigagordilhofba@gmail.com

Av. sete de Setembro 2937, Ap. 501 Ladeira da Barra

CEP: 40130-000 - Salvador, BA - Brasil

(71) 98133 5221 / 3336 8511

MARILUCE DE SOUZA MOURA
marilucemouras@gmail.com
Reitoria da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Rua Augusto Viana, s/n, Canela
CEP: 40.110-909 - Salvador, BA – Brasil
(71) 3283-7062

MARIO MENDONÇA DE OLIVEIRA
mmo@ufba.br
Rua Edith Mendes da Gama, 175, Ap. 301, Itaigara.
CEP: 41815 019 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-9858 / 3283-9852 / 3359-2637 / 99613-6438

MAURÍCIO LIMA BARRETO
mauricio@ufba.br
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva
Rua Basilio da Gama, s/n Canela
CEP: 40110-040 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-7445/ 99114-9119

MILTON JOSÉ PORSANI
porsani@cpgg.ufba.br
Rua Padre Camilo Torrend, 96, Ap. 701, Federação.
CEP: 40.210-650 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3283-8530/ 99955-5492

MIRCO SOLÉ KIENLE
mksole@uesc.br
Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual
de Santa Cruz (DCB/UESC)
Rodovia Jorge Amado, Km 16, Salobrinho
CEP: 45.662-900 - Ilhéus, BA – Brasil
(73) 3680-5261

MITERMAYER GALVÃO DOS REIS

miter@bahia.fiocruz.br; mitergreis@gmail.com

Rua Conselheiro Correia de Menezes, 266 Apto 803

Horto Florestal

CEP: 40295-030 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3176-2289 / 3176-2205 / 3334-3383 / 98894-8861

NADIA HAGE FIALHO

nadahfialho@gmail.com

Rua Professor Aristides Novis, n.º 105, Edf. Bosque Suiço, Ap.

102-A, Federação CEP: 40.210-630 - Salvador, BA - Brasil

(71) 98811-3723

NAOMAR MONTEIRO DE ALMEIDA FILHO

naomaralmeida@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Saúde Coletiva Rua

Padre Feijó, 29 - 40 . andar, Canela

CEP: 40210-070 - Salvador, BA - Brasil

(71) 98820-1709

NELSON DE LUCA PRETTO

nelson@pretto.pro.br; pretto@ufba.br

Av. Cons. Pedro Luiz, 217/304

CEP: 41950-610 - Salvador, BA - Brasil

(71) 98779-1906

NIDIA MARIA LIENERT LUBISCO

nidialubisco@gmail.com

Rua Alberto Pondé, 109, Ap. 404, Ed. Pedra Azul - Candeal

CEP 40.296-250 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3452-8515 / 99144-9174

OLIVAL FREIRE JUNIOR
olival.freire@gmail.com
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física Departamento
de Física Geral Campus de Ondina
CEP: 40210-340 - Salvador, BA - Brasil
(71) 99101-7099

OLIVAR ANTONIO LIMA DE LIMA
olivar@cpgg.ufba.br
Rua Eng Marcondes Ferraz Q 20, L 11, Ipitanga
CEP: 42700-000. Lauro de Freitas, BA - Brasil
(71) 3283-8597 / 99977-5475

OTHON FERNANDO JAMBEIRO BARBOSA
othon@ufba.br ; othonfernando@uol.com.br
Rua Barros Pimentel, 144-B, Pituauçu
CEP: 41740-210 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3461-1312 / 99962-6320

PASQUALINO ROMANO MAGNAVITA
pasqualinomagnavita@terra.com.br
Travessa dos Barris 87, ap. 1001, Barris
CEP: 40070-070 - Salvador, BA - Brasil
(71) 98870-1747 / 3631-1737

PAULO COSTA LIMA
paulocostalima@terra.com.br
Universidade Federal da Bahia, Escola de Música Departamento
de Composição Literatura e Estruturação Musical Vale do
Canela, s/n
(71) 3283-7894 / 98832-1545

PEDRO AFONSO DE PAULA PEREIRA
pereira.pedroafonso@gmail.com; pedroapp@ufba.br
Rua Doutor Antonio Monteiro, 228 Ed. Álamo, Ap. 901 Itaipara
CEP: 41.815-130 - Salvador, BA - Brasil
(71) 99129-6441

PEDRO DE ALMEIDA VASCONCELOS
pavascon@uol.com.br
Universidade Católica do Salvador (UCSAL)
Av. Cardeal da Silva, 205, Federação
CEP: 40.231.250 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3043-0545

RAFAEL AUGUSTO DE MELO
melorafau@gmail.com
Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal da
Bahia (IM/UFBA)
Av. Adhemar de Barros, s/n, Ondina
CEP: 40.170-110 - Salvador, BA - Brasil
(71) 98788-2636

REJANE MARIA LIRA DA SILVA
rejanelirar2@gmail.com; rejane@ufba.br
Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia,
Instituto de Biologia - Av. Barão de Geremoabo, n. 147, Campus
Universitário de Ondina
Salvador, BA, 40.170-210
(71) 3035-2825 / (71) 99983-2825

ROBERT EVAN VERHINE
rverhine@gmail.com
Rua Artur de Sá Menezes, 302/502
CEP: 41810-480 - Salvador, BA - Brasil
(71) 3240-7810 / 98799-7285

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS

rf.santos@terra.com.br

Rua Basílio Catalá de Castro, nº 346, Condomínio Quinta do
Candeal

CEP: 40296-730 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3276-5760 / 991159532

ROBERTO FERNANDES SILVA ANDRADE

randrade@ufba.br

Rua Plínio Moscoso 94, apt 101

CEP: 40210-340 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3247-4442 / 98825-1034

ROBERTO PAULO CORREIA DE ARAÚJO

rpcaraujo@hotmail.com

Rua Aristides Novis, 70, Federação

CEP: 40.210-630 - Salvador, BA - Brasil

(71) 32458185, 3283-8891

RONALDO LOPES OLIVEIRA

ronaldooliveira@ufba.br

Pró-Reitoria de Ensino de Pós-Graduação

Rua Basílio da Gama, 6/8, Canela

CEP: 40.110-040 Salvador, BA – Brasil

(71) 3283-6716

SERGIO LUIS COSTA FERREIRA

sergio1057@yahoo.com.br; slcf@ufba.br

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Química

Departamento de Química Analítica Campus Universitário de
Ondina

CEP: 40170-290 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6831 / 99117-8046

SONIA LÚCIA RANGEL

sorangel@ufba.br

Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA)

Av. Araújo Pinho, 167, Ap. 201, Canela

CEP: 40.110-150 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3245-4772 / (71) 3033-7058

TÂNIA MARIA DIEDERICHS FISCHER

taniafischer@ciags.org.br

Escola de Administração - EAUFBA - CIAGS (Térreo)

Av. Reitor Miguel Calmon, s/n - Vale do Canela

CEP: 40110-903 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3331-2949 / 3283-7360 / 99158-4588 / 99946-3762

THIAGO ALBUQUERQUE DE ASSIS

thiagooa@ufba.br

Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia (FIS/UFBA)

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Federação

CEP: 40.110-100 - Salvador, BA

(71) 3271-1581 / (71) 3283-6667

VILTON PINHEIRO

viltonj@ufba.br

Rua Jardim Alto do Itaigara, 94, Cond. Diamon, Torre C, Ap. 23

Itaigara

CEP: 41815 -190 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3283-6258 / 98711-6296

YEDA DE ANDRADE FERREIRA

yeda@ufba.br; yedaaf@gmail.com

Rua Dr. José Carlos, 99, Ed. Parque das Mangueiras, Ap. 701 - Acupe
de Brotas

CEP: 40.290-040 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3328-0970 (residência) / (71) 99988-9365

WALTER NEI LOPES DOS SANTOS

wlopes@uneb.br

Departamento de Ciências Exatas e da Terra da Universidade

Estadual da Bahia (DCET/UNEB)

Rua Silveira Martins, 2555, Cabula

CEP. 41.150-000 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3117-2276

WILSON ARAÚJO LOPES

willopes@ufba.br

Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (IQ/
UFBA)

R. Barão de Jeremoabo, 147, Ondina

CEP: 40.170-115 – Salvador, BA – Brasil

(71) 3283-6884

ZELINDA MARGARIDA DE ANDRADE NERY LEÃO

zelinda.leao@gmail.com; zelinda@ufba.br

Rua Morro do Escravo Miguel, no . 252, apt. 202 Ondina

CEP: 40170-000 - Salvador, BA - Brasil

(71) 3247-5360 / 99962-1455

ZILTON A. ANDRADE

zilton@bahia.fiocruz.br

Rua Waldemar Falcão, 121 Brotas

CEP: 40290-001 - Salvador, BA – Brasil

(71) 3176-2206

ESTE LIVRO FOI PUBLICADO NO FORMATO 158 X 225 MM,
UTILIZANDO AS FAMÍLIAS TIPOGRÁFICAS META E META SERIF.
MIOLO EM PAPEL OFFSET, 90 G/M², E CAPA EM DUO DESIGN IMUNE 250 G/M²
IMPRESSO NA EMPRESA GRÁFICA DA BAHIA. TIRAGEM DE 400 EXEMPLARES

SALVADOR, BAHIA, 2018

CÓDIGO DE BARRAS